

LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE

# NOVAMERICA

*Otra  
Outra educación  
educação*

Nº 173  
jan-mar 2022

# Editorial

## Outra Educação

Um título simples e curto, mas com uma boa possibilidade de despertar a curiosidade em torno de qual é a temática central desta edição número 173.

Acreditamos que alguns de nossos/as leitores/as poderão achar que este título está sugerindo reflexão e debate sobre, por exemplo, a busca por novos caminhos para reinventar a educação e a escola. Outros/as leitores/as talvez estejam imaginando que a temática é sobre novos paradigmas e/ou novas metodologias e/ou novos formatos escolares e outros/as, ainda, acreditem que vamos nos dedicar a tratar de como acolher as diferenças culturais nos processos e práticas educativas. Com certeza, muitas outras ideias de temas vão surgir provocadas por esse título tão sugestivo.

Podemos afirmar, contudo, que todas essas e várias outras temáticas estão por trás dessa expressão que consideramos tão provocativa, mas também relevante, porque tem a possibilidade de nos remeter para inúmeros significados e categorias de análise, mas nesta edição que abre o ano de 2022, de modo mais específico, estamos enfatizando as questões que apontam relações entre educação, escola, cultura virtual, redes sociais e tecnologias e, que, certamente, estão atravessadas pelas variadas dimensões e abordagens que configuram os processos educativos em diferentes âmbitos e níveis.

Nesse sentido, acreditamos que os textos apresentados por nossos/as colaboradores/as, especialistas no tema em pauta, contribuem para ampliar e enriquecer a discussão sobre essas questões mais específicas e que estão na ordem do dia, provocadas, inclusive, pela necessidade de adoção do ensino remoto no contexto da pandemia e das suas consequências no período pós-pandêmico, mas também porque já há muito tempo vem “invadindo” (no bom sentido) o campo educacional.

Diante disso, pensar, construir e fazer acontecer **Outra Educação** envolve buscar respostas para questões como: quais são os desafios que precisam ser enfrentados pelos educadores/as

e/ou professores/as quando se trata de ter que lidar com a cultura virtual e a educação híbrida? Quais os possíveis impactos provocados pelos novos cenários da virtualidade, nos processos educativos? Que relações existem entre educação híbrida e outros modos de aprender? Faz sentido usar jogos digitais na sala de aula? Como lidar com os desafios da Educação 5.0 no contexto brasileiro? Como retomar o processo de ensino-aprendizagem na volta às aulas presenciais? A Educação híbrida veio para ficar? Se a Educação híbrida é uma alternativa potente, quais seriam, então, os desafios para fazê-la acontecer, respeitando, inclusive, uma de suas dimensões relevante, ou seja, a interatividade? Como não ficar refém da Plataformização na Educação? São respostas possíveis a essas perguntas que a Revista Novamerica tenta apresentar, por meio da contribuição dos/as experientes professores/as e pesquisadores/as que integram esta edição.

Cabe ressaltar que abrimos este número, dedicando um espaço especial para manifestar nossa adesão e compromisso com o Pacto Educativo Global, reconhecendo seus princípios fundamentais, como norteadores potentes e significativos, inclusive, quando articulados e em diálogo com as reflexões sobre cultura virtual, redes sociais, mídias digitais, educação híbrida, na perspectiva de conceber e construir **Outra Educação**.



# Editorial

## Otra Educación

Un título simple y corto pero que tiene grandes posibilidades de despertar la curiosidad en relación a cuál es el tema central de esta edición número 173.

Nos parece que algunos de nuestros/as lectores/as pensarán que dicho título sugiere reflexión y debate sobre, por ejemplo, la búsqueda de nuevos caminos para reinventar la educación y la escuela. Otros/as lectores/as tal vez imaginen que el tema es sobre nuevos paradigmas y/o nuevas metodologías y/o nuevos formatos escolares. Habrá también los/las que crean que trataremos sobre cómo darle la bienvenida a las diferencias culturales en los procesos y prácticas educativas. Ciertamente, muchas otras ideas de temas pueden surgir como consecuencia de un título tan sugerente.

Por otro lado, podemos afirmar que todas esas y varias otras temáticas se encuentran detrás de dicha expresión, la cual consideramos provocativa y también relevante porque ofrece la posibilidad de remitirnos a innúmeros significados y categorías de análisis. Pero en esta edición que abre el año 2022, enfatizamos, de modo específico, la relación entre educación, escuela, cultura virtual, redes sociales y tecnologías. Las mismas se ven atravesadas por las variadas dimensiones y por los abordajes que configuran los procesos educativos en diferentes ámbitos y niveles.

En este sentido, creemos que los textos que presentan nuestros/as colaboradores/as, especialistas en el tema, contribuyen para ampliar y enriquecer la discusión sobre esos aspectos que están a la orden del día y que inclusive surgieron por la necesidad de adoptar una enseñanza a distancia dentro del contexto de la pandemia y de la pos pandemia, pero también porque ya hace mucho tiempo están “invadiendo” (en el buen sentido) el campo educacional.

Ante ese panorama, pensar, construir y hacer posible **Otra Educación** exige buscar respuestas para preguntas como: ¿Cuáles son los desafíos que deben enfrentar los/las educadores/as y/o profesores/as cuando se trata de enfrentar la cultura virtual y la educación híbrida? ¿Cuáles son los posibles impactos provocados por los nuevos escenarios de la virtualidad dentro de los procesos educativos? ¿Qué relaciones existen entre la educación híbrida y los otros modos de aprender? ¿Tiene sentido usar juegos digitales en las clases? ¿Cómo lidiar con los desafíos de la Educa-



Foto de Ivan Samkov no Pexels

ción 5.0 dentro del contexto brasileño? ¿Cómo retomar el proceso de enseñanza-aprendizaje en la vuelta a las clases presenciales? ¿La educación híbrida vino para quedarse? Si la educación híbrida es una alternativa potente, ¿cuáles serían entonces los desafíos para hacerla posible, respetando, inclusive, una de sus dimensiones relevantes, o sea, la interactividad? ¿Cómo no quedar rehén de la Plataformización en la educación? Son respuestas posibles a estas preguntas que la Revista Novamerica/Nuevamerica intenta presentar por medio de la contribución de los/las experimentados/as profesores/as e investigadores/as que integran esta edición.

Cabe destacar que iniciamos este número dedicando un espacio especial para manifestar nuestra adhesión y compromiso con el Pacto Educativo Global, puesto que reconocemos sus principios fundamentales como ejes potentes y significativos, incluso cuando se articulan y están en diálogo con las reflexiones sobre cultura virtual, redes sociales, recursos digitales, educación híbrida, en la perspectiva de concebir y construir **Otra Educación**.

# Sumário



pág. 5

**Conversando com | Susana Sacavino | Brasil**

pág. 10

**Pacto Educativo Global para Justiça Ambiental**  
*Natalia Tavares Rios • Brasil*

pág. 12

**Conversando com | Susana Sacavino | Brasil**

pág. 17

**Pacto Educativo Global para la Justicia Ambiental**  
*Natalia Tavares Rios • Brasil*



pág. 19

**Conversando com | Marco Silva | Brasil**

pág. 23

**Sugestões de interatividade na educação híbrida**  
*Marco Silva • Brasil*

pág. 25

**Conversando com | Marco Silva | Brasil**

pág. 29

**Recomendaciones de interactividad en la educación híbrida**  
*Marco Silva • Brasil*



pág. 31

**Educación híbrida: “una nueva forma de aprender”**  
*Gabriela Brown Miranda • México*

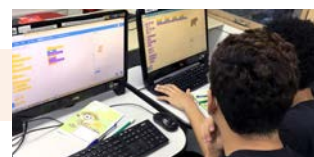
pág. 36

**Derechos y derecho a la educación en la virtualidad**  
*María del Rosario Alves • Uruguay*



pág. 37

**Usar o jogo em sala de aula é bom para que?**  
*Maria Aparecida Mamede-Neves • Brasil*





pág. 43

**La vuelta a la escuela presencial, impactos y desafíos**

*Alejandra Meza Ramírez • Chile*

pág. 48

**Desafios e perspectivas da cultura digital e da educação híbrida**

*Fausto Camargo • Brasil*



pág. 53

**El docente y su participación en una sociedad desigual**

*María Elena del Río • Argentina*



pág. 58

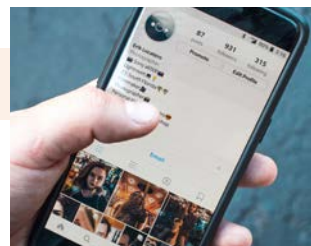
**Un desafío, la escuela va a tu encuentro**

*Antonio Leiva • Olga María Biasioli • Roberto Oscar Lorenzini • Argentina*

pág. 59

**Plataformização da educação: como não ficar refém das empresas multinacionais?**

*Gilberto Mendes • Brasil*



pág. 65

**La generación del vacío**

*María Luz Mardesich • Bolivia*

pág. 66

**Los nuevos escenarios en torno a la virtualidad y sus desafíos e impactos en la educación**

*Laura Feliz Rosario • República Dominicana*



pág. 69

**Educação 5.0? Quais os sentidos? Quais os desafios para o contexto brasileiro?**

*Daniel de Queiroz Lopes • Brasil*



pág. 74

**Mosaico**



# Conversando com Susana Sacavino

Brasil | sbsacavino@novamerica.org.br



Foto Acervo da Autora

**L**icenciada em Ciência Política pela Universidad Católica de Córdoba (Argentina), Mestre em Ciências Jurídicas pelo Instituto de Relações Internacionais e Doutora em Educação pelo Departamento de Educação da PUC-Rio. Atualmente é diretora da Revista Latino-americana Novamerica - Nuevamerica e da organização não governamental (ONG) - Novamerica, com sede no Rio de Janeiro, coordenadora do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco e pesquisadora associada do Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura/s (GECEC) do Departamento de Educação da PUC-Rio. Membro da equipe de direção do Colégio Teresiano (RJ). Como coordenadora da ONG Novamerica recebeu o Prêmio Direitos Humanos 2003, na categoria Educação em Direitos Humanos, outorgado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República Federativa do Brasil.

## Pacto Educativo Global: a educação é um ato de esperança

**Revista Novamerica** - *Gostaríamos de iniciar a nossa conversa com você nos situando acerca de como surgiu o Pacto Educativo Global.*

**Susana Sacavino** - Em outubro de 2020, no meio da pandemia, com fortes consequências no aumento das desigualdades de acesso e conectividade às plataformas digitais, de exclusão de muitas crianças e jovens do sistema escolar formal e com evidências de muitas fragilidades educativas a nível global consideradas uma catástrofe educativa, o Papa Francisco lançou o Pacto Educativo Global. Um convite amplo para uma convergência global dirigido



Foto iStock

à sociedade civil, às instituições e órgãos de governos, aos organismos internacionais, à igreja católica e às diferentes confissões religiosas, às educadoras e aos educadores, às crianças e aos jovens. Todos e todas são convocados e convidados a colocar a mediação educativa no centro para construir novos paradigmas culturais de vida e de convivência humana, social, econômica e política que

tenham como centro o cuidado da Casa Comum.

Na mensagem para a convocatória do Pacto Educativo, em 2019, o Papa Francisco afirmava que o mundo contemporâneo está em transformação contínua, vendo-se agitado por variadas crises. Vivemos uma mudança epocal: uma

metamorfose não só cultural, mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história. A educação é colocada à prova pela rápida aceleração - a chamada *rapidación* -, que prende a existência no turbilhão da velocidade tecnológica e digital, mudando continuamente os pontos de referência. Neste contexto, perde consistência a própria identidade e se desintegra a estrutura psicológica perante uma mudança incessante que «contrasta com a lentidão natural da evolução biológica» (Francisco, Carta enc. *Laudato Si*, 18).

Nesse sentido, e lembrando que na carta Encíclica *Laudato Si'* ele já tinha realizado um chamado e um convite para colaborar na salvaguarda da Casa Comum, visto todos os desafios que isso implica e tendo presente que toda mudança precisa de um processo educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora, lançou esta nova convocatória para um encontro mundial que seria realizado em maio de 2020, para reconstruir o Pacto Educativo Global. Um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna (Mensagem do Papa Francisco, 2019).

Devido à pandemia, o encontro teve que ser adiado, e o Pacto Educativo Global foi lançado pelo Papa Francisco virtualmente, através de uma videomensagem, divulgada num evento organizado na Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma, em outubro de 2020.



Foto da Matthew Henry do Burst

**Este pacto supõe um compromisso, uma adesão, um acordo entre partes. E neste sentido é um convite amplo, como já fizemos referência, um pacto educativo global para e com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras.**

**Revista Novamerica** - *Quem são as pessoas que estão convidadas a assumirem compromissos com o Pacto Educativo Global?*

**Susana Sacavino** - O Pacto Educativo Global foi convocado no contexto celebrativo dos 5 anos da Encíclica *Laudato Si'*, tem também inspiração no Documento da Fraternidade Humana, assinado pelo Pontífice e o Grão-Imame de Al-Azhar, em Abu Dhabi em 2019 e na carta Encíclica *Fratelli Tutti*, lançada pelo Papa Francisco em 2020.

Este pacto supõe um compromisso, uma adesão, um acordo entre partes. E neste sentido é um convite amplo, como já fizemos referência, um pacto educativo global para e com as gerações jovens, que empenhe as famílias, as comunidades, as escolas e universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a humanidade inteira na formação de pessoas maduras. Um pacto para gerar mudanças em escala planetária, para que a educação seja uma mediação criadora de fraternidade, paz e justiça. Uma necessidade ainda mais urgente neste tempo marcado pela pandemia.

No desejo de incluir o maior número possível de aderentes, mais possibilidades de efetivação e de somar esforços, o Papa também o relaciona com o documento, "Transformando o nosso Mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável" da Organização das Nações Unidas (ONU), também conhecido como Objetivos 2015 - 2030. No centro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável está o reconhecimento de que uma educação de qualidade para todos é uma base necessária para proteger a nossa Casa Comum e promover a fraternidade humana.



Foto April Bryant por Pixabay

Afirma-se, ainda, que os que assinem o pacto, com seu testemunho e trabalho, sejam promotores dos valores do cuidado, a paz, a justiça, a bondade, a beleza, a acolhida ao outro e a fraternidade. São sete compromissos para a transformação e criação de um mundo diferente, que promova o diálogo entre as culturas, a paz e a ecologia integral.

Para estudar, pensar e aprofundar os conhecimentos em alguns temas que se desprendem dos objetivos, algumas universidades de diferentes continentes foram especialmente convidadas para somar esforços nas pesquisas sobre os seguintes eixos: Dignidade e direitos humanos, a cargo da Universidade de Notre Dame

nos Estados Unidos; Paz e cidadania pela Universidade Lateranense de Roma (Itália) e a Universidade Católica de Austrália; Ecologia integral e tecnologia, a Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia; Fraternidade e desenvolvimento, a Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão (Itália), e Cultura e religiões a Pontifícia e Real Universidade de Santo Tomás, Universidade Católica de Filipinas.

**Revista Novamerica** - *Você poderia nos dizer quais são os objetivos do Pacto?*

**Susana Sacavino** - Com o pacto se procura articular esforços e ações no nível individual e coletivo através dos sete objetivos e compromissos a seguir, que podem ser enfatizados e trabalhados individualmente ou articulados em conjunto:

- 1 - Colocar a pessoa no centro de cada **processo educativo**, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.
- 2 - Ouvir a voz das **crianças, adolescentes e jovens** para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa.
- 3 - Favorecer a plena participação das **meninas e adolescentes** na educação.
- 4 - Ver na **família** o primeiro e indispensável sujeito educador.
- 5 - **Educar** e educarmo-nos para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.
- 6 - Encontrar, a partir do estudo, **outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso**, na perspectiva duma **ecologia integral**.
- 7 - Cuidar e cultivar a nossa **Casa Comum**, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis.

**Afirma-se, ainda, que os que assinem o pacto, com seu testemunho e trabalho, sejam promotores dos valores do cuidado, a paz, a justiça, a bondade, a beleza, a acolhida ao outro e a fraternidade. São sete compromissos para a transformação e criação de um mundo diferente, que promova o diálogo entre as culturas, a paz e a ecologia integral.**

A construção e promoção de novos paradigmas e propostas educativas requer uma aliança entre os/as protagonistas da missão educativa, um caminho cooperativo e colaborativo, que envolva todos, motivando-os a reconhecerem papéis e responsabilidades específicas e/ou compartilhadas. Esse compromisso educativo supõe e implica iniciativas que efetivem uma educação integral e inclusiva, de modo que,

pautada em relações fraternas, empáticas, solidárias e dialógicas, desenvolva novos modelos de convivência com o outro, com a vida e com a Casa Comum (CIEC, 2021, p.26).

É um convite a ser protagonista/s no sonho e na efetivação de uma educação democrática, inclusiva e fraterna, na que se experimente que todos somos irmãos e irmãs e cuidamos da vida em todas suas dimensões e da Casa Comum. Um convite para agir no presente com determinação e coragem porque *educar é um ato de esperança, não só porque se educa para construir um futuro, apostando nele, mas porque o ato mesmo de educar é atravessado por ela* (Papa Francisco). A esperança nasce deste compromisso de transformação e de circularidade global, em nome de uma educação que coloque a vida como centralidade ética e educativa, que promova a dignidade humana e cuide da vida em todas suas dimensões para que ninguém fique fora porque tudo está interligado.

O Papa Francisco, em várias ocasiões em que se tem referido ao Pacto, insiste em afirmar que o mundo pode mudar e que, de fato, já está mudando, a partir do momento que

aderimos a ele e começamos a trabalhar na criação e no desenvolvimento de novos paradigmas educativos. Urge tomar decisões e afrontar a mudança com coragem. O Papa nos convida a buscar companheiros/as de viagem no caminho da educação, para criar programas e implementá-los. Convida a estabelecer uma aliança entre todos, reconhecendo a unicidade e a individualidade de cada um e cada uma por meio de um compromisso contínuo de formação. Poderíamos dizer que respeitar a diversidade é, portanto, a condição prévia do pacto educativo. Um pacto global para a educação só pode se traduzir, principalmente, no reconhecimento da indispensabilidade de cada contribuição para afrontar a emergência educativa que já vivíamos desde vários anos e tem se agudizado com a pandemia. Ele nos convoca para que anunciemos e nos comprometamos com uma nova perspectiva social onde todos sejam considerados e respeitados como irmãos e irmãs, e onde se viva a mística de viver juntos, reconstituindo os laços partidos da fraternidade, criando, assim, uma sociedade mais equitativa na que seja possível promover a justiça social, a justiça econômica, a justiça cognitiva e a justiça ambiental.

**É um convite a ser protagonista/s no sonho e na efetivação de uma educação democrática, inclusiva e fraterna, na que se experimente que todos somos irmãos e irmãs e cuidamos da vida em todas suas dimensões e da Casa Comum. Um convite para agir no presente com determinação e coragem porque *educar é um ato de esperança, não só porque se educa para construir um futuro, apostando nele, mas porque o ato mesmo de educar é atravessado por ela* (Papa Francisco).**




Foto Aksh Kinjawadekar por Pixabay

**Revista Novamerica** - *Que mensagem você gostaria de deixar para nossos leitores e nossas leitoras?*

**Susana Sacavino** - O Pacto Educativo Global é um convite e uma proposta para ser abraçada no presente com visão e compromisso de médio e longo prazo. É um caminho educativo a implementar e afirmar no presente com visão e esperança no futuro, como afirma o Papa Francisco: a educação é um dos caminhos mais eficazes para transformar o mundo e humanizar a história. *Antes de mais nada, agradeço por se reunirem para fazer crescer nossas esperanças e planos compartilhados numa nova educação que estimule a transcendência da pessoa humana, o desenvolvimento humano integral e sustentável, o diálogo intercultural e inter-religioso, a salvaguarda do planeta, os encontros pela paz e a abertura a Deus.*

Os sete compromissos do pacto e as cinco áreas de pesquisa referidas nos convidam a somar esforços para tecer esta rede do Pacto Educativo Global desde o local, desde nosso espaço cotidiano. Este caminho nos desafia a criar projetos educativos inovadores e transformadores que valorizem as culturas, construam pontes intergeracionais e cuidem das periferias ambientais e existenciais, e as diferentes mediações tecnológicas e digitais são ferramentas importantes para a diminuição das desigualdades e a construção da cidadania fortalecendo esta aliança educativa.

Desde a Revista Novamerica, queremos manifestar nossa adesão e compromisso com a divulgação e as propostas do Pacto Educativo Global, a partir de diferentes temas que serão abordados ao longo deste ano 2022. Neste número, especialmente, queremos enfatizar a importância e os impactos da cultura digital e das tecnologias nos processos de ensinar e aprender, assim como, analisar os limites e as possibilidades da educação híbrida em diferentes níveis da escolaridade. Acredito que os demais colaboradores e colaboradoras desse número, com suas diversas reflexões e propostas vão nos ajudar a visualizar e construir vários caminhos.

E para os nossos leitores e leitoras lançamos a pergunta: você quer aderir ao Pacto? Quer deixar sua marca nesta construção? 

**Este caminho nos desafia a criar projetos educativos inovadores e transformadores que valorizem as culturas, construam pontes intergeracionais e cuidem das periferias ambientais e existenciais, e as diferentes mediações tecnológicas e digitais são ferramentas importantes para a diminuição das desigualdades e a construção da cidadania fortalecendo esta aliança educativa.**

Foto Guduru Ajay bhargav no Pexels



#### Referências

HERRERA CONTRERAS, H.S. (Org.) et alí. **Dicionário do Pacto Educativo Global**. Curitiba: ANEC, 2021.

PAPA FRANCISCO. Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html) Acessado em 27/9/2021.

PAPA FRANCISCO. Encontro Pacto Educativo Global. Juntos para olhar além. 15 de outubro de 2020. [https://www.youtube.com/watch?v=u-fpnZ\\_xHsrE](https://www.youtube.com/watch?v=u-fpnZ_xHsrE) Acessado em 27/9/2021.



## ■ PACTO EDUCATIVO GLOBAL PARA JUSTIÇA AMBIENTAL

**Natalia Tavares Rios**

Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ  
Setor Curricular de Ciências Biológicas | Brasil | ntrios@gmail.com

O descompasso entre o acelerado tempo histórico da evolução cultural e o lento tempo geológico da evolução biológica estrutura a grande crise ambiental atual. Inúmeras espécies vegetais e animais não possuem as respostas para as intensas mudanças ambientais em curso. Na verdade, nem a própria espécie humana tem estas respostas. Nossos corpos são como anciões de 200.000 anos que carregam as marcas de sua história evolutiva. Não estamos adaptados ao ambiente que nós mesmos criamos: adoecemos com a comida, o ar, a água e os hábitos que modificamos ou poluímos.

As consequências desta brusca mudança afetam a saúde humana física e mentalmente, afetam também o ambiente e todas as demais espécies de maneira articulada<sup>1</sup>. É possível identificar mecanismos locais e globais do modelo de desenvolvimento pautado no crescimento e concentração econômica que associa violações de direitos humanos à degradação ambiental. Isto é, a casa comum tem cômodos desiguais. Mantem os quartos de empregada sem janela no fundo da lavanderia, contrastando com suítes amplas e arejadas.



Foto Anderson Clayton Pereira no Pexels

Dito de outra forma, a crise ambiental afeta primeiramente e mais diretamente os mais pobres e vulneráveis, as populações de sacrifício (RIOS, 2016) que vivenciam de maneira mais intensa os prejuízos ambientais, pois possuem menos recursos para fugir dessas circunstâncias. O termo população de sacrifício é bastante produtivo, porque evidencia o caráter conflitivo da questão ambiental.

São parcelas da sociedade que têm sua cultura reduzida a folclore, são desacreditados por suas vestimentas, por sua fala, por sua cor. Têm acesso a alimentos contaminados e de baixa qualidade, a um sistema de saúde insuficiente, a um transporte público humilhante. Estes são os sacrificados. Sacrificados em nome do crescimento econômico de poucos. Junto com eles vão inúmeras espécies e paisagens.

São estas populações também que, no contexto de crise pandêmica, sofreram ainda mais com o aprofundamento das desigualdades educacionais de acesso e conectividade. O Pacto Educativo Global encoraja atores sociais locais e internacionais a se comprometerem com a educação de maneira prioritária, estabelecendo ações educativas que contribuam para superação desta crise humanitária. É preciso, então, repensar aspectos da educação para promover uma cultura de justiça e sustentabilidade, visando o estabelecimento da justiça ambiental entendida como:

“Práticas que asseguram que nenhum grupo social, seja ele étnico, racial, de classe ou gênero, suporte uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas de operações econômicas, decisões de políticas e de programas federais, estaduais, locais assim como da ausência ou omissão de tais políticas;(…) que **asseguram acesso justo e equitativo**, direto e indireto aos recursos ambientais e destinação de rejeitos e de localização de fontes de riscos ambientais (...): favorecem a constituição de **sujeitos coletivos de direitos**, movimentos sociais e organizações populares para serem protagonistas na construção de **modelos alternativos de desenvolvimento**, que assegurem a democratização do acesso aos recursos ambientais e sustentabilidade do seu uso.” (ACSELRAD, 2004 p.10 e 15)

A partir do conceito de justiça ambiental é possível pensar alguns desafios para a educação de jovens e crianças que podem nos orientar no cumprimento dos objetivos apontados pelo Pacto Educativo Global:

1. Construir um discurso de esperança no futuro, apesar de um cenário ainda de agravamento da crise.

2. Ser realista e não fortalecer falsas ideias de amplos consensos sociais ou de pequenas reformas na estrutura social-econômica como caminhos viáveis para superação da crise, ofuscando assim o caráter de conflito socioambiental inerente a um sistema econômico que produz concentração de riquezas.

3. Problematizar a cultura do descartável, e pensar a própria ideia de felicidade, satisfação e desejos de maneira sustentável, igualitária e saudável, no que se refere ao consumo e às relações.

4. Fugir de discursos moralistas e comportamentais focados exclusivamente no indivíduo e elucidar as relações entre aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e ecológicos.

5. Combater discursos homogeneizantes das culturas e povos, a fim de evidenciar as diferentes formas de se relacionar com a natureza e dela extrair seu sustento, mostrando que os impactos das práticas humanas são diferentes. De tal maneira, que as responsabilizações precisam refletir estas diferenças.

6. Articular as discussões socioambientais ao longo dos anos de escolaridade e das disciplinas escolares, abordando aspectos individuais e coletivos.

Os desafios que se colocam são imensos. Partimos do reconhecimento da educação como estratégica para construção de um contraponto urgente e necessário ao discurso hegemônico. Que reconheça a importância da sobrevivência da diversidade cultural e da biodiversidade para preservar

nossa própria espécie. As populações pobres, periféricas, indígenas, caiçaras, ribeirinhas, quilombolas etc. podem estar ou não em nossas salas, mas precisam estar em nossos discursos e práticas para a construção de uma cultura de justiça e sustentabilidade não-hostil à vida. Nossos direitos estão conectados. Nossa sobrevivência também.



ACSELRAD, H. Justiça Ambiental – ação coletiva e estratégias argumentativas. In: ACSELRAD, H.; HERCULANDO S. e PÁDUA, J. A. (orgs.) Justiça ambiental e Cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2004.

RIOS, N. T. Educação ambiental e Direitos humanos na formação inicial de professores de Ciências Biológicas. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: PPGE/PUC, 2016.

## Notas

1 Conforme apresentado no Relatório intitulado *Sindemia Global*. Produzido por um conjunto por cientistas especialistas de diferentes áreas de conhecimento e divulgado pela revista *The Lancet*, o relatório evidencia as origens comuns e relações de causa e efeito que retroalimentam as pandemias de obesidade, de desnutrição e mudanças climáticas em todo globo terrestre. Estas pandemias são sintomas de um projeto global de desenvolvimento que há tempos dá sinais de esgotamento e inviabilidade. E neste contexto, a escola tem papel importante na mudança de comportamentos e fortalecimento de coletividades locais. No Brasil, este relatório foi traduzido e divulgado pelo IDEC e pelo NUPENS/USP. Disponível em: [https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the\\_lancet-sumario\\_executivo-baixa.pdf](https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf)

# Conversando con Susana Sacavino

Brasil | sbsacavino@novamerica.org.br

Foto Acervo da Autora



**L**icenciada en Ciencias Políticas por la Universidad Católica de Córdoba (Argentina), Máster en Ciencias Jurídicas por el Instituto de Relaciones Internacionales y Doctora en Educación por el Departamento de Educación de la PUC-Río de Janeiro (RJ). Actualmente es directora de la revista Latinoamericana Novamerica/ Nuevamerica y de la organización no gubernamental (ONG) – Novamerica, con sede en Río de Janeiro. También es coordinadora del Observatorio de Educación en Derechos Humanos en Foco e investigadora asociada al Grupo de Estudios sobre Vida Cotidiana, Educación y Cultura/s (GECEC), del Departamento de Educación de la PUC-RJ. Es miembro del equipo de dirección del Colegio Teresiano (RJ). Como coordinadora de la ONG Novamerica recibió el Premio Derechos Humanos 2003, en la categoría Educación en Derechos Humanos, otorgado por la Secretaría Especial de Derechos Humanos de la Presidencia de la República Federativa de Brasil.

## Pacto Educativo Global: la educación es un acto de esperanza

**Revista Novamerica** - Para empezar, quisieramos que nos relate cómo surgió el Pacto Educativo Global.

**Susana Sacavino** – El Papa Francisco lanzó el Pacto Educativo Global en octubre de 2020, en medio a la pandemia, con fuertes consecuencias en el aumento de las desigualdades de acceso y conectividad a las plataformas digitales, de exclusión de muchos niños y jóvenes del sistema escolar formal y con evidencias de muchas fragilidades educativas a nivel global consideradas una catástrofe educativa. Es una invitación amplia para una convergencia global que va dirigida a la sociedad civil, a las instituciones y órganos de gobierno, a los organismos internacionales, a la iglesia católica y a las diferentes confesiones religiosas, a las educadoras y educadores, a los niños y a los jóvenes. Convocó a todos y todas y los invitó a poner la mediación educativa en

el centro para construir nuevos paradigmas culturales de vida y de convivencia humana, social, económica y política, que tengan como centro el cuidado de la Casa Común.

En el mensaje para la convocatoria del Pacto Educativo, en 2019, el Papa Francisco afirmaba que el mundo contemporáneo está en transformación continua y que se ve agitado por variadas crisis. Vivimos un cambio de época: una metamorfosis no solo cultural, sino también antropológica, la cual genera nuevos lenguajes y descarta, sin discernimiento, los paradigmas recibidos de la historia. La educación es puesta a prueba por la rápida aceleración -la llamada *rapidación*-, que prende la existencia al torbellino de la velocidad tecnológica y digital, cambiando continuamente los puntos de referencia. En este contexto, pierde consistencia la propia identidad y se desintegra la estructura psicológica frente a un cambio incesante que “contrasta con la lentitud natural de la evolución biológica” (Francisco, Carta Enc. Laudato Si, 18).



En este sentido, y recordando que en la carta Encíclica *Laudato Si'*, él ya había hecho un llamado y una invitación para colaborar en la salvaguardia de la Casa Común, en vista de todos los desafíos que ello implica y teniendo en cuenta que todo cambio necesita de un proceso educativo para hacer madurar una nueva solidaridad universal y una sociedad más acogedora, lanzó esta nueva convocatoria para un encuentro mundial que se realizaría en mayo de 2020, para reconstruir el Pacto Educativo Global. Un encuentro para reavivar el compromiso en pro y con las generaciones jóvenes, renovando la pasión por una educación más abierta e inclusiva, capaz de una escucha paciente, de un diálogo constructivo y de una mutua comprensión. Nunca, como ahora, hubo necesidad de unir esfuerzos en una amplia alianza educativa para formar personas maduras, capaces de superar fragmentaciones y contrastes y reconstruir el tejido de las relaciones en orden a una humanidad más fraterna (Mensaje del Papa Francisco, 2019).

Debido a la pandemia, el encuentro tuvo que ser postergado y el Pacto Educativo Global fue lanzado por el Papa Francisco de forma virtual por medio de video mensaje divulgado en un evento que fue organizado en la Pontificia Universidad Lateranense, en Roma, en octubre de 2020.

## Un pacto para generar cambios en escala planetaria, para que la educación sea una mediación creadora de fraternidad, paz y justicia. Una necesidad aún más urgente en este tiempo marcado por la pandemia.

**Revista Novamerica** - *¿Quiénes están invitados a comprometerse con el Pacto Educativo Global?*

**Susana Sacavino** - El Pacto Educativo Global fue convocado en el contexto celebrativo de los 5 años de la Encíclica *Laudato Si'*. Se inspira también en el Documento de la Fraternidad Humana, firmado por el Pontífice y el Gran Imán de Al-Azhar, en Abu Dabi en 2019, y en la carta Encíclica *Fratelli Tutti*, lanzada por el Papa Francisco en 2020.

Este pacto supone un compromiso, una adhesión, un acuerdo entre partes. Y en este sentido es, como ya mencioné, una invitación amplia, un pacto educativo global para y con las generaciones jóvenes, que empuje a las familias, a las comunidades, a las escuelas y universidades, a las instituciones, las religiones, los gobernantes, a la humanidad entera en la formación de personas maduras. Un pacto para generar cambios en escala planetaria, para que la educación sea una mediación creadora de fraternidad, paz y justicia. Una necesidad aún más urgente en este tiempo marcado por la pandemia.

En el deseo de incluir el mayor número posible de adeptos, y de tener más posibilidad de concretar y de sumar esfuerzos, el Papa Francisco también lo relaciona con el documento "Transformando nuestro Mundo: la agenda 2030 para el desarrollo sustentable", de la Organización de las Naciones Unidas (ONU), también conocido como Objetivos 2015-2030. En el centro de los Objetivos de Desarrollo Sustentable está el reconocimiento de que una educación de calidad para todos es una base necesaria para proteger nuestra Casa Común y promover la fraternidad humana.

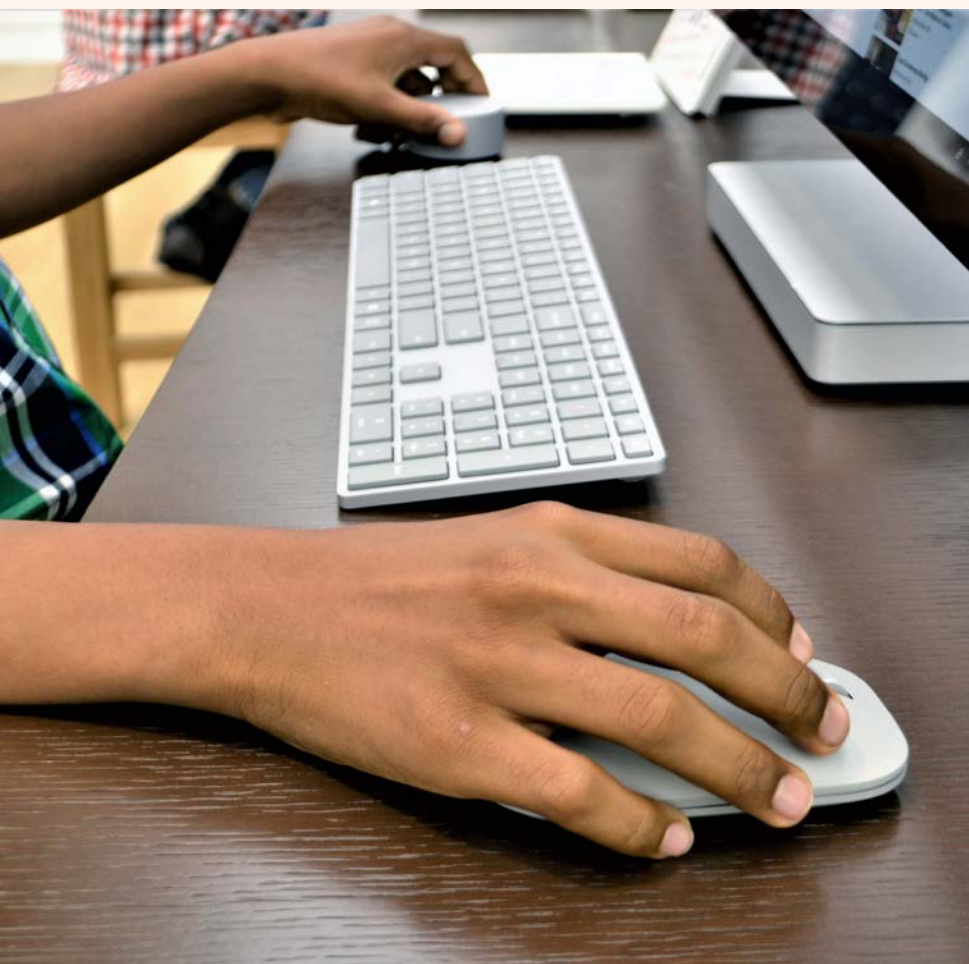


Foto F. Muhammad por Pixabay

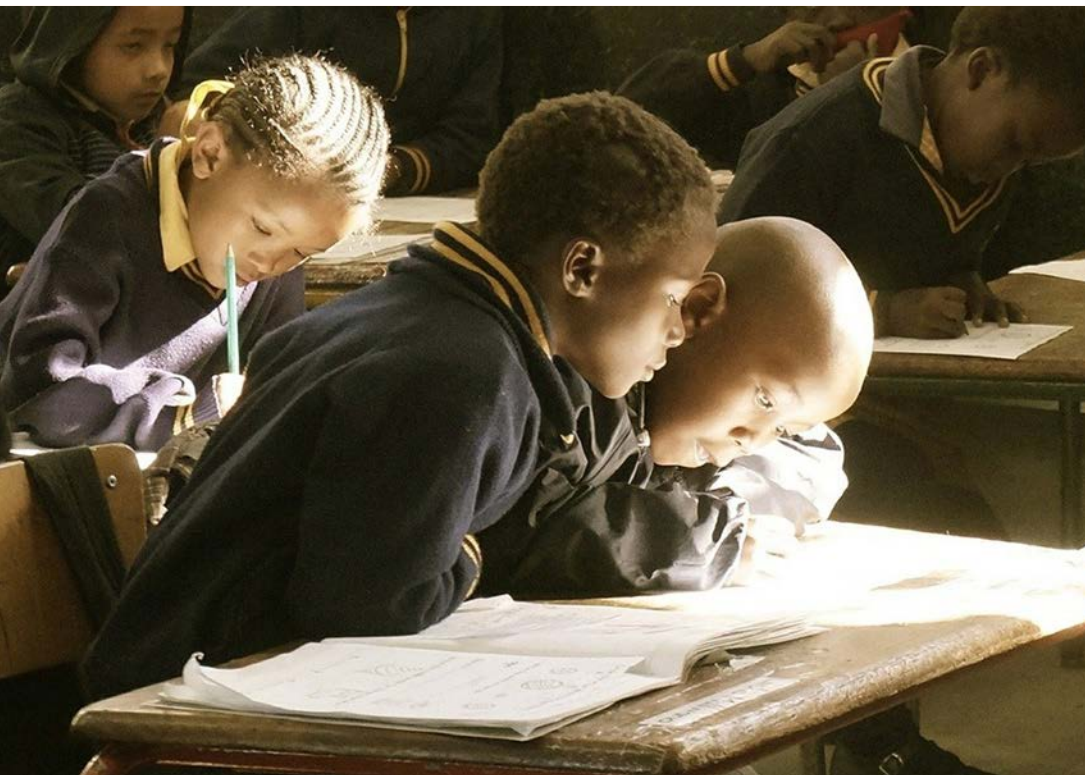


Foto Iudi por Pixabay

**Oír la voz de los niños, adolescentes y jóvenes para que juntos construyamos un futuro de justicia y de paz y una vida digna para cada persona.**

**Revista Novamerica** - ¿Podría decirnos cuáles son los objetivos del Pacto?

**Susana Sacavino** - Con el pacto se intenta articular esfuerzos y acciones a nivel individual y colectivo por medio de los siete objetivos y compromisos que siguen a continuación, los cuales pueden enfatizarse individualmente o pueden articularse en conjunto:

1 - Poner a la persona en el centro de cada **proceso educativo**, realzar su especificidad y su capacidad de relacionarse con los otros y oponerse a la cultura de lo descartable;

2 - Oír la voz de los **niños, adolescentes y jóvenes** para que juntos construyamos un futuro de justicia y de paz y una vida digna para cada persona;

3 - Favorecer la plena participación de las **niñas y adolescentes** en la educación;

4 - Ver en la **familia** el primer e indispensable sujeto educador;

5 - **Educar** y educarnos para la acogida, abriéndonos a los más vulnerables y marginalizados;

6 - Encontrar, a partir del estudio, **otras formas de comprender la economía, la política, el crecimiento y el progreso**, desde la perspectiva de una **ecología integral**;

7 - Cuidar y cultivar nuestra **casa común**, protegiendo sus recursos, adoptando estilos de vida más sobrios y apostando en la utilización exclusiva de energías renovables.

Se afirma, además, que los que firmen el pacto, con su testimonio y trabajo, serán promotores de los valores del cuidado, la paz, la justicia, la bondad, la belleza, la acogida al otro y la fraternidad. Son siete compromisos para la transformación y la creación de un mundo diferente, que promueva el diálogo entre las culturas, la paz y la ecología integral.

Para estudiar, pensar y detenerse profundamente en los conocimientos y en algunos temas que se desprenden de los objetivos, algunas universidades de diferentes continentes fueron especialmente invitadas a sumar esfuerzos en las investigaciones sobre los siguientes ejes: Dignidad y derechos humanos, a cargo de la Universidad de Notre Dame en los Estados Unidos; Paz y ciudadanía, a cargo de la Universidad Lateranense de Roma (Italia) y de la Universidad Católica de Australia; Ecología integral y tecnología, en la Pontificia Universidad Javeriana de Colombia; Fraternidad y desarrollo, en la Universidad Católica de Sacro Cuore de Milán (Italia); y Cultura y religiones, a cargo de la Pontificia y Real Universidad de Santo Tomás, Universidad Católica de Filipinas.

La construcción y promoción de nuevos paradigmas y propuestas educativas requiere una alianza entre los/las protagonistas de la misión educativa, un camino cooperativo y colaborativo que involucre a todos y que los motive

a reconocer los roles y responsabilidades específicas y/o compartidas. Este compromiso educativo supone e implica iniciativas que hagan efectiva una educación integral e inclusiva, de modo que, pautada en relaciones fraternas, empáticas, solidarias y dialógicas, ponga en marcha nuevos modelos de convivencia con el otro, con la vida y con la Casa Común (CIEC, 2021, p. 26).

Es una invitación a ser protagonista/s en el sueño y en la concreción de una educación democrática, inclusiva y fraterna, en la que todos podamos ser hermanos y hermanas y cuidemos de la vida en todas sus dimensiones y de la Casa Común. Una invitación a actuar en el presente con determinación y coraje porque *educar es un acto de esperanza, no solo porque se educa para construir un futuro, apostando en él, sino porque el acto mismo de educar es atravesado por ella* (Papa Francisco). La esperanza nace de este compromiso de transformación y de circularidad global, en nombre de

una educación que ponga a la vida en un centro ético y educativo, que promueva la dignidad humana y cuide de la vida en todas sus dimensiones para que nadie quede afuera porque todo está conectado.

El Papa Francisco, en las varias ocasiones en que se refirió al Pacto, insiste en afirmar que el mundo puede cambiar y que, de hecho, ya está cambiando a partir del momento en que adherimos a él y comenzamos a trabajar en la creación y en la puesta en marcha de nuevos paradigmas educativos. Urge tomar decisiones y afrontar el cambio con coraje. El Papa nos invita a buscar compañeros/as de viaje en el camino de la educación, para crear programas e implementarlos. Nos invita a establecer una alianza entre todos y a reconocer la unicidad y la individualidad de cada uno y cada una por medio de un compromiso continuo de formación. Podríamos decir que respetar la diversidad es, por lo tanto, la condición previa del pacto educativo. Un pacto global para la educación solo puede traducirse, principalmente, en el reconocimiento de la indispensabilidad de cada contribución para afrontar la emergencia educativa que ya vivimos desde hace varios años y que se ha agudizado con la pandemia. Nos convoca a que anunciemos y nos comprometamos con una nueva perspectiva social en la que todos sean considerados y respetados como hermanos y hermanas, y en la que se viva la mística de vivir juntos, reconstituyendo los lazos partidos de la fraternidad y creando, así, una sociedad más equitativa en la que sea posible promover la justicia social, la justicia económica, la justicia cognitiva y la justicia ambiental.

**Este compromiso educativo supone e implica iniciativas que hagan efectiva una educación integral e inclusiva, de modo que, pautada en relaciones fraternas, empáticas, solidarias y dialógicas, ponga en marcha nuevos modelos de convivencia con el otro, con la vida y con la Casa Común (CIEC, 2021, p. 26).**




**Revista Novamerica** - *¿Qué mensaje quisiera dejarles a nuestros lectores y lectoras?*

**Susana Sacavino** - El Pacto Educativo Global es una invitación y una propuesta para ser abrazada en el presente con visión y compromiso de medio y largo plazo. Es un camino educativo a ser implementado y afirmado en el presente con visión y esperanza en el futuro, como afirma el Papa Francisco: la educación es uno de los caminos más eficaces para transformar el mundo y humanizar la historia. *Antes que nada, agradezco que se hayan reunido para hacer crecer nuestras esperanzas y planes compartidos por una nueva educación que estimule la trascendencia de la persona humana, el desarrollo humano integral y sustentable, el diálogo intercultural e interreligioso, la salvaguardia del planeta, los encuentros por la paz y la abertura a Dios.*

Los siete compromisos del pacto y las cinco áreas de investigación a que me referí nos invitan a sumar esfuerzos para construir esta red del Pacto Educativo Global desde lo local, desde nuestro espacio cotidiano. Este camino nos desafía a crear proyectos educativos innovadores y transformadores que valoren las culturas, construyan puentes y cuiden las periferias ambientales y existenciales. Y las diferentes mediaciones tecnológicas y digitales son herramientas importantes para la disminución de las desigualdades y para la construcción de la ciudadanía, con las que se fortalece esta alianza educativa.

Desde la Revista Novamerica/Nuevamerica, quiero manifestar nuestra adhesión y compromiso con la divulgación y las propuestas del Pacto Educativo Global, a partir de diferentes temas que serán abordados a lo largo del año 2022. En este número, especialmente, queremos enfatizar la importancia y los impactos de la cultura digital y de las tecnologías en los procesos de enseñar y aprender, así como analizar los límites y las posibilidades de la educación híbrida en diferentes niveles de escolaridad. Creo que los otros colaboradores y colaboradoras de este número, con sus diversas reflexiones y propuestas, nos van a ayudar a visualizar y a construir varios caminos.

Y a nuestros lectores y lectoras les lanzamos la siguiente pregunta: ¿Usted quiere adherir al Pacto? ¿Quiere dejar su marca en esta construcción? 

### Referencias

HERRERA CONTRERAS, H.S. (Org.) et all. **Dicionário do Pacto Educativo Global**. Curitiba: ANEC, 2021.

PAPA FRANCISCO. Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco\\_20190912\\_messaggio-patto-educativo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html) Consultado el 27/9/2021.

PAPA FRANCISCO. Encontro Pacto Educativo Global. Juntos para olhar além. 15 de outubro de 2020. [https://www.youtube.com/watch?v=ufpnZ\\_xHsrE](https://www.youtube.com/watch?v=ufpnZ_xHsrE) Consultado el 27/9/2021.

**El Pacto Educativo Global es una invitación y una propuesta para ser abrazada en el presente con visión y compromiso de medio y largo plazo. Es un camino educativo a ser implementado y afirmado en el presente con visión y esperanza en el futuro, como afirma el Papa Francisco.**



Foto Daniel Joshua por Pixabay



## ■ PACTO EDUCATIVO GLOBAL PARA LA JUSTICIA AMBIENTAL

**Natalia Tavares Rios**

Profesora del Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ).  
Sector Curricular de Ciencias Biológicas | Brasil | ntrios@gmail.com

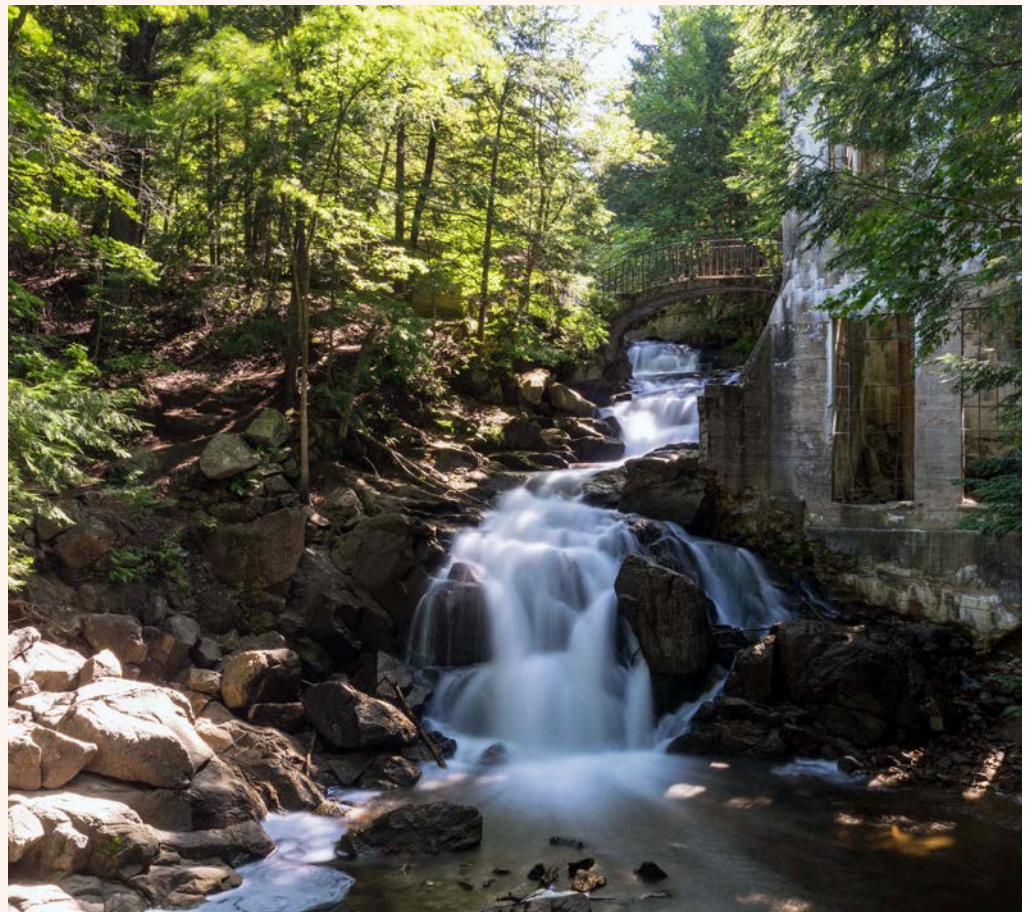
**E**l descompaso entre el acelerado tiempo histórico de la evolución cultural y el lento tiempo geológico de la evolución biológica es estructurante de la gran crisis ambiental de la actualidad. Ninguna de las innumerables especies vegetales y animales posee las respuestas para los intensos cambios ambientales en curso. En realidad, ni siquiera la misma especie humana tiene esas respuestas. Nuestros cuerpos son como ancianos de 200.000 años que cargan con las marcas de su historia evolutiva. No estamos adaptados al ambiente que nosotros mismos creamos: nos enfermamos con la comida, con el aire, el agua y con los hábitos que modificamos o contaminamos.

Las consecuencias de este cambio brusco afectan a la salud humana física y mentalmente, afectan también al ambiente y a todas las demás especies de manera articulada.<sup>1</sup> Es posible identificar mecanismos locales y globales del modelo de desarrollo pautado en el crecimiento y concentración económica que asocia violaciones de los derechos humanos a la degradación ambiental. Es decir, la casa

común tiene ambientes desiguales. Mantiene el cuarto de empleada sin ventanas, en el fondo de la lavandería, en contraste con cuartos amplios y aireados.

Dicho de otra manera, la crisis ambiental afecta en primer lugar, y de modo más directo, a los más pobres y vulnerables, a las poblaciones de sacrificio (Rios, 2016) que vivencian de forma más intensa los

perjuicios ambientales, dado que tienen menos recursos para escapar de esas circunstancias. La expresión población de sacrificio es bastante productiva porque pone en evidencia el carácter conflictivo de la cuestión ambiental. Son sectores de la sociedad que ven su cultura reducida a folclore y se los desacredita por su vestimenta, por su habla, por su color. Tienen acceso a alimentos contaminados



y de baja calidad, a un sistema de salud insuficiente, a un transporte público humillante. Estos son los sacrificados. Sacrificados en nombre del crecimiento de pocos. Junto con ellos, se pierden innumerables especies y paisajes.

Son también estas poblaciones las que, dentro del contexto de la crisis pandémica, sufrieron más por haberse agudizado las desigualdades educacionales de acceso a la conectividad. El Pacto Educativo Global incita a los actores sociales locales e internacionales a comprometerse con la educación de manera prioritaria y establecer acciones educativas que contribuyan a la superación de esta crisis humanitaria. Es necesario, entonces, repensar aspectos de la educación para promover una cultura de justicia y sustentabilidad, teniendo como objetivo establecer la justicia ambiental, entendida como:

“Prácticas que aseguran que ningún grupo social, sea étnico, racial, de clase o género, soporte una parcela desproporcional de las consecuencias ambientales negativas de operaciones económicas, de decisiones de políticas y de programas federales, del estado, locales, así como de la ausencia u omisión de tales políticas; (...) que **aseguran acceso justo y equitativo**, directo e indirecto a los recursos ambientales, destino de detritos y localización de fuentes de riesgos ambientales (...): favorecen la constitución de **sujetos colectivos de derechos**, movimientos sociales y organizaciones populares que son protagonistas en la construcción de **modelos alternativos de desarrollo**, que aseguren la democratización del acceso a los recursos ambientales y la sustentabilidad de su uso” (ACSELRAD, 2004, p. 10 y 15).

A partir del concepto de justicia ambiental es posible pensar en algunos desafíos para la educación de los jóvenes y niños que pueden orientarnos para el cumplimiento de los objetivos que señala el Pacto Educativo Global:

*Construir un discurso de esperanza hacia el futuro, a pesar de aún haber un escenario de agravamiento de la crisis.*

*Ser realista y no fortalecer falsas ideas de amplios consensos sociales o de pequeñas reformas en la estructura social-económica como caminos viables para la superación de la crisis, ofuscando así el carácter de conflicto socio-ambiental inherente a un sistema económico que produce concentración de riquezas.*

*Problematizar la cultura de lo descartable y pensar la propia idea de felicidad, satisfacción y deseos de manera sustentable, igualitaria y sana, en lo que se refiere al consumo y a las relaciones.*

*Huir de discursos moralistas y de comportamientos fijos exclusivamente en el individuo y elucidar las relaciones entre aspectos sociales, culturales, económicos, políticos y ecológicos.*

*Combatir discursos homogeneizadores de las culturas y los pueblos con el fin de dejar en evidencia las diferentes formas de relacionarse con la naturaleza y de extraer de ella el sustento, y mostrar que los impactos de las prácticas humanas son distintos. Del mismo modo, que las responsabilizaciones precisen reflexionar sobre estas diferencias.*

*Articular las discusiones socio-ambientales a lo largo de los años de escolaridad y de las disciplinas escolares, y abordar aspectos individuales y colectivos.*

Los desafíos que se presentan son inmensos. Partimos del reconocimiento de la educación como estrategia para la construcción de un contrapunto urgente y necesario al discurso hegemónico. Que reconozca la importancia de la sobrevivencia de la diversidad cultural y de la biodiversidad para preservar nuestra propia especie. Las poblaciones pobres, periféricas, indígenas, caçaras, ribereñas, quilombolas, etc., pueden estar o no en nuestras aulas, pero es necesario que estén en nuestros discursos y prácticas para la construcción de una cultura de justicia y sustentabilidad no hostil hacia la vida. Nuestros derechos están conectados. Nuestra sobrevivencia también.



ACSELRAD, H. Justiça Ambiental – ação coletiva e estratégias argumentativas. In: ACSELRAD, H.; HERCULANDO S. e PÁDUA, J. A. (Orgs.) Justiça ambiental e Cidadania. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2004.

RIOS, N. T. Educação ambiental e Direitos humanos na formação inicial de professores de Ciências Biológicas. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: PPGE/PUC, 2016.

## Notas

- 1 Tal como fue presentado en el Informe intitulado *Sindemia Global*, producido por un conjunto de científicos especialistas de diferentes áreas del conocimiento y divulgado por la revista *The Lancet*, el informe deja evidencias de los orígenes comunes y de las relaciones de causa y efecto, que retroalimentan a las pandemias de obesidad, de desnutrición y cambios climáticos en todo el globo terrestre. Estas pandemias son síntomas de un proyecto global de desarrollo que ya hace tiempo da señales de agotamiento e inviabilidad. Dentro de ese contexto, la escuela desempeña un papel importante en el cambio de comportamientos y en el fortalecimiento de colectividades locales. En Brasil, dicho informe fue traducido y divulgado por el IDEC y por el NUPENS/USP. Disponible en: [https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the\\_lancet-sumario\\_executivo-baixa.pdf](https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/08/idec-the_lancet-sumario_executivo-baixa.pdf)

# Conversando com Marco Silva

| Brasil | mparangole@gmail.com

Foto Acervo do Autor



**G**raduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas/RJ (1992), doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1999) e pós-doutor em Educação na Universidade do Minho, Portugal (2014). Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) onde leciona e pesquisa. Seus temas de docência, pesquisa e publicação são: cibercultura, interatividade, educação on-line, b-learning, formação de professores para docência on-line e no b-learning, tecnologias digitais de informação e comunicação na sala de aula presencial e on-line, avaliação da aprendizagem nas modalidades on-line e no b-learning e desenho didático em ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa.

## Diálogo sobre Educação e Mídias Digitais

**Revista Novamerica** - Professor Marco, como ponto de partida de sua entrevista, consideramos importante que, de modo breve, você apresente para nossos/as leitores/as alguns conceitos. O que significa:

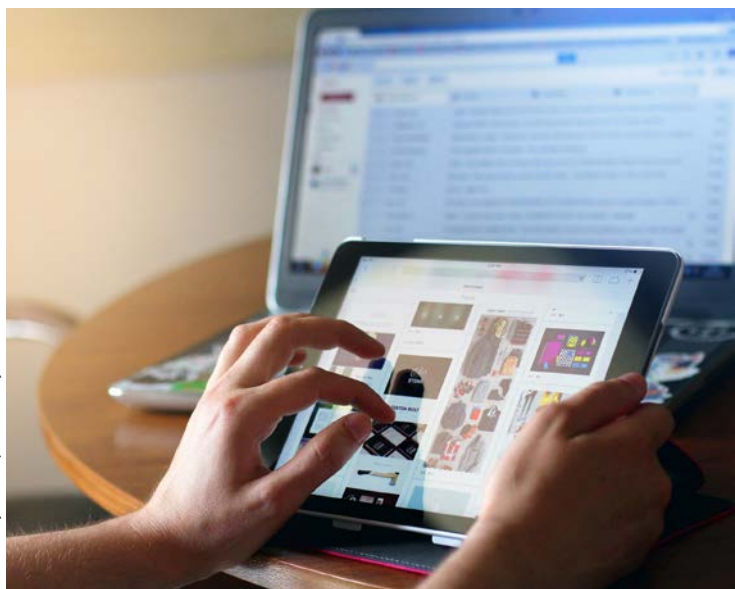
### Marco Silva

- **Gamificação?** O professor pode extrair elementos da dinâmica funcional e operativa dos games mais conhecidos pela turma, para inspirar e materializar estratégias capazes de favorecer a docência e a aprendizagem, para mobilizar a sala de aula feita de autorias e de interatividade, sem perder de vista os objetivos da aula.

- **Cultura Maker?** Cultura da liberação da autoria, do faça-você-mesmo, mas não somente de maneira individualista e sim colaborativa na internet dos blogs, redes sociais, wikis etc. A chamada "web 2.0" ou "mídia social" é feita pelos usuários para os usuários. Essa dinâmica sociotécnica favorece mais do que liberar o polo da emissão. Contempla inteligência coletiva, interatividade, interlocução que são fundamentos essenciais da educação cidadã.

- **Educação Híbrida?** É a modalidade educacional que opera na convergência presencial e on-line. Mais do que ter uma extensão do presencial na internet (uso de um blog ou rede social), requer articulação profunda dos espaços físico e virtual na concepção e prática do currículo e da didática. Supõe inclusão digital e cibercultural dos professores. Recomendo leitura do meu texto publicado em 2021: <https://educacao.ceie-br.org/interatividade/>

Foto fancyrave1 por Pixabay



- **Letramento Digital?** Supõe alfabetização digital e muito mais do que isso. Diz respeito a saber operar em rede na lógica da autoria e colaboração. Requisito básico para a formação da cibercidadania ou da cidadania na cultura digital. Recomendo ler na Wikipedia boas sínteses a respeito: "diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais"; "pressupõe o domínio das ferramentas digitais, mas de forma a garantir as práticas letradas, atribuindo sentido ao que se lê e escreve na tela, habilidades essas que envolvem a compreensão do emprego de imagens, sons, a não linearidade dos hipertextos, a seleção e avaliação das informações."

**Revista Novamerica** - *Direito à Educação, Direitos ao Acesso e à Conectividade: que desafios precisamos enfrentar, até mesmo no âmbito das políticas públicas?*

**Marco Silva** - Precisamos de investimento em equipamentos e em banda larga (internet rápida) nas escolas do país. Esse investimento deverá incluir a formação continuada dos professores. O presidente atual disse com todas as letras: internet nas escolas não! As políticas públicas para inclusão digital e formação de professores são inexistentes ou pífiás. É preciso superar esse negacionismo que agrava o nosso atraso digital. É preciso investir fortemente na formação dos professores para uso crítico e cidadão do computador, do smartphone e da internet na sala de aula híbrida.

**Revista Novamerica** - *Educação Híbrida: que limites, possibilidades e desafios estão colocados para a escola e, particularmente, para o/a professor/a?*

**Marco Silva** - Respondi algo em item anterior sobre essa modalidade educacional que terá forte crescimento na pós-pandemia. O know-how construído na modalidade “remota” não será jogado fora. Os professores têm à sua disposição alguma expertise construída no uso obrigatório de tecnologias digitais e da internet e muitos continuarão fazendo uso dela na sala de aula física. Esse uso deverá, certamente, ser burilado pela formação da docência para a sala de aula híbrida. Será preciso saber articular o espaço físico e o ciberespaço (síncrono e assíncrono). Os professores precisarão desenvolver estratégias interativas, colaborativas, autorais que liguem o espaço físico, o síncrono (encontro on-line com dia e hora marcados) e o assíncrono (participação em fórum, rede social, wiki etc.) como uma mesma sala de aula.

**Revista Novamerica** - *Existe um significativo crescimento e uma imensa diversidade de jogos digitais. Diante dessa realidade, gostaríamos que você comentasse sobre as relações que podemos estabelecer entre esses jogos e os processos e/ou práticas educativa. Educação para a cooperação e colaboração ou para a competitividade?*

**Marco Silva** - Respondi algo em item anterior sobre gamificação. É preciso buscar jogos colaborativos e extrair deles sua arquitetura de funcionalidades que possa inspirar a dinâmica da sala de aula baseados na colaboração, interatividade. É preciso superar a lógica da competitividade nos processos educativos, em favor da lógica da interatividade, da interlocução, da dialogia. A ambiência econômica, social e política promove o individualismo competitivo, que no limite gera o lobo do homem. A educação precisa fazer a diferença. Para isso, pode aprender com os games a concepção e a materialização de ambiências e de dinâmicas da aprendizagem e da formação humana baseadas da expressão da autoria, da interlocução e da colaboração.

**Será preciso saber articular o espaço físico e o ciberespaço (síncrono e assíncrono). Os professores precisarão desenvolver estratégias interativas, colaborativas, autorais que liguem o espaço físico, o síncrono (encontro online com dia e hora marcados) e o assíncrono (participação em fórum, rede social, wiki etc.) como uma mesma sala de aula.**

**Revista Novamerica** - *O que você gostaria de comentar sobre formação de professores/as para lidar com as mídias digitais na escola?*

**Marco Silva** - Conforme venho insistindo, a formação de professores é decisiva para isso. Cada escola e universidade precisará investir em formação continuada dos seus quadros. Lamentavelmente, a licenciatura é o setor mais fragilizado da graduação universitária. As faculdades de educação, geralmente responsáveis pela formação de novos professores (licenciaturas), raramente operam articulando currículo, didática e cultura digital. Juntamente com inclusão digital e cibercultural das licenciaturas, será preciso superar a centralidade da pedagogia da transmissão, da distribuição massiva e unidirecional do conhecimento. Conhecimento se constrói com interlocução e colaboração e não com transmissão de informação. Recomendo meu livro “Sala de aula interativa”, Editora Loyola. Ele trata da interatividade voltada, principalmente, para a formação de professores para docência em nosso tempo.



Foto Tania Rodriguez por Pixabay



**Revista Novamerica** - *Quais seriam os fundamentos de uma nova Pedagogia mediada pelas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação – TICE?*

**Marco Silva** - Continuo insistindo no cruzamento do legado pedagógico do sec. XX (autonomia, diversidade, interação, dialogia, democracia) com o cenário sociotécnico e comunicacional da cibercultura (autoria, compartilhamento, conectividade, colaboração, interatividade). Repare que esse cruzamento pode ser visto como feliz confluência histórica quando as palavras do legado pedagógico e as palavras da cibercultura estão no mesmo campo semântico. Dewey, Freire, Vygotsky, Freinet não puderam contar com um cenário midiático favorável às suas concepções pedagógicas. Impressos, rádio, tv são todos unidirecionais. Se estivessem vivos hoje e fossem incluídos ciberculturais,

certamente estariam utilizando Tiktok, WhatsApp, Instagram, Twitter, Jitsi, Moodle em suas aulas. Eles perceberiam rapidamente que o cenário comunicacional da cibercultura potencializa o seu legado pedagógico. E, atentos aos fundamentos de uma Pedagogia mediada por TICE, insistiriam no cruzamento legado-cibercultura, motivados com a feliz confluência histórica. Ao invés de transmitir, o professor propõe o conhecimento. Não o transmite. Não o oferece à distância para a recepção audiovisual ou “bancária” (sedentária, passiva, espectadora). Por sua vez, a participação do estudante se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O estudante não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor.

**Revista Novamerica** - *Como você vê a “plataformização” da educação atualmente? Como não ficar refém das empresas multinacionais?*

**Marco Silva** - Na pandemia a obrigatoriedade do “remoto”, modalidade 100% on-line, fez a alegria comercial das grandes empresas proprietárias de plataformas digitais. Imagine o mundo recorrendo a meia dúzia de empresas planetárias. Tenho fugido das proprietárias. Prefiro utilizar *software* livre, código aberto. Por isso, utilizo Moodle e Jitsi entre outras. Entretanto, não sou radical. Precisamos conhecer a funcionalidade das plataformas proprietárias para aprender com suas inovações favoráveis à educação autêntica em nosso tempo.

**Continuo insistindo no cruzamento do legado pedagógico do sec. XX (autonomia, diversidade, interação, dialogia, democracia) com o cenário sociotécnico e comunicacional da cibercultura (autoria, compartilhamento, conectividade, colaboração, interatividade).**



Foto: Janebi 3 por Pixabay

**Diferente da tela da tv, a tela digital conectada à internet contempla imersão, autoria, interlocução e interatividade. A tela da tv consolidou o sujeito espectador. A tela digital online mobiliza o sujeito interator, participante incluído cibercultural.**


**Revista Novamerica** - *Em que medida é possível a implementação das TIC's no currículo de estudo, para além do ensino de informática?*

**Marco Silva** - Fiz a distinção de inclusão digital e inclusão cibercultural. Ela é importante para limpar esse terreno explicitado na pergunta. Não basta ensino de informática (inclusão digital). É preciso promover inclusão cibercultural, isto é, a utilização da internet em potencial comunicacional entendido como: autoria, compartilhamento, conectividade, colaboração, interatividade. Não basta um currículo digitalizado. Precisa ser cibercultural, precisa operar em rede e aí desenvolver conhecimento e formação humana.

**Revista Novamerica** - *Cultura Maker: comente sobre a sua importância nos processos educativos, que acontecem hoje.*

**Marco Silva** - Costumo dizer em aulas e publicações que o cenário social e tecnológico caracterizado pelo espectador forjado na cultura do audiovisual unidirecional (impressos, rádio e TV) perdeu centralidade para aquele no qual surge o interator ou "leitor imersivo", "leitor ubíquo" (SANTAELLA, 2014), capaz de expressar autoria, conectividade, compartilhamento e colaboração em qualquer lugar, inclusive na sala de aula física e on-line. Entendo a "cultura maker" como a cultura do faça-você-mesmo. O social que emerge com a web 2.0 não é mais o espectador clássico. Ele é interator, manipula a mensagem como interlocutor, coautor, cocriador, participante de uma inteligência coletiva. Essa desenvoltura comunicacional, cognitiva requer novos processos educativos, capazes de superar a baixa interlocução/colaboração dos estudantes submetidos aos ditames do material didático transmissivo e massivo, baseado em apresentação de slides, arquivos pdf, videoaulas e videoconferências. As telas do tablet, laptop e smartphone não são espaços de transmissão. São ambientes de imersão, manipulação e interlocução, com janelas, ícones e aplicativos móveis abertos a múltiplas conexões off-line e on-line, que permitem intervenções e modificações autorais e colaborativas nos conteúdos e na comunicação. Essas telas estão abertas à cultura maker porque favorecem a sua expressão.

**Revista Novamerica** - *Crianças e Jovens passam horas diante das Redes Sociais. O que você gostaria de comentar sobre este fato e sua relação com a Educação de um modo geral e em particular com a escola?*

**Marco Silva** - Passam horas imersos e não diante, expressando autoria e colaboração em rede. Podem postar banalidade, *fake news*, violência, *bullying*, ativismo, solidariedade etc., a depender da formação das pessoas. Diferente da tela da tv, a tela digital conectada à internet contempla imersão, autoria, interlocução e interatividade. A tela da tv consolidou o sujeito espectador. A tela digital on-line mobiliza o sujeito interator, participante incluído cibercultural. As redes sociais na tela digital on-line contribuem para o surgimento de um novo espectador, menos passivo diante da mensagem mais aberta à sua intervenção. Ele migra da tela unidirecional da televisão para a tela tátil, imersiva e móvel do *tablet* e do *smartphone* em rede, que lhe permite adentramento, autoria, colaboração e o gesto instaurador que cria e alimenta sua experiência comunicacional. Esse novo espectador são crianças e jovens presentes nas aulas escolares e universitárias. A docência e o desenho didático precisam superar a cultura do audiovisual para contemplar o perfil cognitivo e comunicacional dos estudantes. Gamificação, redes sociais, *wiki* na sala de aula são contributos, mas o fundamental é a mudança paradigmática que supõe superar a lógica unidirecional (pedagogia da transmissão) em favor interatividade, da educação cidadã. 



## SUGESTÕES DE INTERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO HÍBRIDA

O Professor Marco Silva, durante a conversa que manteve com a Revista Novamerica, recomendou a leitura de seu texto publicado em 2021 e disponível em <https://ieducao.ceie-br.org/interatividade/>, cujo um trecho transcrevemos a seguir.

Implementar a materialidade da comunicação no desenho didático e na mediação docente conta com cinco “sugestões de interatividade” (SILVA, 2014, p.257-259) para a sala de aula 100% on-line ou híbrida. São sugestões inspiradas na confluência histórica que reúne clássicos da pedagogia e a dinâmica comunicacional da cibercultura. Não são receitas de bolo. São encaminhamentos para engajamentos de professores e estudantes.

Cada professor e professora em sua especificidade disciplinar encontra nas sugestões de interatividade pontos de partida para a construção do desenho didático (arquitetura dos recursos e estratégias pedagógicos: conteúdos de aprendizagem, ambiência comunicacional de autoria e colaboração, atividades de avaliação etc.) e da mediação docente capaz de contemplar: 1) o legado dos críticos da pedagogia da transmissão; 2) o perfil comunicacional dos discentes imersos na cibercultura; 3) e a formação para a autonomia, diversidade, interação, dialogia, democracia, autoria, conectividade, compartilhamento, colaboração, interatividade. São agenciamentos de comunicação, autoria e colaboração a serem mobilizados pelo



Foto mohamed Hassan por Pixabay

docente em parceria com os discentes na sala de aula presencial e on-line.

### 1. Propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões

- Promover oportunidades de trabalho em grupos colaborativos;
- Desenvolver o cenário das atividades de aprendizagem de modo a possibilitar a participação livre, o diálogo, a troca e a articulação de experiências;
- Utilizar recursos cênicos para despertar e manter o interesse e a motivação do grupo envolvido;
- Favorecer a participação coletiva em debates presenciais e on-line;

- Garantir a exposição de argumentos e o questionamento das afirmações;

- Garantir a bidirecionalidade da emissão e recepção, sabendo que a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção; o emissor é receptor em potencial; e o receptor é emissor em potencial – os dois polos codificam e decodificam.

### 2. Disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências

- Fazer uso de diferentes suportes e linguagens midiáticos (texto, som, vídeo, computador, internet) em mixagens e em multimídia, presenciais e on-line;

- Contemplar a participação-intervenção do discente no planejamento das aulas, sabendo que participar é muito mais que responder “sim” ou “não”; é muito mais que escolher uma opção dada; participar é modificar, é interferir na mensagem;

- Garantir um território de expressão e aprendizagem labiríntico com sinalizações que ajudem o aprendiz a não se perder, mas que ao mesmo tempo não o impeça de se perder no hipertexto;

- Desenvolver, com a colaboração de profissionais específicos, um ambiente intuitivo, funcional, de fácil navegação, e que possa ser aperfeiçoado na medida da atuação dos aprendizes;

- *Propor a aprendizagem e o conhecimento como espaços abertos à navegação, colaboração e criação, possibilitar que o aprendiz conduza suas explorações.*

### **3. Provocar situações de inquietação criadora**

- *Estimular o discente a contribuir com novas informações e a criar e oferecer mais e melhores percursos, participando como coautor do processo;*

- *Promover ocasiões que despertem a coragem do enfrentamento em público diante de situações que provoquem reações individuais e grupais;*

- *Encorajar esforços visando à troca entre todos os envolvidos, juntamente com a definição conjunta de atitudes de respeito à diversidade e à solidariedade;*

- *Incentivar a participação dos estudantes na resolução de problemas apresentados, de forma autônoma e cooperativa;*

- *Elaborar problemas que convoquem os estudantes a apresentar, defender e, se necessário, reformular seus pontos de vista constantemente;*

- *Formular problemas voltados para o desenvolvimento de competências que possibilitem ao aprendiz ressignificar ideias, conceitos e procedimentos;*

- *Suscitar a expressão e a confrontação das subjetividades, sabendo que a fala livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia.*

### **4. Arquitetar colaborativamente percursos hipertextuais**

- *Disponibilizar múltiplas redes articulatórias, sabendo que não se propõe uma mensagem fechada, ao contrário, se oferecem informações em redes de conexões, permitindo ao receptor ampla liberdade de associações, de significações;*

- *Articular o percurso da aprendizagem em caminhos diferentes, multidisciplinares e transdisciplinares, em teias, em vários atalhos, reconectáveis a qualquer instante por mecanismos de associação;*

- *Explorar as vantagens do hipertexto: disponibilizar os dados de conhecimento exuberantemente conectados e em múltiplas camadas ligadas a pontos que facilitem o acesso e o cruzamento de informações e de participações;*

- *Implementar no roteiro do curso diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais retirados do universo cultural do estudante e atento aos seus eixos de interesse;*

- *Oferecer múltiplas informações (em imagens, sons, textos etc.) utilizando ou não tecnologias digitais, mas sabendo que estas potencializam ações que resultam em conectividade, autoria e colaboração na construção da comunicação e do conhecimento;*

- *Ensejar (oferecer ocasião de...) e urdir (dispor entrelaçados os fios da teia, enredar) múltiplos percursos para conexões e expressões com que os discentes possam contar no ato de manipular as informações e percorrer percursos arquitetados.*

### **5. Mobilizar a experiência do conhecimento**

- *Modelar os domínios do conhecimento como espaços conceituais, nos quais os discentes possam construir os próprios mapas e conduzir suas explorações, considerando os conteúdos como pontos de partida, e não de chegada, no processo de construção do conhecimento;*

- *Desenvolver atividades que não só propiciem a livre expressão, o confronto de ideias e a colaboração entre os estudantes, mas que permitam, também, o aguçamento da observação e interpretação das atitudes dos atores envolvidos;*

- *Implementar situações de aprendizagem que considerem as experiências, os conhecimentos e as expectativas que os estudantes trazem consigo.*

*[...] As sugestões podem ser operacionalizadas na educação híbrida, desde que haja formação competente da docência. Será preciso inclusão digital, inclusão ciber cultural e articulação fecunda com o legado dos clássicos da pedagogia cidadã.*



SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano, SANTOS Edméa, SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021 (Série Informática na Educação, v. 3) Disponível em <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade/>

# Conversando con Marco Silva

| Brasil | mparangole@gmail.com



Foto Acervo do Autor

**G**raduado en Ciencias Sociales en la Universidad Federal de Río de Janeiro (1983), Máster en Educación en la Fundación Getúlio Vargas/RJ (1992), Doctor en Educación en la Universidad de San Pablo (1999) y Pos-doctor en Educación en la Universidad de Minho, Portugal (2014). Profesor asociado de la Facultad de Educación de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ), en donde da clases y se dedica a la investigación. Sus temas de interés como docente, investigador y autor de libros son: cibercultura, interactividad, educación on-line, b-learning, formación de profesores para la docencia on-line y para b-learning, tecnologías digitales de información y comunicación en la clase presencial y on-line, evaluación del aprendizaje en las modalidades on-line y b-learning, y didáctica en ambientes virtuales de aprendizaje colaborativo.

## Diálogo sobre Educación y Recursos Digitales

**Revista Novamerica** - Profesor Marco, como punto de partida de su entrevista, consideramos importante que, de modo breve, les presente a nuestros/as lectores/as algunos conceptos. ¿Qué significa...?:

### Marco Silva

- **Gamificación:** El profesor puede extraer elementos de la dinámica funcional y operativa de los *games* más conocidos por los alumnos, para inspirar y materializar estrategias capaces de favorecer la docencia y el aprendizaje, para movilizar a la clase hecha de autorías e interactividad, sin perder de vista los objetivos de la misma.

- **Cultura Maker:** Cultura de la liberación de la autoría, del "hágalo usted mismo", pero no solo de manera individualista, sino colaborativa en la internet de los blogs, redes sociales, wikis, etc. La llamada "web 2.0" o "plataforma social" está hecha por los usuarios para los usuarios. Esa dinámica socio-técnica favorece más que el hecho de liberar el polo de la emisión. Contempla inteligencia colectiva, interactividad, interlocución que son fundamentos esenciales de la educación ciudadana.

- **Educación Híbrida:** Es la modalidad educacional que opera en la convergencia presencial y on-line. Más que tener una extensión de lo presencial en internet (el uso de un blog o red social), requiere una articulación profunda de los espacios físico y virtual en la concepción y práctica del currículo y de la didáctica. Supone la inclusión digital y

cibercultural de los profesores. Recomiendo la lectura de un texto mío publicado en 2021: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade/>

- **Letramiento Digital:** Supone la alfabetización digital y mucho más que eso. Tiene que ver con saber operar en red según la lógica de la autoría y la colaboración. Es un requisito básico para la formación de la cibercidadanía o de la ciudadanía en la cultura digital. Recomiendo que lean en Wikipedia buenas síntesis sobre el tema: "se refiere a las prácticas sociales de lectura y producción de textos en ambientes digitales"; "presupone el dominio de las herramientas digitales, pero de forma a garantizar las prácticas letradas, atribuyendo sentido a lo que se lee y se escribe en la pantalla, habilidades esas que envuelven la comprensión del uso de imágenes, sonidos, la no linealidad de los hipertextos, la selección y evaluación de las informaciones".



Foto Marc Thiele por Pixabay

**Revista Novamerica** - *Derecho a la Educación, Derecho al Acceso y la Conectividad: ¿qué desafíos necesitamos enfrentar, incluso en el ámbito de las políticas públicas?*

**Marco Silva** - Necesitamos de inversión en equipamientos y en banda ancha (internet rápida) en las escuelas del país. Esa inversión debe incluir la formación permanente de profesores. El presidente actual dijo con todas las letras: ¡Internet en las escuelas, no! Las políticas públicas para la inclusión digital y la formación de profesores son inexistentes o inapropiadas. Necesitamos superar ese negacionismo que agrava nuestro atraso digital. Es necesario invertir fuertemente en la formación de los profesores para un uso crítico y ciudadano de la computadora, del Smartphone y de internet en la clase híbrida.



Foto StartupStockPhotos por Pixabay

**Revista Novamerica** - *Educación Híbrida: ¿Qué límites, posibilidades y desafíos se le presentan a la escuela y, sobre todo, al/a la profesor/a?*

**Marco Silva** - Respondí algo en la pregunta anterior sobre esa modalidad educacional que tendrá un fuerte crecimiento en la pos-pandemia. El *Know-how* construido en la modalidad "a distancia" no será descartado. Los profesores tienen a su disposición el dominio construido durante el uso obligatorio de la tecnología digital y de internet y muchos seguirán haciendo uso de esos medios en las clases presenciales. Evidentemente, el uso podrá ser mejorado gracias a la formación de los docentes para la clase híbrida. Será necesario saber articular el espacio físico y el ciberespacio (síncrono y asíncrono). Los profesores van a necesitar poner en marcha estrategias interactivas, colaborativas, autorales, que unan el espacio físico, lo síncrono (encuentro on-line con día y hora fijos) y lo asíncrono (participación en foros, redes sociales, wiki, etc.) como si fuera la misma sala de clase.

## **Necesitamos de inversión en equipamientos y en banda ancha (internet rápida) en las escuelas del país. Esa inversión debe incluir la formación permanente de profesores.**

**Revista Novamerica** - *Existe un significativo crecimiento y una inmensa diversidad de juegos digitales. Frente a esta realidad, nos gustaría que comentase sobre las relaciones que podemos establecer entre esos juegos y los procesos y/o prácticas educativas. ¿Educación para la cooperación y la colaboración o para la competitividad?*

**Marco Silva** - Respondí algo en la pregunta referente a la gamificación. Es necesario buscar juegos colaborativos y extraer de ellos su arquitectura de funcionalidades, de tal modo que pueda inspirar la dinámica de la clase basada en la colaboración y en la interactividad. Es necesario superar la lógica de la competitividad en los procesos educativos, en favor de la lógica de la interactividad, de la interlocución, del diálogo. El contexto económico, social y político promueve el individualismo competitivo, el cual, estando en el límite, hace salir al lobo de dentro del hombre. La educación precisa hacer la diferencia. Para eso, es posible aprender con los *games* la concepción y la materialización de ambientes y de dinámicas de aprendizaje y de la formación humana, basadas en la expresión de la autoría, de la interlocución y de la colaboración.

**Revista Novamerica** - *¿Qué puede comentar sobre la formación de profesores/as para hacer frente a los recursos digitales en la escuela?*

**Marco Silva** - Como vengo insistiendo, la formación de profesores es decisiva para eso. Cada escuela y universidad necesitará invertir en la formación permanente de su plantel de docentes. Lamentablemente, la licenciatura es el sector más frágil de la graduación universitaria. Las facultades de educación, generalmente responsables por la formación de nuevos profesores (licenciaturas), raramente trabajan articulando currículo, didáctica y cultura digital. Junto con la inclusión digital y cibercultural de las licenciaturas, será necesario superar la centralidad de la pedagogía de la transmisión, de la distribución masiva y unidireccional del conocimiento. El conocimiento se construye con interlocución y colaboración y no con transmisión de información. Recomiendo mi libro "*Sala de aula interactiva*", Editora Loyola. En él hablo de la interactividad volcada, principalmente, a la formación de profesores para la docencia de nuestro tiempo.

**Revista Novamerica** - *¿Cuáles serían los fundamentos de una nueva pedagogía mediada por las tecnologías de información y comunicación aplicadas a la educación (TICE)?*

**Marco Silva** - Continúo insistiendo en el cruce del legado pedagógico del siglo XX (autonomía, diversidad, interacción, diálogo, democracia) con el escenario socio-técnico y comunicacional de la cibercultura (autoría, compartir, conectividad, colaboración, interactividad). Fíjese que ese cruce puede verse como una feliz confluencia histórica cuando las palabras del legado pedagógico y las palabras de la cibercultura están en el mismo campo semántico. Dewey, Freire, Vygotsky, Freinet no pudieron contar con un escenario mediático que fuera favorable a sus concepciones pedagógicas. La imprenta, la radio, la TV son unidireccionales. Si ellos estuvieran vivos hoy y se incluyesen las ciberculturas, con toda seguridad estarían usando Tiktok, Whatsapp, Instagram, Twitter, Jitsi, Moodle en sus clases. Ellos se dieron cuenta muy rápido que el escenario comunicacional de la cibercultura potencializa su legado pedagógico. Y atentos a los fundamentos de una pedagogía mediada por TICE, insistirían en el cruce legado-cibercultura, motivados por la feliz confluencia histórica. En vez de transmitir, el profesor propone el conocimiento. No lo transmite. No lo ofrece a la distancia para su recepción audiovisual o “bancaria” (sedentaria, pasiva, espectadora). A su vez, la participación del estudiante se inscribe en los estados potenciales del conocimiento construido por el profesor de modo que evolucionen en torno al núcleo preconcebido con coherencia y continuidad. El estudiante ya no está más reducido a ver, oír, copiar y prestar cuentas, sino que crea, modifica, construye, aumenta y, de ese modo, se vuelve un coautor.

**El estudiante ya no está más reducido a ver, oír, copiar y prestar cuentas, sino que crea, modifica, construye, aumenta y, de ese modo, se vuelve un coautor.**

**Revista Novamerica** - *¿Cómo ve usted la “plataformización” de la educación actual? ¿De qué manera es posible no ser rehén de las empresas multinacionales?*

**Marco Silva** - En la pandemia la obligatoriedad de la modalidad “a distancia”, 100% on-line, fue la alegría comercial de las grandes empresas propietarias de las plataformas digitales. Imagine al mundo recurriendo a unas seis empresas planetarias. Procuré huir de las propietarias. Prefiero

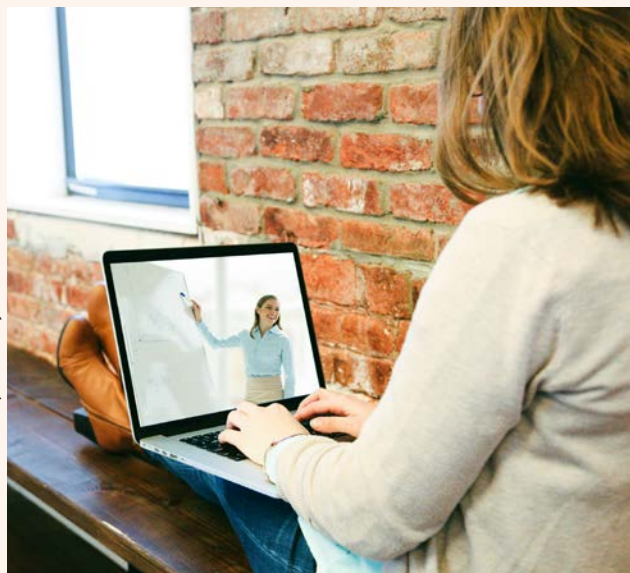


Foto mohamed Hassan por Pixabay

usar software libre, código abierto. Por eso utilizo Moodle y Jitsi, entre otras. Sin embargo, no soy radical. Precisamos conocer la funcionalidad de las plataformas propietarias para aprender con sus innovaciones favorables a la educación auténtica en nuestro tiempo.

**Revista Novamerica** - *Cultura Maker: comente sobre su importancia en los procesos educativos actuales.*

**Marco Silva** - Acostumbro decir en las clases y en las publicaciones que el escenario social y tecnológico que se caracteriza por el espectador forjado en la cultura del audiovisual unidireccional (imprenta, radio y TV) dejó de ser el centro. En su lugar surge el interactivo o “lector inmersivo”, “lector ubicuo” (SANTAELLA, 2014) capaz de expresar autoría, conectividad, el compartir y colaboración en cualquier lugar, inclusive en la clase física y on-line. Entiendo la “cultura Maker” como la cultura del “hágalo usted mismo”. Desde lo social, con la web 2.0 surge un sujeto que no es más el espectador clásico. Es un interactivo, manipula el mensaje como interlocutor, coautor, co-creador, participante de una inteligencia colectiva. Esa desenvoltura comunicacional, cognitiva requiere nuevos procesos educativos, capaces de superar la baja interlocución/colaboración de los estudiantes sometidos a los dictámenes del material didáctico transmisivo y masivo, basado en presentación de diapositivas, archivos, PDF, video-clases y videoconferencias. Las pantallas del Tablet, laptop y *smartphone* no son espacios de transmisión. Son ambientes de inmersión, manipulación e interlocución, con ventanas, íconos y aplicativos móviles abiertos a múltiples conexiones off-line y on-line, que permiten intervenciones y modificaciones autorales y colaborativas en los contenidos y en la comunicación. Esas pantallas están abiertas a la cultura maker porque favorecen su expresión.


**Revista Novamerica** - *¿En qué medida es posible la implantación de las TIC's en el currículo de estudio, más allá de las clases de informática?*

**Marco Silva** - Hice la distinción de inclusión digital e inclusión cibercultural. La misma es importante para aclarar el tema que se explicita en la pregunta. No basta la enseñanza de informática (inclusión digital). Es necesario promover la inclusión cibercultural, es decir, la utilización de internet en potencial comunicacional, entendido como: autoría, el compartir, conectividad, colaboración, interactividad. No basta un currículo digitalizado. Debe ser cibercultural, necesita funcionar en red y desarrollar conocimiento y formación humana.

**Revista Novamerica** - *Niños y jóvenes pasan horas frente a las redes sociales. ¿Qué le gustaría comentar sobre este hecho y sobre su relación con la Educación, de manera general, y específicamente en relación con la escuela?*

**Marco Silva** - No pasan horas frente a las redes sociales, sino inmersas en ellas expresando autoría y colaboración en red. Pueden publicar banalidades, *fake news*, violencia, *bullying*, activismo, solidaridad, etc, dependiendo de la formación de la persona. A diferencia de la pantalla de la TV, la pantalla digital conectada a internet contempla inmersión, autoría, interlocución e interactividad. La pantalla de la TV consolidó al sujeto espectador. La pantalla digital on-line moviliza al sujeto interactor, participante, incluido y cibercultural. Las redes sociales en la pantalla digital on-line contribuyen para el surgimiento de un nuevo espectador, menos pasivo ante un mensaje que está más abierto a su intervención. Se migra de la pantalla unidirec-

**No basta la enseñanza de informática (inclusión digital). Es necesario promover la inclusión cibercultural, es decir, la utilización de internet en potencial comunicacional, entendido como: autoría, el compartir, conectividad, colaboración, interactividad. No basta un currículo digitalizado. Debe ser cibercultural, necesita funcionar en red y desarrollar conocimiento y formación humana.**

cional de la televisión hacia la pantalla táctil, inmersiva y móvil del *Tablet* y del *smartphone* en red, que le permite entrar, autoría, colaboración y el gesto instaurador que crea y alimenta su experiencia comunicacional. Ese nuevo espectador son niños y jóvenes presentes en las clases escolares y universitarias. La docencia y el planeamiento didáctico necesitan superar la cultura del audiovisual para contemplar el perfil cognitivo y comunicacional de los estudiantes. Gamificación, redes sociales, *wiki* en el aula son contribuciones, pero lo fundamental es el cambio paradigmático que supone superar la lógica unidireccional (pedagogía de la transmisión) a favor de la interactividad y de la educación ciudadana. 





## RECOMENDACIONES DE INTERACTIVIDAD EN LA EDUCACIÓN HÍBRIDA

El profesor Marco Silva, durante la charla que mantuvo con la Revista Novamerica/ Nuevamerica, aconsejó la lectura de un texto suyo publicado en 2021 y disponible en <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade/> He aquí un fragmento del mismo:

**I**mplementar la materialidad de la comunicación en el planeamiento didáctico y en la mediación docente cuenta con cinco “recomendaciones de interactividad” (SILVA, 2014, p. 257-259) para la clase 100% on-line o híbrida. Son sugerencias que se inspiran en la confluencia histórica que reúne clásicos de la pedagogía y de la dinámica comunicacional de la cibercultura. No son recetas de torta. Son medidas para el compromiso de profesores y estudiantes.

Cada profesor y profesora, con la especificidad de su disciplina, encuentra en las sugerencias de interactividad puntos de partida para la construcción del planeamiento didáctico (arquitectura de los recursos y estrategias pedagógicas: contenidos de aprendizaje, ambiente comunicacional de autoría y colaboración, actividades de evaluación, etc.) y de la mediación docente capaz de contemplar: 1) el legado de los críticos de la pedagogía de la transmisión; 2) el perfil comunicacional de los estudiantes inmersos en la cibercultura; 3) y la formación para la autonomía, la diversidad, la interacción, el diálogo, la democracia, la autoría, la conectividad, el compartir, la colaboración, la interactividad. Son elementos de comunicación, autoría y colaboración que son puestos en marcha por el docente en conjunto con los estudiantes en la clase presencial y on-line.

### 1. Propiciar oportunidades de múltiples experimentaciones y expresiones

- Promover oportunidades de trabajo en grupos colaborativos.

- Desarrollar el escenario de las actividades de aprendizaje, de modo que se posibilite la participación libre, el diálogo, el intercambio y la articulación de experiencias.

- Utilizar recursos escénicos para despertar y mantener el interés y la motivación del grupo involucrado.

- Favorecer la participación colectiva en debates presenciales y on-line.

- Garantizar la exposición de argumentos y el cuestionamiento de afirmaciones.

- Garantizar la bidireccionalidad de la emisión y recepción, sabiendo que la comunicación es una producción conjunta de la emisión y de la recepción; el emisor es receptor en potencia; el receptor es emisor en potencia – los dos polos codifican y decodifican.

### 2. Poner a disposición un montaje de conexiones en red que permita múltiples hechos

- Hacer uso de diferentes soportes y lenguajes mediáticos (texto, sonido, video, computadora, internet) combinados y en multimedia, presenciales y on-line.



Foto Steven Weirather por Pixabay

- Contemplar la participación-intervención del estudiante en el planeamiento de las clases, sabiendo que participar es mucho más que responder “sí” o “no”, es mucho más que elegir una opción dada; participar es modificar, es interferir en el mensaje.

- Garantizar un territorio de expresión y aprendizaje laberíntico con señalizaciones que ayuden al aprendiz a no perderse y al mismo tiempo a no verse impedido de perderse en el hipertexto.

- Desarrollar, con la colaboración de profesionales específicos, un ambiente intuitivo, funcional, de fácil navegación, y que pueda perfeccionarse a medida que actúen los aprendices.

- Proponer el aprendizaje y el conocimiento como espacios abiertos a la navegación, colaboración y creación, posibilitar que el aprendiz conduzca sus exploraciones.

### **3. Provocar situaciones de inquietud creadora**

- Estimular al estudiante a que contribuya con nuevas informaciones y a que cree y ofrezca más y mejores caminos, participando como co-autor del proceso.

- Promover ocasiones que despierten coraje para el enfrentamiento público, frente a situaciones que provoquen reacciones individuales y grupales.

- Estimular esfuerzos con la finalidad de establecer intercambios entre todos los involucrados y la definición conjunta de actitudes de respeto a la diversidad y a la solidaridad;

- Incentivar la participación de los estudiantes en la resolución de problemas presentados, de forma autónoma y cooperativa.

- Elaborar problemas que convoquen a los estudiantes a que presenten, defiendan y, en caso necesario, reformulen sus puntos de vista constantemente.

- Formular problemas volcados al desarrollo de competencias que le posibiliten al aprendiz resignificar ideas, conceptos y procedimientos.

- Suscitar la expresión y la confrontación de las subjetividades, sabiendo que el habla libre y plural supone lidiar con las diferencias en la construcción de la tolerancia y de la democracia.

### **4. Construir colaborativamente caminos hipertextuales**

Poner a disposición múltiples redes de articulación, sabiendo que no se propone un mensaje cerrado, al contrario, se ofrecen informaciones en redes de conexiones, que le permiten al receptor amplia libertad de asociaciones, de significaciones.

Articular el camino del aprendizaje con vías diferentes, multidisciplinarias y transdisciplinarias, con estructuras, con varios atajos, que pueden ser reconectados en cualquier instante por mecanismos de asociación.

Explorar las ventajas del hipertexto: dejar disponibles los datos de conocimiento exuberantemente conectados y en múltiples capas unidas a puntos que faciliten el acceso y el cruce de informaciones y de participaciones.

Implementar en el programa del curso diferentes proyectos y múltiples combinaciones de lenguajes y recursos educacionales retirados del universo cultural del estudiante que atiende a sus ejes de interés.

Ofrecer múltiples informaciones (en imágenes, sonidos, textos, etc.) utilizando o no tecnologías digitales, pero sabiendo que estas potencializan acciones que resultan en conectividad, autoría y colaboración en la construcción de la comunicación y del conocimiento.

Proporcionar (dar oportunidad de...) y urdir (entrelazar los hilos del tejido, enredar) múltiples vías para conexiones y expresiones con las que los estudiantes puedan contar en el acto de manipular las informaciones y recorrer los caminos construidos.

### **5. Movilizar la experiencia del conocimiento**

- Modelar los dominios del conocimiento como espacios conceptuales en los que los estudiantes puedan construir los propios mapas y conducir sus exploraciones, considerando los contenidos como puntos de partida y no de llegada, durante el proceso de construcción del conocimiento.

- Desarrollar actividades que no solo propicien la libre expresión, la confrontación de ideas y la colaboración entre los estudiantes, sino que también permitan una observación e interpretación aguzada de las actitudes de los actores involucrados.

- Implementar situaciones de aprendizaje que tengan en cuenta las experiencias, los conocimientos y las expectativas que los estudiantes llevan dentro.

[...] Las recomendaciones pueden ser operadas en la educación híbrida, siempre que haya formación competente de la docencia. Será necesaria la inclusión digital, también la cibercultural y una articulación fecunda con el legado de los clásicos de la pedagogía ciudadana.



SILVA, Marco. Interatividade na educação híbrida. In: PIMENTEL, Mariano, SANTOS Edméa, SAMPAIO, Fábio F. (orgs.). Informática na educação: interatividade, metodologias e redes. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021 (Série Informática na Educação, v. 3). Disponible en: <https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade/>

# Educación híbrida: “Una nueva forma de aprender”



*Gabriela Brown Miranda*

Licenciada en Psicología Educativa. Máster en Educación por la Universidad La Salle Noroeste.  
Consultora Académica de Santillana Compartir.  
México | gabrielabrownm@gmail.com

*Con la amenaza de la COVID 19, la acción educativa se ha estado transformando. De pronto se ha tenido que migrar de una educación tradicional, distanciada del uso de las nuevas tecnologías, a una educación basada en clases en línea. Hoy hay una educación bajo la modalidad híbrida, lo que significa alternar las clases presenciales con las clases virtuales. La realidad educativa ha demandado una cualificación docente que se ha adquirido con premura en los primeros tiempos de la pandemia. Actualmente se siguen adquiriendo los recursos pedagógicos y didácticos en los que el uso de redes y aplicaciones diversas se toman en cuenta para el ejercicio docente. La realidad educativa de hoy demanda para ello perfiles docentes con un alto grado de resiliencia, sensibles a la realidad humana del estudiantado y dominio en el manejo de los recursos tecnológicos suficientes para lograr los aprendizajes.*

Com a ameaça da COVID 19, a ação educativa tem-se transformado. De repente foi preciso emigrar de uma educação tradicional, distanciada do uso das novas tecnologias, para uma educação baseada em aulas online. Hoje há uma educação que segue a modalidade híbrida. Isto é, a alternância de aulas presenciais com aulas virtuais. A realidade educativa demanda uma qualificação docente que foi adquirida às pressas nos primeiros tempos da pandemia. Atualmente continuam sendo adquiridos os recursos pedagógicos e didáticos para o uso de redes e de aplicativos diversos durante o exercício docente. A realidade educativa de hoje demanda perfis docentes com um alto grau de resiliência, sensíveis à realidade humana dos alunos e com domínio no uso dos recursos tecnológicos, de tal modo que se atinja a aprendizagem.



Foto Luz María Barajas Hernández

## Educación tecnológica antes de la COVID19

Desde los años 90s ya se comenzaba a hablar de la educación del futuro. Se intensificaron las capacitaciones para el manejo de las tecnologías que apoyaban al docente en su labor pedagógica. En México, en los primeros años del siglo XXI, se implementó un excelente programa de apoyo Educativo llamado Enciclomedia, que tuvo una aceptación significativa por parte de los docentes por el contenido y la variedad de recursos de apoyo que ofrecía a la enseñanza. Sin embargo, hubo problemas en los procesos de implementación y operación, ya que los equipos llegaron a lugares en que no existía luz ni espacio, ni construcciones escolares adecuadas para su colocación, ni tampoco se tenían los conocimientos necesarios para el uso adecuado del recurso. Pasaron muchos años en los que existió la necesidad de saberes para el uso de los recursos tecnológicos e para la innovación de la práctica docente.

## Realidad educativa durante la COVID19

Se hablaba del virus en el ámbito de la salud, pero nadie imaginó que el virus del SARS COV 2 viniera a trastocar en lo más profundo la vida de la humanidad. Ante la amenaza cierta de la expansión del contagio y el obligado confinamiento a nivel mundial, la educación se colocó en un punto extremo de vulnerabilidad. Los docentes se vieron urgidos a buscar la actualización que diera respuesta a las necesidades educativas del momento, a romper con estrategias tradicionales de enseñanza y a desarrollar la creatividad y el conocimiento para llegar a los hogares en donde se encontraban los alumnos. El profesorado se ha tenido que enfrentar a un sinnúmero de desafíos que han puesto a prueba su capacidad de ser resiliente, ya que en el desarrollo de sus clases no faltaban situaciones como estas: “se congeló”, “no hay línea”, “se fue la luz”, “no tengo computadora ni celular”, “se me acabaron los datos” y para los más pequeños, además, “no hay quien me ayude”; por lo que ha resultado un verdadero desafío conectarse. Para los alumnos más grandes ha sido titánica la labor del docente para mantener la motivación, el ritmo de trabajo, el cumplimiento de las tareas e incluso la asistencia con el uso de la cámara encendida.

Existen experiencias que nos hablan de la diversidad de necesidades de dominio tecnológico tanto para alumnos como para padres de familia y para el profesorado, porque sin saber del uso de classroom, meet, zoom, team, en fin, una gran cantidad de aplicaciones que aparecieron en el universo digital y que colocaron a los docentes en la resolución de verdaderos desafíos, se hace muy difícil dar clases actualmente. Hoy se habla de diversas aplicaciones, así como los usos específicos que la UNAM en su curso de verano 2019, ha puesto en el conocimiento del profesorado. Entre ellas, se encuentran aplicaciones que desarrollan la competencia digital docente y ayudan en el manejo de

**Los docentes se vieron urgidos a buscar la actualización que diera respuesta a las necesidades educativas del momento, a romper con estrategias tradicionales de enseñanza y a desarrollar la creatividad y el conocimiento para llegar a los hogares en donde se encontraban los alumnos.**



Foto Luz María Barajas Hernández

la educación a distancia como, por ejemplo, apps para el manejo de la información con los diversos navegadores que hoy se utilizan en la red de internet como Google, Opera, Safari, Firefox y otros. Existen apps de organización como Dropbox, Pinterest, drive, one drive calendar, etc. Se manejan también apps de creación como infografías, thinglink y otras. Hay apps en las redes sociales como Gmail, Hotmail, Facebook, Twiter, Tik Tok, Instagram, que son de uso más popular. Asimismo, existen apps de seguridad muy importantes como cleaner, one booster, Panda, además de otras. Las apps de gran apoyo en la solución de problemas en el manejo digital como son wetransfer, shotener, peggo, etc. Las apps de colaboración en el trabajo cotidiano como ofice 365, zoho, one note, play store, etc. No se quedan atrás las apps que ofrecen apoyo en la evaluación como Vozme, Examtime, OBS, además de otras. Con lo anterior, queda de manifiesto que los docentes enfrentan un universo de conocimientos que se incrementa cada día. Una compe-

tencia necesaria en el perfil actual del docente es conocer, observar y seleccionar cuáles aplicaciones le ayudan a cumplir los objetivos planteados en los aprendizajes. Esto, en el escenario de que los alumnos cuenten con los recursos en la red y los dispositivos para participar de manera proactiva en los procesos de enseñanza.

Los profesores de nivel superior que imparten materias específicas como química, física, medicina, odontología, ingeniería, por ejemplo, han tenido que implementar toda su creatividad para hacer llegar el conocimiento con programas específicos de sus asignaturas. Y para asumir el reto de hacer llegar la motivación y el acompañamiento a los alumnos que estaban detrás de la pantalla. Desde este punto de vista, además de la resiliencia, los docentes requerían una gran sensibilidad para detectar en sus clases el estado emocional de los alumnos, el cual con el distanciamiento se ha venido deteriorando.

### Educación en el presente y futuro de la realidad

La situación descrita ha roto con esquemas tradicionales de los procesos de enseñanza-aprendizaje. Hoy está en el discurso educativo la importancia del modelo híbrido en la educación, el cual se explica a partir de la combinación de clases presenciales con clases en línea. Esta forma de enseñanza se está utilizando en la actualidad, para lo que se requiere un perfil docente que además de ser resiliente, sensible a la realidad humana de los alumnos, también sea conocedor del mundo de aplicaciones que le faciliten llegar a sus estudiantes. Es así como la educación, bajo un modelo híbrido, llegó para quedarse. La aplicación de modelos híbridos de aprendizaje permite combinar modalidades

**Es importante trabajar con el estudiante y su desarrollo de competencias para la vida y para el nuevo modelo pedagógico, dándole autonomía en su aprendizaje y en el uso de su tiempo. Esto pone a los docentes frente a un nuevo modelo educativo centrado en competencias y en la adopción y uso de las nuevas tecnologías. Estamos hablando no solo del dominio de estrategias de enseñanza, sino de competencias docentes que incluyen la integralidad de las capacidades, habilidades y valores del docente para ejercer su profesión.**

vanguardistas en el trabajo docente. Es el momento para dejar de pensar en una educación con barreras físicas y tecnológicas, como el que hemos enfrentado desde hace un año. Es necesario comenzar a imaginar y a construir una educación híbrida, flexible y adaptable, cercana a los docentes y a los alumnos. Un modelo educativo que conduzca a lograr los objetivos que la educación de hoy demanda al profesorado.

Es importante trabajar con el estudiante y su desarrollo de competencias para la vida y para el nuevo modelo pedagógico, dándole autonomía en su aprendizaje y en el uso de su tiempo. Esto pone a los docentes frente a un nuevo modelo educativo centrado en competencias y en la adopción y uso de las nuevas tecnologías. Estamos hablando no solo del dominio de estrategias de enseñanza, sino de competencias docentes que incluyen la integralidad de las capacidades, habilidades y valores del docente para ejercer su profesión. Entre ellos, el conocimiento y el dominio de aplicaciones que hacen más fácil su trabajo. La meta es garantizar una transición fluida y encontrar modelos efectivos para que, como educadores, puedan desarrollar estas competencias.

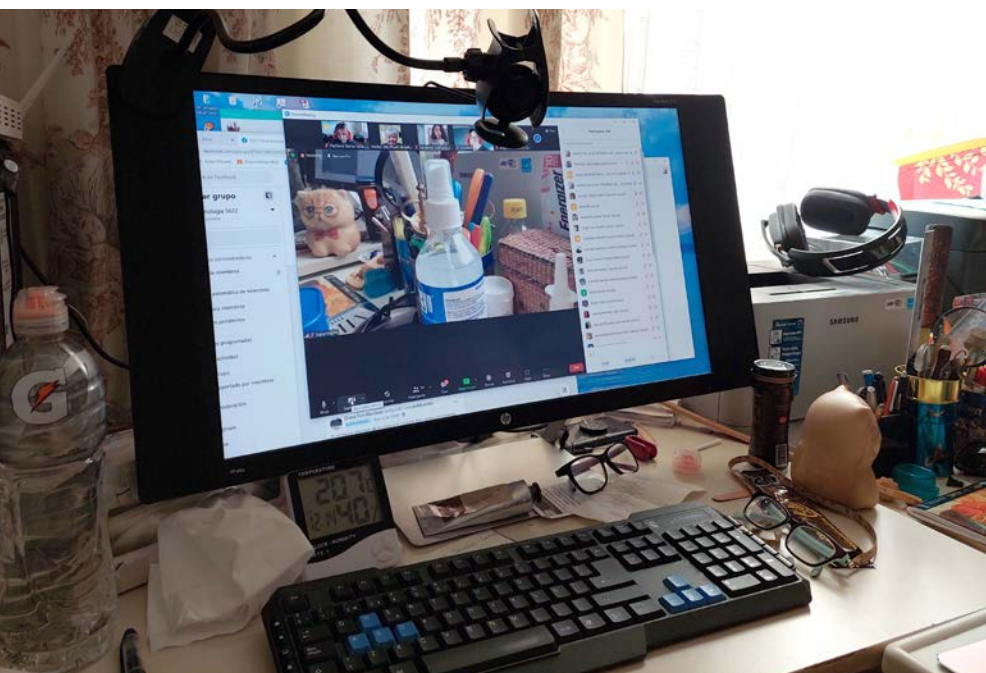


Foto Pilar Segarra



Foto Pilar Segarra

Hablar de educación híbrida es referirse a una mayor automatización de procesos, más dinámicas y la creación de diversos ambientes de aprendizaje ajustados a las características de cada escuela. Lo anterior permite que en la educación se genere mayor autonomía y flexibilidad. Se comienza con permitir a los estudiantes que aprendan solos a explorar sus capacidades individuales.

**Construcción de ambientes individuales y colaborativos - Las personas aprenden mejor cuando son ellas quienes construyen activamente su propio conocimiento y significados. Por ello, en esta modalidad el diseño de clases hace posible potenciar los niveles de enseñanza y los procesos de construcción de conocimiento, es decir, las clases son más dinámicas tanto en comunicación como en participación.**

En esta habilidad existen ocasiones en que los alumnos superan al docente, ya que han crecido en un ambiente más digitalizado. Mediante la implementación del modelo híbrido, las instituciones pueden llegar a promover la construcción del conocimiento mediante el diseño de cursos, creación de contenido propio, así como calificar mucho más y de manera más fácil. Por lo que se hace necesaria la actualización en el uso y el dominio de la tecnología. Además, existen estrategias colaterales a la adopción del modelo híbrido en la enseñanza, que el docente necesita conocer para implementar su aplicación, como se manifiesta a continuación:

1. Construcción de ambientes individuales y colaborativos - Las personas aprenden mejor cuando son ellas quienes construyen activamente su propio conocimiento y significados. Por ello, en esta modalidad el diseño de clases hace posible potenciar los niveles de enseñanza y los procesos de construcción de conocimiento, es decir, las clases son más dinámicas tanto en comunicación como en participación.

2. Flexibilidad - La educación híbrida posibilita la expansión espacio-temporal del ambiente de aprendizaje, con lo cual los maestros pueden gestionar sus tiempos y espacios de acuerdo con los objetivos y modalidades de trabajo que elijan. Los estudiantes tienen la oportunidad de dar segui-

miento a su proceso de aprendizaje de manera continua desde donde estén y esto les permite preparar de modo más cuidadoso sus intervenciones y seguir las de sus compañeros y la del profesor.

3. Visibilidad del proceso educativo - El modelo híbrido hace más palpables los resultados de cada clase y alumno. Nos permite visibilizar de frente cómo aprenden los estudiantes y si lo enseñado fue suficientemente explícito para que comprendan el sentido de cada tema y, a la vez, nos permite medir los objetivos establecidos por la institución. Para esto, el docente se puede apoyar en diversos recursos digitales que le posibiliten medir el avance de sus alumnos y tomar decisiones sobre su proceso de enseñanza.

4. Mayores usos de recursos - Esta modalidad cuenta con diversos materiales con los que los estudiantes amplían sus aprendizajes básicos, pero también potencian otras aptitudes y fortalecen habilidades en áreas específicas. Gracias a la variedad de materiales, los estudiantes pueden mantenerse en un proceso permanente, tanto individual como grupal, de búsqueda, análisis y síntesis de información.

**La modalidad de educación híbrida sigue invitando a una actualización constante en el uso de la tecnología. El profesorado, no sin dificultad, va resolviendo en parte los retos de la enseñanza y va adquiriendo las competencias necesarias para atender a sus estudiantes. Es un proceso.**

5. Potencia la interacción - Un aspecto que perdió relevancia durante el distanciamiento ahora puede ser impulsado por lo híbrido. La expansión de los tiempos y espacios en el ambiente de aprendizaje amplía las posibilidades de los encuentros cercanos entre estudiante-estudiante y estudiante-profesor durante el proceso educativo. El disponer de diferentes momentos, espacios, modalidades y medios en la interacción, constituye una oportunidad de crear un ambiente más flexible y aumenta las posibilidades de interacción.

6. Permite varios roles en los profesores y estudiantes - En los encuentros presenciales, los profesores y estudiantes juegan, en la gran mayoría, los roles clásicos de la educación tradicional: el profesor como expositor y experto y el estudiante como receptor activo o pasivo, de acuerdo con la dinámica propuesta o impuesta por el profesor. En los espacios y tiempos híbridos, los profesores tienen mayor libertad para guiar a sus estudiantes en sus procesos de aprendizaje y para ofrecerles retroalimentación de manera individual y grupal, de acuerdo con la dinámica de trabajo lograda. Son los alumnos quienes desarrollan y concretan la estrategia educativa. Los estudiantes y profesores son protagonistas en diferentes momentos y tienen distintos niveles de actividad en el proceso educativo.

La modalidad de educación híbrida sigue invitando a una actualización constante en el uso de la tecnología. El profesorado, no sin dificultad, va resolviendo en parte los retos de la enseñanza y va adquiriendo las competencias necesarias para atender a sus estudiantes. Es un proceso. 🎓



Foto Luz María Barajas Hernández



## DERECHOS Y DERECHO A LA EDUCACIÓN EN LA VIRTUALIDAD

**María del Rosario Alves**

*Maestra de Educación Especial para alumnos con discapacidad intelectual. Post grado en Gestión de Centros Educativos. Actualmente se desempeña como coordinadora de plan de formación para educadores en protección de menores y prevención de abusos, diócesis de Salto. Uruguay | rosario.alves@gmail.com*

**E**l 13 de marzo de 2020 se declara en Uruguay la emergencia sanitaria. Cierre temporal de los centros educativos, horarios para salir a comprar alimentos, suspensión de espectáculos públicos y abrazos. Uso de barbijo, distanciamiento social, ambulancias y sirenas pueblan las ciudades. Todo habla de crisis y de carencia.

Dos dimensiones de la gestión estatal, fortalecidas en los últimos años, salen a responder en esta pandemia de COVID 19: el fuerte sistema de salud que incluye a toda la población y el plan Ceibal (una computadora por niño/a). Dos derechos, a la salud y a la educación, quedan protegidos. Los sistemas informáticos sirven además a la salud para seguimiento de casos, información rápida y luego plan de vacunación.

Con mucha prontitud los docentes convocaron a sus alumnos a mantener clases virtuales desde la educación inicial a la Universidad. Los hogares se transformaron en aulas, las rutinas de la presencialidad se rompieron, hubo que crear otras nuevas. El personal de la educación se puso a pleno en todo sentido para garantizar el derecho a la educación. No todos estaban en las mismas condiciones formativas para enfrentar este desafío. Se generó aprendizaje colaborativo entre los docentes

para aprender a usar “la ceibalita”, pues hacía tiempo que la tenían en sus aulas pero les provocaba más miedo que oportunidad. El COVID permitió superar ese miedo a investigar para aprender cómo enseñar a sus alumnos a través de una pantalla, al mismo tiempo, cada uno en su hogar, a distancia. No solo la virtualidad fue respuesta. En las zonas rurales donde no hay conectividad, los maestros/as buscaron formas atrayentes y creativas para que los alumnos/as tuvieran otras oportunidades que les permitieran continuar el aprendizaje. Un equipo de maestros salía una vez por semana, recogía tareas realizadas colgadas en las porteras de los campos y dejaba nuevas actividades. Tenían en común la distancia social con una estrategia diferente.

¿Cómo lograr la motivación entre los más pequeños que necesitan del gesto cariñoso, de la cercanía, del estímulo? Allí la creatividad dio lugar a que las familias participaran de alguna manera, a presentar la actividad en forma lúdica, al trabajo en equipos por salas, al uso de breves videos. Hasta aquí el derecho a la educación estaría cubierto. Las posibilidades estaban pero el cruce de variables tuvo sus falencias. Otros derechos se vieron vulnerados o salieron a la luz diversas fragilidades: familias que no podían

contener y mantener a los niños en el aula virtual, viviendas muy carentes de espacio y en malas condiciones, la intimidación se vio muy expuesta, quedó en evidencia la fragmentación de la enseñanza en Educación media.

El Sistema Integral de Protección a la Infancia y a la Adolescencia contra la Violencia (Sipiav), que trabaja desde la sensibilización, capacitación, detección, tratamiento y reparación, debió buscar otra manera de intervenir, la cual se hizo más lenta y no pudo evitar un aumento considerable de mujeres violentadas ante la vista de los menores. Esta es una de las variables que más incidió en el derecho a la educación, ya que muy pronto un considerable número de niños/as y adolescentes se desafiliaron del sistema.

La pandemia nos deja como aprendizaje que la virtualidad puede ser una estrategia, pero no la única. El aprendizaje necesita del componente subjetivo para que avance y sea profundo. Las variables que se cruzan necesitan de dispositivos que las controlen para que nadie quede fuera del sistema educativo y, por lo tanto, para que nadie vea vulnerado su derecho a la educación.

# Usar o jogo em sala de aula é bom para que?

Maria Aparecida Mamede-Neves

Professora Emérita PUC-Rio, Dra. em Psicologia, Pesquisadora Senior do CNPq e Especialista em Psicopedagogia.  
Brasil | apmamede@gmail.com

*As pesquisas da autora mostram que o jogo é, sim, um elemento essencial na sala de aula, pois é uma forma deliciosa de aprender. Para fundamentar esta hipótese se serve do teórico Caillois, um estudioso do jogo que se apoiou em Huizinga. A autora vai se estender falando dos jogos que ela utilizou no âmbito educativo: os Alea e os Mimicry, que são os famosos RPG ou Jogos de Histórias Abertas.*

Las investigaciones de la autora muestran que sí, el juego es un elemento esencial en la clase porque es una forma deliciosa de aprender. Para fundamentar esta hipótesis se sirve del teórico Caillois, un estudioso del juego que se apoyó en Hizinga. La autora se explaya hablando de los juegos que ella misma utilizó en el ámbito educativo: los Alea y los Mimicry, que son los famosos RPG o Juegos de Historias Abiertas.



**N**esse novo milênio, costumam dizer que, mais do que nunca, vivemos desafiados por um mundo novo e que isso é consequência, principalmente, das mudanças revolucionárias que a tecnologia proporcionou. O próprio sociólogo Manuel Castells, desde 1999, nos aponta isso. Por esse motivo, nunca os jogos eletrônicos tiveram tão em alta, aconselhados para o melhor desenvolvimento do sujeito, ora classificado por Y, Z ou sei lá quantas classificações já se fez. Não sei se é bem assim...

Que o mundo dito mais civilizado tem acelerado suas mudanças, numa corrida frenética em busca sempre de algo novo, novas sensações, novos empreendimentos, novas descobertas, disso não tenho dúvidas. E é por isso que, num mesmo tempo, mais e mais convivem momentos históricos diferentes, aumentam em grandeza inconcebível as distâncias socioeconômicas, numa mesma cidade ou num único bairro. E essas diferenças, certamente, pesam e muito, quando se dimensiona o índice de educação de um país, de um povo.

Mudou a escola, mudaram os arranjos familiares, mudaram as tecnologias educacionais, mas o desafio de uma educação melhor e mais justa continua: a realidade parece-me que nos mostra cada vez mais que a Educação não dá conta do que se propõe, baldadas todas as tecnologias que se possa fazer uso. Hoje a escola é uma incógnita, a profissão do educador está em baixa, os alunos cada vez parecem aprender menos, não se interessam pelo ensino, sua atenção está fluida, os índices de TDAH aumentam assustadoramente e, o que é pior, o que os mestres aprendem relativo a metodologias didáticas não funciona em

**O jogo está associado à possibilidade de, mais rapidamente, se vencer no mundo atual: pelo aumento da destreza, da rapidez em tomar decisões, da competitividade, da busca do sucesso. O que gerações anteriores viam como um perigo, no mundo laboral atual é uma qualidade. Penso muito diferente.**

sala de aula. É, então, nesse cenário que o jogo eletrônico aparece como uma ideia messiânica que contemplará a todos: mestres e alunos.

O jogo está associado à possibilidade de, mais rapidamente, se vencer no mundo atual: pelo aumento da destreza, da rapidez em tomar decisões, da competitividade, da busca do sucesso. O que gerações anteriores viam como um perigo, no mundo laboral atual é uma qualidade. Penso muito diferente.

### Jogos: tipos e funções

Há mais de 20 anos estudo jovens em jogo e essa vida vivida em suas sucessivas etapas vêm mostrando que é a experiência acumulada da observação direta do mundo empírico, quando articulada aos aportes teóricos que a elas se referem, a que nos oferece uma expertise impar e muito mais sólida de atuação no campo em que estamos envolvidos. Por isso, vou do campo aos teóricos; dos teóricos ao campo, numa espiral dialética que não tem fim.

Quanto mais estudo e me aprofundo na história dos jogos em suas diferentes formas, do milenares aos eletrônicos, quanto mais realizo oficina nas periferias, considero que o jogo, se por um lado, pela sua natureza lúdica é, sem dúvida, uma forma deliciosa de se aprender coisas, tem também suas peculiaridades e riscos. E o risco maior é, com certeza, reforçar o querer vencer sempre, reforçar o desprezo pelo adversário que tomba, incendiar a soberba pelo sucesso. Isso não é educativo.



Foto Stella Maria de Azevedo Pedrosa

Nossas pesquisas mostram resultados muito mais interessantes do que esse cenário, resultados que fazem sim do jogo um elemento essencial em sala de aula, mas por outras diferentes razões. Vamos a elas.

Primeiro, há que se pensar que há vários tipos de jogos e alguns tipos eu não uso no campo educacional. Callois, um estudioso de jogos que se apoiou em Huizinga, efetivamente o mais importante autor sobre o tema, formulou uma classificação de jogos que esclarece o que discuto aqui. Observando as reações de cada jogador pela natureza imperativa do jogo, Callois os divide em quatro grupos: Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx.<sup>1</sup>

**Agôn**, em grego, era uma divindade que personificava os concursos, desafios e disputas solenes em que a competência dos jogadores é posta à prova. Assim, Callois classifica como Agôn, os jogos em que há a primazia da competição, do embate com o adversário, trazendo por consequência a busca pelo charme do sucesso sempre muito incensado.

**Alea**, em latim, significa sorte, risco, acaso, prejuízo (no ponto de vista jurídico), independente da capacidade do jogador. Callois classifica como tal aqueles jogos em que os jogadores são meros espectadores da sorte, independentemente de suas capacidades.

**Mimicry** é um termo em inglês que significa mimetismo, imitação. Por isso, surge a categoria dos jogos mimicry “em que o jogador aceita livremente esse universo de fantasia, fictício, alheio à vida real, no qual

**Primeiro, há que se pensar que há vários tipos de jogos e alguns tipos eu não uso no campo educacional. Callois, um estudioso de jogos que se apoiou em Huizinga, efetivamente o mais importante autor sobre o tema, formulou uma classificação de jogos que esclarece o que discuto aqui. Observando as reações de cada jogador pela natureza imperativa do jogo, Callois os divide em quatro grupos: Agôn, Alea, Mimicry e Ilinx.**

ele temporariamente se desfaz da sua personalidade para se travestir de uma outra, de maneira a fazer crer para si e para os outros - sejam estes jogadores ou espectadores - esta nova persona”. O jogo de RPG, também chamado de Jogo de Histórias Abertas é o grande exemplo dos jogos Mimicry e merece ser melhor entendido. É o que faremos adiante.

**Ilinx**, no grego, significa turbilhão das águas, e na mesma língua o designativo de vertigem (ilingos). Callois coloca nessa categoria os jogos que produzem quebra de estabilidade, sensações vertiginosas que alcançam o pavor e o pânico, com descargas grandes de adrenalina. São, por exemplo, os jogos que se usam nos esportes radicais.

Isso posto, falemos dos jogos que usamos em sala de aula e que foram objeto de nossas pesquisas<sup>2</sup>: O RPG e os jogos tipo Alea.



Foto Stella Maria de Azevedo Pedrosa

## Jogando na sala de aula

O RPG<sup>iii</sup> é um grande filão para quem deseja gamificar uma aula; é ter um jogo completo, podendo ser construído a partir de diferentes campos do conhecimento, seja ele literatura, história, geografia, construção de narrativa, matemática, etc. Enfim, é um jogo que gosto muito, porque tem um grande potencial no cotidiano escolar, não precisando ser necessariamente eletrônico e, pela minha experiência, é muito adequado na forma tradicional porque (e principalmente quando) se transforma num projeto de turma, em que tudo é construído pelo próprio grupo, a partir de uma *storyboard* inicial, construindo cenários e personagens e, o que é mais admirável, com possibilidades de vários finais.

No caso de seu uso, por exemplo, no campo da História, a possibilidade de mudar o curso dos acontecimentos reais já acontecidos, dentro do cenário do jogo, ainda que apenas como hipóteses, leva os jovens a desenvolverem o raciocínio, a ponderação de opiniões, a se curvar ante à ação e aos argumentos dos outros atores, enfim, propicia o desenvolvimento principalmente do pensamento dialético, tão escasso na sociedade de hoje, polarizada, confrontada quase de forma irracional.

No RPG, o jogo segue o curso da rede de acontecimentos que se construiu, a partir do enredo inicial e sob o papel moderador do Xamã (o coordenador do jogo). E como rede, apresenta-se homólogo ao pensamento, um imenso e complexo sistema associativo em metamorfose permanente. A rede é formada de nós (sons, imagens, palavras, cenários, atos representados) e conexões (lógicas e afetivas) e ambos são heterogêneos. Assim sendo, nessa forma de jogo, a estabilidade é fruto da interação no jogo e da consistência da narrativa produzida. Para o jogador não ficar refém dessa rede de acontecimentos, tem que estar atento para modificá-la e, com isso, mudar também o curso dos acontecimentos, tornando o cenário e a performance dos personagens enriquecidos pelo próprio jogo das suas transformações, sem, contudo, deixar que essas transformações conduzam para fora das fronteiras da estrutura da narrativa, como fazer apelo a elementos exteriores que não estão previstos pelas regras iniciais. Exemplo: não é permitido acrescentar uma qualidade a um personagem que não lhe pertence em sua descrição inicial, nem que foi adquirida dentro de uma possibilidade lógica.

O RPG é um instrumento fantástico para o professor que queira gamificar parte de sua aula, porque é um jogo que supõe um minucioso trabalho de organização, seleção, contextualização, acompanhamento e orientação dos que estão jogando. Costumo dizer que o RPG, quando bem

aplicado em sala, é uma fonte inesgotável de interesse por parte de ensinantes e aprendentes, já que “navegar” nesse jogo, é de fato, “desenhar” um percurso em uma rede que pode se “complexificar” tanto quanto possível, visto que cada nó, por sua vez, contém uma rede inteira e, assim, fazer os jogadores tomarem outros rumos... E para a pergunta “Por que os jogadores não se perdem?”, só há uma resposta: porque há um Xamã atento que não deixa o sistema fragmentar-se e porque os jogadores são conduzidos pelo desejo e pela meta de chegar a um fim, como o fio de Ariadne que salva Teseu da morte pelo Minotauro no labirinto.

**O RPG é um instrumento fantástico para o professor que queira gamificar parte de sua aula, porque é um jogo que supõe um minucioso trabalho de organização, seleção, contextualização, acompanhamento e orientação dos que estão jogando.**

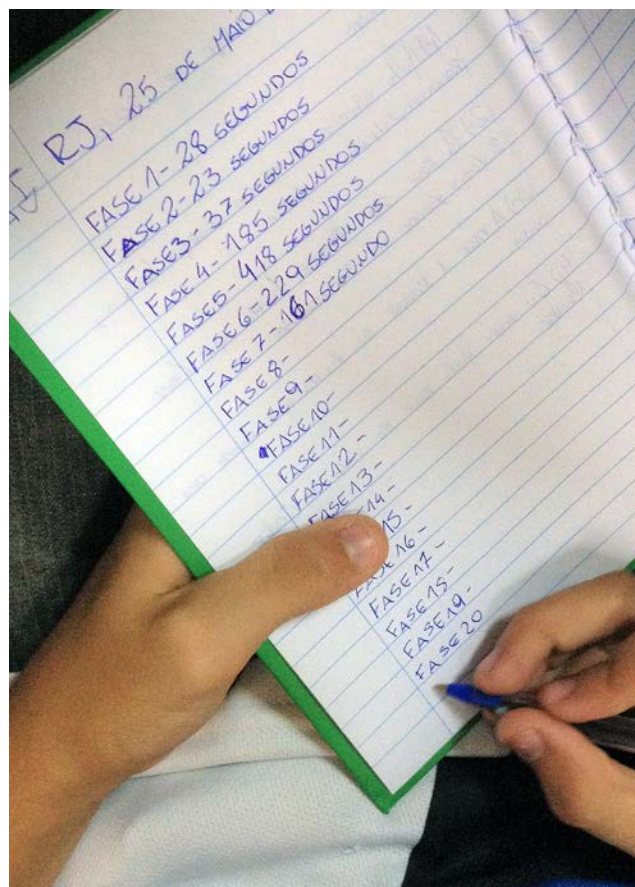


Foto Stella Maria de Azevedo Pedrosa



Foto Stella Maria de Azevedo Pedrosa

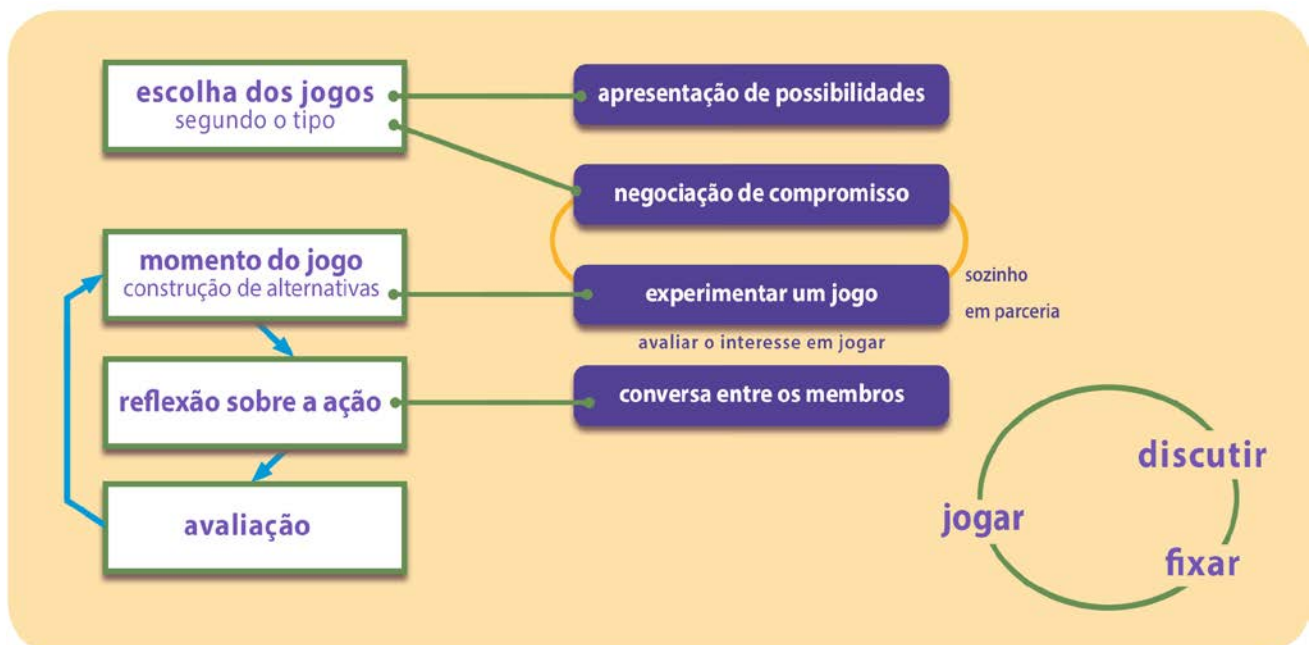
Em verdade, trabalho com jogos digitais não com o objetivo apenas de distrair, nem de dar conteúdo. Esta ideia é fundamentalmente oposta ao apelo dos chamados *jogos pedagógicos*. Como considera Lino de Macedo<sup>iv</sup>, não acredito também em jogos educativos, porque se o jogador sabe, por exemplo, “fazer contas”, as faz sem dificuldade, num jogo e, se não sabe, erra ou apenas decora a resposta certa para ganhar a jogada. Em verdade, não adquire o entendimento da operação que executa. O que precisamos é aprimorar as habilidades e competências necessárias ao entendimento, porque estaremos possibilitando a compreensão do que é ensinado na escola e, consequentemente, o alcance da melhora escolar.

Além desse tipo, mais complexo, mais trabalhoso para o professor que não está acostumado a jogá-lo, nossas pesquisas se voltaram para os jogos eletrônicos (alegria e encantamento de qualquer criança ou jovem adolescente) do tipo **Agôn**, porém não incentivando a competição entre os jovens, mas sim a autocompetição, a busca pela superação de si próprio, associada à ideia da turma como um time que se aperfeiçoa cada vez mais. Essa maneira de usar o jogo mostrou como fortalece as relações de grupo e como é frutífera a formação de duplas heterogêneas em relação ao desempenho no jogo, nas quais o elemento mais forte ajuda, incentiva e colabora para o fortalecimento do seu parceiro, formando um elo de cumplicidade que enriquece os dois membros e aumenta, na turma, o sentido de parceria, cooperação e coesão grupal. Com esse trabalho cooperativo e de autosuperação, ganham todos, porque a turma se sente mais confiante, proativa e com grande melhora na autoestima.

## Os jogos digitais e as minhas pesquisas

Essa minha maneira de trabalhar se tornou uma proposta didática operacional validada através das pesquisas realizadas pelo Diretório Jovens em Rede. Há seis anos viemos realizando oficinas para pesquisar o desempenho de jovens de 11 a 17 anos que estão em situação de sucessivos insucessos escolares, a maioria analfabeta funcional, com grave comportamento antissocial, todos provenientes de escolas públicas situadas em comunidades altamente infiltradas por traficantes. Usamos jogos digitais leves, até agora aqueles que não precisam de internet potente e jogamos diretamente na tela do computador, adotando o recurso das parcerias e do grupo como um time em crescimento.


O esquema abaixo é a síntese da matriz didática que adoto em oficinas realizadas com qualquer tipo de jogo (riscado, em3D, de tabuleiro ou eletrônico):



Inicia-se com a escolha do jogo por parte do grupo, dentro dos apresentados e previamente considerados pela equipe como sendo adequado ao nível do grupo e o compromisso dos jovens em respeitar a escolha havida. Segue-se então ao momento central do projeto, ou seja, o ato de jogar. Nessa etapa, há um pequeno ensaio para que o grupo possa avaliar o interesse que o jogo despertou. Uma vez aprovado o jogo escolhido, ascende-se à etapa do jogar propriamente dito, na qual, com liberdade, as dificuldades ou os acertos são colocados e, sob a supervisão do Xamã, a discussão se processa, duplas podem ser formadas, explicações podem ser dadas, tudo pelo bem do avanço do grupo como um todo. A etapa seguinte é aquela na qual os jovens vão ser incentivados a colocar no papel, no Word ou de forma gráfica as suas reflexões e explicações sobre as jogadas realizadas. A ideia central é que haja qualquer forma de explicação, porque, dentro de nossa proposta conceitual, considera-se que, quando o processo de construção de uma atividade é posto em narrativa, há uma concomitante reflexão sobre a ação realizada e, conseqüentemente, uma avaliação da eficácia ou não do processo. Com isso, se desperta o interesse por saber mais, por procurar a resposta e o Google é a enciclopédia que está ao alcance de qualquer mão e, que depois, permite o refinamento da busca.

O êxito alcançado por nosso trabalho e a avaliação positiva dessa metodologia levou à montagem, em forma de livreto, da proposta didática que se deseja por ao alcance de qualquer professor de escolas públicas espalhadas por esses muitos Brasis que existem dentro do nosso Brasil. Mas essa é uma outra meta que, ainda, temos esperança, havemos de alcançar...



Enquanto isso, pretendemos adaptar essa metodologia usando agora o celular, esse objeto que democratizou as tecnologias e se pôs ao alcance das camadas populares que nunca esperavam entrar no mundo virtual. Usar jogos de celular, muito queridos das crianças e adolescentes, é agora nossa meta mais próxima. 

## Referências

- [http://pt.slideshare.net/alexandrehistori/habilidades-e-competncias-10361904?next\\_slideshow=3](http://pt.slideshare.net/alexandrehistori/habilidades-e-competncias-10361904?next_slideshow=3), 28 de Nov de 2011, capturado em 22/11/2021
- CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens. Lisboa: Portugal, 1990.
- CASTELL, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Pez terra, 1999
- CRUZ JUNIOR, GILSON; CRUZ, Dulce Marcia. Entre os games e o gaming: por uma compreensão sistêmica das experiências culturais eletrônicas. Revista Novas tecnologias na educação. Porto Alegre, v. 10, n. 3, dez. 2012.
- GEE, James Paul. Learning and games. The Ecology of games: connecting youth games and learning. Cambridge: The MIT Press, 2008, p. 21-40.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento na cultura. São Paulo: Perspectiva, [1938] 1996.
- HERRMANN, Michael et al. Population Dynamics in the LDCs: Challenges and Opportunities for Huizinga, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento na cultura. São Paulo: Perspectiva, [1938] 1996.
- JENKINS, Henry. Game Design as Narrative Architecture. <https://web.mit.edu/~21fms/People/henry3/games&narrative.html>, capturado em 22/11/2021.
- MACEDO, Lino. Competir e cooperar fazem parte do mesmo jogo. Nova Escola, v. 30, p. 82-82, 2015.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lucia; CARVALHO, G. E.; SOUZA, Maria Theraza Costa Coelho de. Intervenção com jogos: estudo sobre o Tangram. Revista Psicologia Escolar e Educacional, v. 19, p. 13-22, 2015.
- MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lucia S.; PASSOS, Norimar C. Aprender com jogos e situações-problema. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos; PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo. Teens and gaming: the use of electronic games to develop reflective thinking. ICI2015, Sevilha 2015.
- MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. Knowing how we think and learn: a key competence in teaching. In: Proceedings ATEE Winter Conference: The professional development of bringing together teachers educators policy, practice and research, 4., 2012, Coimbra.
- PIAGET, Jean. Fazer para compreender. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1978.

## Notas

- 1 Considero a síntese feita no site BlackHeart (<https://blackheartfrt.medium.com/os-jogos-e-os-homens-851ba6a0cc550> capturada em 20 de novembro de 2021) sobre a classificação dos jogos de Callois muito bem feita e, por isso, tomei-a como base nessa parte do meu texto.
- 2 Pesquisas realizadas sempre com o apoio do CNPq: **Jovens em Jogos: uso de jogos eletrônicos digitais na construção do pensamento reflexivo em várias aplicações empíricas (desde 2016 até o presente momento)**, inclusive um ensaio, apoiado pela UNICEF, na República de São Tomé e Príncipe, África; **Criando Jogos Digitais: espaço lúdico de construção do pensamento reflexivo**.
- 3 Parte do que está escrito sobre o jogo de RPG é fruto de uma palestra proferida em 2017 por mim e por Victor M. de Carvalho, Mestre em Línguas Latinas (UFBA), nosso colega participante da equipe do Diretório de pesquisa Jovens em Rede e grande Xamã de RPG (conhecido no campo virtual por Victor Gagaia).
- 4 Em comunicação pessoal, várias vezes.

# La Vuelta a la Escuela Presencial, Impactos y Desafíos

Alejandra Meza Ramírez

Profesora de Artes Visuales y Tecnología / Coach Robótica. Magíster en Educación / Experta en Tics e Informática Educativa Chile | ameza@colegioit.cl

*La autora cuenta una primera experiencia de enseñanza híbrida vivida en su colegio, y una segunda experiencia de modalidad de jornadas divididas. Con respecto a esta segunda vivencia, habla de la prioridad que se dio a las clases presenciales, de la reducción de las clases por zoom a un pequeño grupo de alumnos, y de la plataforma Learning Management System (LMS) adoptada por la institución escolar.*

*A autora conta sobre uma primeira experiência de ensino híbrido vivida no seu colégio, e sobre uma segunda experiência de modalidade de jornadas divididas. A respeito dessa segunda vivência, fala da prioridade dada à presencialidade, à redução das aulas por zoom para um pequeno grupo de alunos, e da plataforma Learning Management System (LMS), adotada pela instituição escolar.*



## Una “pedagogía para tiempos difíciles”

A las dos de la tarde del 19 de octubre de 2021, en el segundo piso de nuestro colegio, una de las mesas hexagonales de la sala de tecnología se llenaba de emoción. Tres estudiantes de quinto básico miraban fijo la pantalla de un notebook. Podrían haber estado viendo un vídeo de YouTube o leyendo una noticia. Sin embargo, lo que capturaba toda su atención, era un “mouse” que recorría la pantalla manejada desde casa por una niña de sexto básico, haciendo clic en los bloques de motores y arrastrándolos hacia la interfaz de programación del robot Lego Nxt Mindstorm al que el notebook estaba conectado.

De pronto un silencio, se hace clic al botón de inicio y el robot comienza a moverse y a completar las tareas. Desde su casa Mariana, la integrante del grupo que no podía estar presencial, tomó el control remoto del computador, programó y activó el robot para cumplir con el encargo de la profesora. Un equipo de trabajo híbrido, parte de los estudiantes en la sala y parte en casa, un logro para ellos, para quienes el teletrabajo no tiene nada de excepcional. Fue nuestra primera experiencia híbrida con el taller de robótica de los más pequeños, sin lugar a duda un hito para nuestro colegio.

**Un equipo de trabajo híbrido, parte de los estudiantes en la sala y parte en casa, un logro para ellos, para quienes el teletrabajo no tiene nada de excepcional. Fue nuestra primera experiencia híbrida con el taller de robótica de los más pequeños, sin lugar a duda un hito para nuestro colegio.**



Foto Yeiko Andrés Ladrón de Guevara

## Una nueva mirada al aula presencial

En octubre, la pandemia en Chile sufre un rebrote y aumentan los contagios. Como colegio, se vuelve necesario tomar las medidas para no exponer a los estudiantes y a la comunidad. Ya se llevaba un tiempo con clases presenciales, pero dada la alerta de un estudiante positivo a COVID, se envía a todo el curso a cuarentena preventiva, y dentro del curso, a una de las estudiantes de mi taller de robótica. Solo unos meses antes habíamos logrado volver todos al aula. Si bien ya no es como era antes de la pandemia, nuestro “Taller de robótica”, con un número reducido de estudiantes, estaba nuevamente funcionando presencialmente.

Desafiados a trabajar en equipo, en el que el aporte de cada uno por el logro de un objetivo se vuelve relevante, en el que el diseño y la construcción del robot requiere colaboración al máximo, ponerse de acuerdo y trazar la ruta que debe seguir el robot sobre la mesa de juego, hace que la presencialidad sea necesaria, siendo vital estar físicamente en el lugar. Antes de la pandemia era imposible, inclusive para los estudiantes, pensar que se podría trabajar en robótica remotamente y a distancia.

Pero para Mariana, una niña de 11 años con un alto nivel de motivación y entusiasmo, consciente de su rol protagónico de su propio aprendizaje y que estaba con cuarentena preventiva en casa, simplemente perder las actividades del taller no era una opción. Me escribió para que le enviara remotamente tareas para trabajar desde casa. Su propuesta me desafió a repensar la didáctica dentro del aula, a entrar en acción y debo decir que si bien para los estudiantes fue casi natural tener una parte del grupo a varios kilómetros de distancia del taller, ver una sesión híbrida en acción, ver las didácticas operando y consiguiendo los objetivos, me llenó de satisfacción y me dejó la certeza de que estos dos años de pandemia, estos dos años de aprendizaje y uso de tecnología, nos ha permitido ver los cambios inesperados como una oportunidad de crecimiento. Además, nos han dejado un terreno fértil para avanzar en nuevas metodologías para la educación mediada por la tecnología.

Esta pandemia nos ha hecho reflexionar sobre las nuevas formas de enseñanza y las nuevas didácticas que debemos crear y diseñar como profesores para llevar a cabo nuestro trabajo. Ya tuvimos que llevar nuestras clases a cada casa, con lo cual la familia se vuelve parte de este proceso. Si ya existe la experiencia, por qué no invitarlos y preguntarles por e-mail ¿Te animas a asistir remotamente al taller de robótica y trabajar desde casa con tu equipo? No sé si antes de la pandemia hubiera tenido la misma respuesta. Creo que por la edad y por su experiencia con las tecnologías de conexión remota es muy probable que no se atrevieran, pero el vínculo ya estaba afianzado. Eso potenció la respuesta “sí me atrevo” y un entusiasmado “muy bien, Mariana” dicho por su mamá en pantalla.

En marzo del 2020, cuando en solo dos semanas el país entró en cuarentena total, muchos de los profesores debieron, sobre la marcha, replanificar y resignificar sus clases, cambiar la didáctica que ya dominaban para aprender a usar tecnología y hacer un “cambio de switch” en la forma como habían estado enseñando. Mucho temor e incertidumbre se sentía en el profesorado y, casi sin darme cuenta, rápidamente me convertí en mentora, dada mi experiencia en el uso de tecnologías.

## Las “ya no tan nuevas” tecnologías se instalaron en el aula

En 2018 un estudio de UNICEF nos decía que un 65% de los profesores usaba la tecnología para sus actividades pedagógicas. Pues bien, esta pandemia elevó esa cifra a casi un 100% en nuestro colegio.

**82% de los centros cuenta con banda ancha**

**El 66% de los alumnos y alumnas usa internet para sus trabajos**

**En el aula: El 65% de los docentes usa las TICs para sus actividades pedagógicas**

Fuente: Estudios sobre la inclusión de las TICs en los Centros Educativos de las aulas Fundación Telefónica.

Hoy, con casi dos años de aprendizaje a la velocidad de la luz, todos los profesores de alguna manera se han “digitalizado”. Hoy hablar de cápsulas educativas, de pizarras virtuales como Padlet, de archivos compartidos, no es extraño para nadie, pues tuvimos que aprender y dejar de temer a las tecnologías.

Cuando en el segundo semestre de este año se comenzó gradualmente a volver a la “normalidad”, se hizo patente la expresión de Adriana Puiggrós, en referencia al retorno a clases presenciales: *“La perspectiva más realista nos lleva a suponer que habrá distintas situaciones, que ya está presente*

*la fuerza de la inercia que trata de llevar las aguas a su viejo cauce, pero también que se rompieron moldes y abrieron fisuras imposibles de reparar”.*

Afortunadamente, estas fisuras no dejan entrar el agua con fuerza destructiva, si no que dejan entrar la educación en una nueva forma, la de la educación mediada por las tecnologías.

En esta vuelta nos enfrentamos a un nuevo escenario. Como colegio, de acuerdo a las normas sanitarias establecidas por el Ministerio de Salud y a los objetivos planteados por el Ministerio de Educación, no se optó por clases híbridas, sino que se dio prioridad a la presencialidad. Se trabajó con la modalidad de jornadas divididas en dos grupos y así se cumplió con el aforo, pero lo más importante era volver al contacto con el otro y dar prioridad a lo social. Las clases por zoom quedaron reducidas a un pequeño grupo que no podía volver y la plataforma LMS (Learning Management System), que como colegio habíamos adoptado, se empezó a utilizar según los requerimientos de cada ciclo.

**Hoy, con casi dos años de aprendizaje a la velocidad de la luz, todos los profesores de alguna manera se han “digitalizado”. Hoy hablar de cápsulas educativas, de pizarras virtuales como Padlet, de archivos compartidos, no es extraño para nadie, pues tuvimos que aprender y dejar de temer a las tecnologías.**





Foto Yelko Andrés Ladrón de Guevara

## Aplicando nuevas didácticas

Pensar en este momento en iniciar procesos de aula invertida para escolares de 8 años, ya no es tan inalcanzable como se hubiera pensado hace 5 años. La pandemia nos ha hecho crecer en educación y plantearnos nuevos desafíos. Claramente no es algo de llegar e implementar. Hemos pasado de una especie de estado de emergencia educativa, en la que se hizo necesario improvisar y aprender a ritmo forzado, con poca reflexión y maduración de metodologías. Pero ahora es el tiempo para poner en práctica y atreverse a aplicar en nuestra clase “normal” las técnicas que hemos aplicado en nuestras clases remotas, de manera paulatina y planificada con tiempo.

La pandemia y la educación remota han impactado en la forma de educar. No solo en la ampliación a las herramientas disponibles, también en la posibilidad de romper las distancias y tal vez lo más importante, nos ha dado una nueva veta de posibilidades didácticas.

Más de acuerdo con lo que se esperaba de la educación en el siglo XXI.

Se describe que una clase Blended utiliza diferentes métodos para entregar el contenido. Hoy estamos preparados para enfrentar los tres modelos que la clase Blended tiene: Orientado a las destrezas: que puede ser cubierto por trabajos colaborativos en equipos, material dejado en línea para la auto instrucción de los estudiantes y la aplicación de método de proyectos (ABP); Orientado a las actitudes: Elaboración de trabajos basado en juego de roles, participación de webinars sincrónicos en línea y presenciales, y la asignación de trabajos en equipos para ser desarrollados en línea; y finalmente Orientado a las competencias: que pueden ser atendidos completamente con sistemas administradores de aprendizaje / LMS (sigla en inglés de *Learning Management System*) y las mentorías, que ahora pueden ser ejecutadas de manera presencial y remota.



Foto Yelko Andrés Ladrón de Guevara

Aceptemos que pensar hoy en una clase Flipped, una clase Blended o la utilización de herramientas tecnológicas, ya no es algo lejano. Dos años de pandemia nos han dado destrezas tecnológicas que no debemos desaprovechar. Pensar en volver a una clase frontal similar a las previas a la pandemia, no es una vuelta a la normalidad, es un retroceso. Ya debemos asumir que las tecnologías llegaron para quedarse y nosotros como profesores estamos desafiados a buscar y experimentar nuevas didácticas.


Hoy se nos plantea una oportunidad única de cambiar la forma de enseñar, que a la vez nos entrega un desafío mayúsculo: adaptarnos a una nueva era, una era post pandemia, una era en la que tendremos cosas para las que no nos preparamos antes. Nunca el planeta estuvo tan conectado, nuestros estudiantes tan permeables a usar nuevas tecnologías y nosotros, los profesores, nunca tuvimos tampoco, tantas herramientas a nuestra disposición. Podría ser fácil confundirse con toda la oferta que hay, solo pensar en herramientas de video-

**Hoy se nos plantea una oportunidad única de cambiar la forma de enseñar, que a la vez nos entrega un desafío mayúsculo: adaptarnos a una nueva era, una era post pandemia, una era en la tendremos cosas para las que no nos preparamos antes.**

conferencia ya es un poco vertiginoso. Por lo que debemos actuar con lo que hemos aprendido, con lo que vamos haciendo, con los sentidos y el corazón puesto en nuestro principal quehacer: “educar”, como diría San Pedro Poveda, “con el corazón y la mente en el momento presente”. “El acompañamiento se da en momentos de frustración”, San Pedro Poveda.

### **A modo de conclusión podemos preguntarnos**

¿Es esta herramienta útil y atractiva para lo que pretendo hacer? Si en 2 años pudimos hacer clases desde nuestras casas, si algunos pudimos corregir trabajos enviados por WhatsApp, por Classroom o Canvas, claro que podremos adaptar y mejorar nuestra aula presencial (o híbrida) con algunas herramientas remotas.

Debemos buscar esas nuevas didácticas para nuestras asignaturas, debemos adaptarnos y acompañar a la nueva generación. No sabemos exactamente qué herramienta se ajusta, porque estamos en el proceso de colonización a este nuevo espacio docente, pero nunca perdamos de vista que es importante que nuestros estudiantes también sientan que hemos evolucionado, que hacemos nuevas cosas, que podemos, al igual que con Mariana, la estudiante con la que di vida y comencé este artículo, proyectar la enseñanza hasta su casa y romper el espacio entre nosotros. Después de todo, los estamos preparando para trabajos que aún no han sido inventados. 

#### **Referências**

Educación mediada por las tecnologías: un desafío ante la coyuntura del Covid-19.

[http://www.oncti.gob.ve/ojs/index.php/rev\\_ODC/article/view/132](http://www.oncti.gob.ve/ojs/index.php/rev_ODC/article/view/132)  
 PNUD LAC C19 PDS No. 20 COVID-19 y educación primaria y secundaria: repercusiones de la crisis e implicaciones de política pública para América Latina y el Caribe.

<https://www.unicef.org/lac/media/16851/file/CD19-PDS-Number-19-UNICEF-Educacion-ES.pdf>

Las cifras no mienten, la digitalización es una realidad a nivel mundial.  
<https://www.unir.net/educacion/revista/las-cifras-no-mienten-la-digitalizacion-en-las-aulas-es-una-realidad-a-nivel-mundial/>

Balance del estado de la educación, en pandemia en América Latina, el caso de Argentina.

<https://www.maestromasmaestro.com.ar/wp-content/uploads/2020/09/Balance-del-estado-de-la-educacio%CC%81n...Puig-gros-1.pdf>

Blending Learning Models.

<https://www.purnima-valiathan.com/wp-content/uploads/2015/09/Blended-Learning-Models-2002-ASTD.pdf>

# Desafios e perspectivas da cultura digital e da educação híbrida



*Fausto Camargo*

Doutor. Professor. Com experiência na liderança e gestão de cursos superiores; na implantação de Metodologias Ativas de Aprendizagem, Ensino Híbrido, Aprendizagem baseada em Projetos e em formação docente. Palestrante, consultor e facilitador em workshops e treinamentos. Autor dos livros “A Sala de Aula Digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line híbrido” e “A Sala de Aula Inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo”, ambos publicados pela Ed. Penso.  
Brasil | <https://linktr.ee/faustocamargo> | [faustofac@gmail.com](mailto:faustofac@gmail.com)

*O professor pode usar a virtualidade para levar mais conteúdo e desenvolver habilidades, e, ao mesmo tempo, transformar e potencializar a interação na sala de aula presencial, por exemplo, por meio da realização de projetos reais. Assim, é possível ter parte da jornada do estudante, voltada ao conteúdo, na virtualidade e, outra parte, na presencialidade. Nesse contexto, o professor se torna um mediador e gestor da aprendizagem, ao mesmo tempo que esta pode ser mais personalizada.*

El profesor puede usar la virtualidad para llevar más contenido y desarrollar habilidades y, al mismo tiempo, para transformar y potencializar la interacción en la clase presencial, por ejemplo, mediante la realización de proyectos reales. De esta manera, es posible que una parte de la jornada del estudiante –la referente al contenido– sea virtual, y que la otra parte sea presencial. Dentro de este contexto, el profesor se vuelve un mediador y gestor del aprendizaje, y este puede ser personalizado.



**A**sociedade, de maneira geral, vem sendo cada vez mais impactada com a digitalização. Com a internet, a disponibilização e o rápido acesso a informações, muitas atividades pessoais e profissionais vieram para a *palma da mão* das pessoas. São filmes, antes vistos no cinema ou alugados na locadora, agora via *streaming*; embarque em aeroportos com bilhete eletrônico no celular; videogames compartilhados e jogados em equipe, interagindo de qualquer parte do mundo; telemedicina; psicólogos e outros profissionais realizando atendimento remoto, enfim, muita coisa mudou e com a educação não poderia ser diferente.

A realidade é que o digital está presente no cotidiano das pessoas, muitas vezes, tão conectadas que nem percebem o quanto a vida se desenrola nesse cenário imbricado, ou ainda, o quanto estão imersos na cultura digital. Durante muito tempo a sala de aula foi compreendida como um local onde os alunos aprendem determinados conteúdos ou conceitos. No entanto, diante de uma nova realidade, digital, é preciso atualizar essa compreensão. Neste sentido, uma sala de aula pode ser compreendida como um espaço onde professores e estudantes compartilham, trocam experiências e interagem a favor da aprendizagem.

Assim, se, de um lado, a cultura digital pode transformar a sala de aula, transformando-a em um local de compartilhamento e troca de experiências voltadas a soluções de problemas reais, por outro lado, apresenta e potencializa processos educativos não formais, ou ainda, não regulados. Tal cenário leva ao surgimento de inúmeros cursos não regulados, em diversas áreas de cursos livres, disponíveis em plataformas de aprendizagem virtuais.

Somado a esses fatores, percebe-se: 1. o mercado de trabalho, pouco a pouco, vem evidenciando a necessidade de mudanças e de preparação dos jovens, apresentando, em alguns casos, dificuldades no processo de recrutamento e seleção e escassez de mão de obra qualificada; 2. em outros casos, descrédito em cursos de graduação, e ainda, de pós-graduação *lato-senso*, e; 3. a necessidade de cursos de atualização (*Life long learning* – aprendizado contínuo) em que se faz necessária a atualização ou reciclagem, diante das mudanças e inovações pelas quais passa o mundo. Exemplo desse cenário pode ser visualizado em cursos não regulados (ou não formais) nas áreas de gestão e de tecnologia.

**Durante muito tempo a sala de aula foi compreendida como um local onde os alunos aprendem determinados conteúdos ou conceitos. No entanto, diante de uma nova realidade, digital, é preciso atualizar essa compreensão. Neste sentido, uma sala de aula pode ser compreendida como um espaço onde professores e estudantes compartilham, trocam experiências e interagem a favor da aprendizagem.**

No mundo em que a cultura digital se faz muito presente, a sala de aula pode ser tanto física, quanto virtual, independente se é universitária, corporativa, ou, outra (livre). E, ainda, nesse universo de transformações, ou ainda, de necessidade contínua de atualização, os cursos superiores necessitam de agilidade e mudanças constantes, em ciclos mais curtos, para que consigam acompanhar e se manterem atualizados. Assim, se é possível visualizar outro desafio, o da atualização contínua dos cursos, bem como, dos docentes.



Foto Lúcio Bernardo Jr. Agência Brasília



Foto de Julia M Cameron no Pexels

Adiciona-se a esse cenário, o imbricamento desses as modalidades Presencial e EaD. Disso derivam o surgimento de inúmeras nomenclaturas comerciais como o ensino híbrido ou flex. Algumas dessas nomenclaturas são amplamente utilizadas por Instituições de Ensino Superior (IES) para se referirem a cursos semipresenciais.

Isto porque, a digitalização permite otimizar ambos recursos ou momentos off-line e on-line de maneira a potencializar o aprendizado a partir da sinergia entre a experiência presencial e os recursos e tecnologias da educação a distância. A riqueza do hibridismo está aí, em aproveitar ao máximo o que ambas experiências e modalidades de ensino podem oferecer. Para muitos, diante da disponibilização e amplo acesso a informações (conteúdo) já não faz mais sentido aulas presenciais, conteudistas, em todos os dias da semana.

### **A tecnologia e os novos cenários para a educação**

Nessa perspectiva, se vê a oportunidade de entregar maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Como relata Goleman e Senge (2016), “a tecnologia pode nos capacitar a fornecer um aprendizado de alta qualidade, baseado no conteúdo, a partir de ofertas on-line cada vez mais qualificadas. Se isso for feito da maneira correta, poderemos usar a sala de aula de forma bem diferente”, ou seja, o professor pode usar a virtualidade para levar mais conteúdo e desenvolver habilidades, e, ao mesmo tempo, transformar e potencializar a interação na sala de aula presencial, por exemplo, por meio de experiências de aprendizagem desafiadoras e aplicadas, como por

---

**Tal perspectiva muda a realidade de como muitos compreendem e percebem a educação. O professor, neste cenário, ganha novos papéis. Deixa de ser transmissor de conteúdo, usando a tecnologia para tal e passa a ser mediador e gestor da aprendizagem.**

---

exemplo, a realização de projetos reais. Assim, é possível ter parte da jornada do estudante, voltada ao conteúdo, na virtualidade e, outra parte, na presencialidade, onde os estudantes tem a oportunidade de se reunir e trabalhar em projetos ou desafios reais, mediados e orientados por professores.

Tal perspectiva muda a realidade de como muitos compreendem e percebem a educação. O professor, neste cenário, ganha novos papéis. Deixa de ser transmissor de conteúdo, usando a tecnologia para tal e passa a ser mediador e gestor da aprendizagem. Tal caminho, permite levar a personalização da aprendizagem, uma vez que o docente passa a ter maior contato com os estudantes e compreender melhor a realidade de cada um, auxiliando-o no desenvolvimento de habilidades e competências não apenas para a vida profissional, mas para a vida pessoal.

**Apesar de a tecnologia auxiliar a prática docente, ela por si só, é insuficiente. A qualidade do ensino pode ser determinada pela maneira como se ensina, ou melhor, a forma como Instituição de Ensino e professores podem usar a tecnologia para mediar, gerenciar e proporcionar aprendizagem, combinando recursos on-line e off-line, de modo a personalizar o ensino, compreender a demanda de cada estudante e, ainda, auxiliá-lo a superar desafios, como preceptores na jornada de aprendizagem.**

No estudo intitulado “A sala de aula de 2030 e o aprendizado para a vida: a tecnologia indispensável”, realizado pela Microsoft e a McKinsey, foi evidenciado que a tecnologia pode otimizar o tempo docente atual em cerca de 30%, como por exemplo, nas atividades operacionais, como na reprodução de conteúdos e na correção de provas. No entanto, esses mesmos 30% ou mais, passam a ser amplamente explorados para entregar maior qualidade, por meio do planejamento e da gestão da aprendizagem dos estudantes durante a sua jornada de aprendizagem.

Apesar de a tecnologia auxiliar a prática docente, ela por si só, é insuficiente. A qualidade do ensino pode ser determinada pela maneira como se ensina, ou melhor, a forma como Instituição de Ensino e professores podem usar a tecnologia para mediar, gerenciar e proporcionar aprendizagem, combinando recursos on-line e off-line, de modo a personalizar o ensino, compreender a demanda de cada estudante e, ainda, auxiliá-lo a superar desafios, como preceptores na jornada de aprendizagem.

Se trata de um cenário em que se tem a possibilidade de a tecnologia levar conteúdos para os estudantes, de modo off-line, através de vídeos e textos, que vão ao encontro do desenvolvimento das chamadas hard skills (habilidades técnicas, profissionais) e, também, se tem a possibilidade de o docente se voltar para o desenvolvimento das soft skills, ou seja, daquelas habilidades mais humanas, como a inteligência emocional.





Foto de Anna Shvets no Pexels

Em síntese, é possível mencionar que um grande desafio reside em conciliar e reduzir a lacuna entre o on-line e o off-line, aproximando o físico do virtual, de maneira a articular e entregar maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Não se trata de substituir o presencial pelo virtual, ou, de reduzir custos, mas da busca de sinergia entre ambos.


Na escola pública é possível considerar outros desafios para a educação híbrida, como por exemplo, a carência de infraestrutura e conectividade, aliado ao suporte para auxiliar nos momentos de interação ou realização de atividades on-line. Em muitas tarefas e atividades (on-line) é necessário o uso de computadores (ao invés de tablets e smartphones) e ferramentas de produtividade (processador de texto; uso de planilhas eletrônicas; recursos audiovisuais de apresentação, etc.). Tal suporte, vai ao encontro do letramento digital<sup>1</sup>.

O professor, conforme menciona Blikstein (2021) deve ter condições de diagnosticar dificuldades e dar suporte aos estudantes, em um processo de aprendizagem que passa a combinar interação e aprendizado mediado pela tecnologia. Na educação híbrida, os estudantes podem apresentar maior dificuldade no processo de transição do presencial para o on-line ou híbrido.

Tais questões foram ressaltadas e abordadas pelos educadores, no ensino remoto emergencial adotado na pandemia do Covid-19. Nessa perspectiva, é preciso refletir sobre a presença do professor mediador, para orientar e auxiliar estudantes no desenvolvimento de habilidades que os conduzam para uma aprendizagem autônoma.

**Em síntese, é possível mencionar que um grande desafio reside em conciliar e reduzir a lacuna entre o on-line e o off-line, aproximando o físico do virtual, de maneira a articular e entregar maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem.**

Neste sentido, é preciso investir em formação docente. Afinal, novos cenários, demandam novos desafios, preparação e planejamento para tal. Caminhamos para um cenário de muitas mudanças, ou ainda, de rápidas transformações. O professor precisa se capacitar para planejar o caminho e se (re)adaptar nessa trajetória, de maneira que possa contribuir para aquilo que mais importa, a aprendizagem e o crescimento pessoal e profissional dos estudantes.

Nessa perspectiva, destacam-se três aspectos: 1. de formação e capacitação docente para o planejamento colaborativo e articulado do corpo docente, de maneira a levar aos estudantes uma aprendizagem contextualizada com a realidade do mesmo; 2. instrumentalizar o professor para uso de metodologias e estratégias de aprendizagem ativa, e; 3. capacitar os docentes para o gerenciamento e mediação da aprendizagem dos estudantes. Esses três aspectos possuem estreita relação. Aplicar metodologias ativas de aprendizagem exigem tempo e planejamento para tal, e, quanto mais a abordagem ativa for próxima da realidade do estudante, mais significativa e contextualizada pode ser a aprendizagem para o mesmo, levando-o a experiências de aprendizagem que sejam capazes de desafiá-lo, mas também, de fazer sentido a vida dos estudantes. 

### Referências

- BLIKSTEIN, Paulo. 'O que determina a qualidade da educação é a pedagogia, não a tecnologia', diz professor de Columbia. 2021. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-determina-a-qualidade-da-educacao-e-a-pedagogia-nao-a-tecnologia-diz-professor-de-columbia,70003848060>. Acesso em: 18 out. 2021.
- CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. A sala de aula digital: estratégias para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido. Porto Alegre. Penso, 2021.
- MOFFITT, T. E. et al. A gradient of childhood self-control predicts health, wealth, and public safety. *Proceedings Of The National Academy Of Sciences*, [S.L.], v. 108, n. 7, p. 2693-2698, 24 jan. 2011. *Proceedings of the National Academy of Sciences*.

### Notas

- 1 O letramento digital envolve a aprendizagem com uso de tecnologias voltada para produtividade do estudante, ou seja, o uso de recursos tecnológicos para as atividades e tarefas, estudantis / acadêmicas e pessoais. Relaciona-se também ao comportamento digital, ou seja, a questões como a segurança de dados (digital), a ética e a legalidade. E, ainda, se tem o letramento em programação, voltado para o pensamento computacional.

# El docente y su participación en una sociedad desigual



María Elena del Río

Licenciada en Pedagogía y Licenciada en Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de Tucumán  
Argentina | mariaelenadelrio66@gmail.com

*La pandemia ha profundizado las desigualdades e inequidades a nivel social, económico, educativo y de salud con un fuerte impacto en nuestra población y sobre todo en la vida de los sectores socialmente más carenciados. Por eso la tarea del educador no puede ser pensada de modo descontextualizado de las condiciones de aprendizaje. El concepto de conciencia y de concientización de Freire permite recordar que la reflexión sobre las causas de la injusticia, y la toma de conciencia sobre la misma, solo es posible a partir de acciones sociales transformadoras en nuestras escuelas y en nuestras aulas.*

A pandemia aprofundou as desigualdades e iniquidades no nível social, econômico, educativo e de saúde, provocando um forte impacto na nossa população e, sobretudo, na vida dos setores socialmente mais carentes. Por isso, o trabalho do educador não pode ser pensado fora do contexto das condições de aprendizagem. O conceito de consciência e de conscientização de Freire nos lembra que a reflexão sobre as causas da injustiça, e a conscientização a respeito dela, só é possível a partir de ações socialmente transformadoras nas nossas escolas e nas nossas aulas.



**E**l contexto socio educativo actual nos interpela día a día y con más fuerza desde el comienzo de la pandemia. Se visibilizó nuestra sociedad marcada por la desigualdad, la falta de oportunidades para los sectores más vulnerables y, sobre todo, para aquellos que deben estar en la escuela y no lo están.

La pandemia ha mostrado la profundización de desigualdades e inequidades a nivel social, económico, educativo y de salud con un fuerte impacto en nuestra población y sobre todo en la vida de los sectores socialmente más carenciados.

Es por ello que la tarea del educador no puede ser pensada de modo descontextualizado de las condiciones concretas en las que se desarrollan los procesos de aprendizaje.

### ¿Cómo pensar la educación y el trabajo docente en este contexto de emergencia?

Desde la mirada freireana se trata de resignificar el pensamiento crítico en los docentes tendientes a que asuman un posicionamiento socio político y educativo de sus acciones, en tanto posibilitadoras de reflexión, creación y transformación. En este sentido coincidimos con Carlos Alberto Torres (2007) en que *“(...) la contribución de Freire nos brindó una pedagogía que expandió nuestra percepción del mundo, alimentó nuestro compromiso con la transformación social, iluminó nuestra comprensión de las causas y las consecuencias del sufrimiento humano, e inspiró y avivó la pedagogía ética y utópica para el cambio social (...)”*.

El concepto de conciencia y concientización de Freire permite recordar que la reflexión sobre las causas de la injusticia, y la toma de conciencia sobre la misma, solo es posible a partir de acciones sociales transformadoras en nuestras escuelas y en nuestras aulas. La esperanza que hoy nos moviliza es casualmente darnos cuenta de que nada cambiamos si no somos capaces de actuar en nuestros propios contextos.

Sea que estemos conformes o no con la sociedad en la que vivimos, la educación no puede ser aséptica a lo que pasa en el mundo, necesita tomar partido, establecer sus horizontes. Esto quiere decir, tomar posición frente a los hechos que ocurren y asumir responsabilidades éticas y políticas como educadores. Un problema transversal que estuvo en discusión, desde la ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio) hasta en este tiempo, fue la intensificación de la tarea, tanto de docentes como de estudiantes. Las reuniones por meet, zoom y otros dispositivos tecnológicos le dieron una direccionalidad a la tarea, pero ¿nos garantiza que, utilizando los dispositivos antes mencionados, haya un aprendizaje significativo en la escolaridad obligatoria?, ¿cómo se genera un aprendizaje significativo para aquellos estudiantes que no tienen co-

**El concepto de conciencia y concientización de Freire permite recordar que la reflexión sobre las causas de la injusticia, y la toma de conciencia sobre la misma, solo es posible a partir de acciones sociales transformadoras en nuestras escuelas y en nuestras aulas. La esperanza que hoy nos moviliza es casualmente darnos cuenta de que nada cambiamos si no somos capaces de actuar en nuestros propios contextos.**

nectividad? Es cierto que se naturalizó que las nuevas generaciones son niños cibernéticos, y que algunos docentes utilizan las redes sociales como recurso para que puedan realizar sus tareas, pero también se dieron cuenta de que un sector no sabía cómo funcionaba ese dispositivo, y en otros casos la conectividad era escasa o nula. Además de otras situaciones de desigualdad que se han visibilizado, como las violencias, la falta de oportunidades, las nuevas dinámicas de inclusión-exclusión sociales y escolares. Parafraseando a Birgin, la docencia es un trabajo que se encuentra en permanente construcción, atravesado por diversas dinámicas sociales, culturales, económicas, que producen regulaciones específicas.



Foto: María Elena Del Río

Freire expone: “Enseñar es una especificidad humana”. El docente tiene la responsabilidad de retirar los velos que ocultan la inequidad, la desigualdad y obstruyen la toma de decisiones. El educador debe reconocer que la ideología va acompañada de su actuación, la cual da sentido a su condición docente, es decir, reconocer la humanidad propia y del Otro. Hoy en la pandemia es imposible no construir lazos colectivos que refuercen el respeto por el otro, la empatía y la solidaridad enmarcados en la noción de la educación como derecho humano.

**Para Freire somos seres inconclusos y, como tal, debemos ser reconocidos y tratados. Es reconocer al Otro como diferente, cambiante y autónomo. Los cambios sociales, culturales, políticos que venimos atravesando con el COVID, nos impulsan a mirar, a reflexionar dentro de las propias prácticas educativas, de la posición docente y de las nuevas condiciones que los estudiantes tuvieron que asumir.**

Cuanto más desigual es una sociedad, más se necesita ir a la escuela. Freire seguramente plantearía reforzar y reconstruir los vínculos pedagógicos. Es por ello que la presencia del docente es fundamental e imprescindible en el acompañamiento de las trayectorias escolares sin dejar de lado aspectos vinculados al contexto, a la socialización familiar, escolar y a la concepción de nuestros estudiantes como sujetos de derecho. Exige un reconocimiento del otro, de su dignidad y valores. Exige dar voz. Exige pensar en una perspectiva transformadora de la pedagogía del oprimido. Para poder contextualizar lo que estamos viviendo en nuestras escuelas desde abril de 2020 hasta hoy, producto de la pandemia, es preciso señalar que lamentablemente las desigualdades sociales se han profundizado y se han acentuado aún más las desigualdades educativas. Las podemos vivir cotidianamente en nuestras escuelas, por tal motivo, adjuntaré fotografías de cómo estuvimos trabajando para poder llegar a nuestros estudiantes, que se encuentran dentro de los sectores más vulnerables.

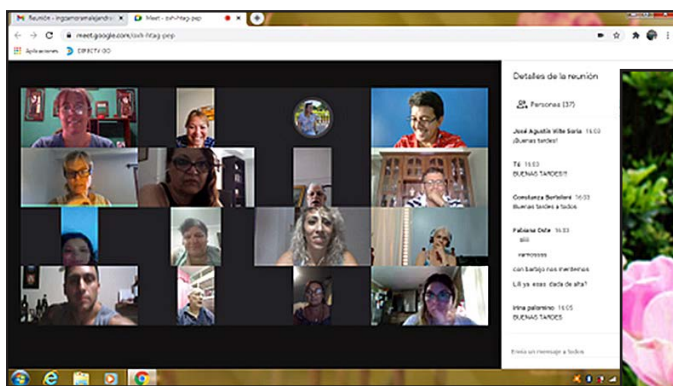
Para Freire somos seres inconclusos y, como tal, debemos ser reconocidos y tratados. Es reconocer al Otro como diferente, cambiante y autónomo. Los cambios sociales, culturales, políticos que venimos atravesando con el COVID, nos impulsan a mirar, a reflexionar dentro de las propias prácticas educativas, de la posición docente y de las nuevas condiciones que los estudiantes tuvieron que asumir.



## El diálogo, elemento fundamental

Ahora bien, ¿cómo lo hacemos? El diálogo es el elemento que establece una comunicación más igualitaria y construye procesos educativos que son procesos cooperativos que se caracterizan por la construcción de interacciones sociales. Dice Freire: “el respeto a la autonomía y a la dignidad de cada uno es un imperativo ético y no un favor que podemos o no concedernos los unos a los otros”. Es decir que la educación es ideológica: formamos sujetos pensantes, críticos y capaces de cambiar o bien sujetos inmovilizados.

En este sentido, las escuelas tuvieron que pensar diferentes estrategias para contribuir a generar condiciones de igualdad de oportunidades, para concienciar las decisiones que la política educativa tomó. Por ejemplo, los cuadernillos que llegaron a las zonas más vulnerables, con escasa o nula conectividad, el manejarse por WhatsApp, clases grabadas y enviadas por diferentes dispositivos digitales, etc.

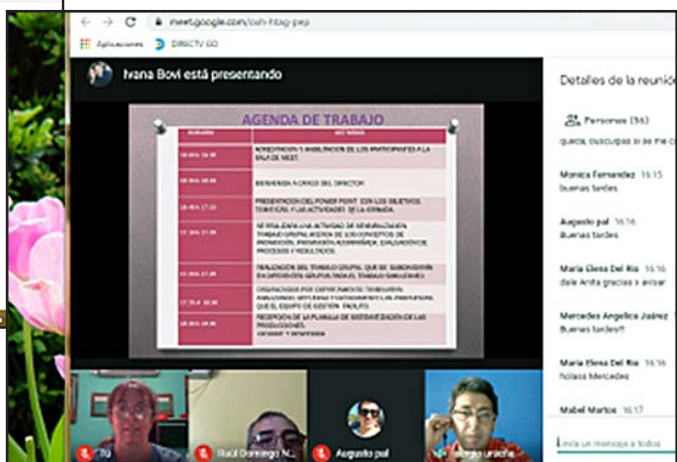


Esto implicó poner en diálogo las políticas educativas, la escuela, la familia y la comunidad, es decir, Freire nos dice: *Enseñar nos exige estar dispuestos siempre para el diálogo. Enseñar exige alegría, esperanza y compromiso.* Que los estudiantes sepan que no están excluidos de la afectividad y del querer.

Enseñar exige riesgo, asunción de lo nuevo y rechazo de cualquier forma de discriminación. El pensar acertado referido por Freire, involucra la disponibilidad del profesor para someter a reelaboración los paradigmas en los que se encuentre inmerso y tener la posibilidad de desplazarse a nuevas formas de leer el mundo, para poner en diálogo las ideas viejas y las nuevas y, a partir del razonamiento, determinar su pertinencia y alcance.

Todo esto implica volver a leer sus legados y enseñanzas que nos ayudan a seguir trabajando el vínculo pedagógico, las prácticas educativas y la concepción de un sujeto pensante, liberador y consciente de su ciudadanía.

**Enseñar exige riesgo, asunción de lo nuevo y rechazo de cualquier forma de discriminación. El pensar acertado referido por Freire, involucra la disponibilidad del profesor para someter a reelaboración los paradigmas en los que se encuentre inmerso y tener la posibilidad de desplazarse a nuevas formas de leer el mundo, para poner en diálogo las ideas viejas y las nuevas y, a partir del razonamiento, determinar su pertinencia y alcance.**



## Algunas reflexiones para seguir pensando

Si hay posibilidades de transformación, hay esperanza. Para el autor, la esperanza forma parte inherente a la condición humana.

Enseñar exige la convicción de que el cambio es posible. El educador que conoce la realidad del inacabamiento de lo humano y de los riesgos del sabernos determinados, tiene la tarea de obrar desde el convencimiento de que es posible cambiar la realidad y que su tarea no puede constituirse en una forma de adoctrinamiento. El conocimiento libera, dota de argumentos al educando, le permite alcanzar comprensiones sobre su realidad, favorece la aparición de razones para considerar que el futuro puede ser distinto.



Foto Eloy Cucit


La transformación social como propósito tiene como desafío revisar el papel que está teniendo la educación en todos sus niveles y, de manera particular, la educación superior. En este nivel se están formando los profesionales que en el mediano y en el corto plazo van a incidir en las instituciones.

Esto implica pensar en un aula donde el debate sea una práctica permanente que demande la argumentación como ejercicio y la toma de decisiones fundamentadas como finalidad. Para empezar a hacer concreta la transformación, se podría comenzar a dar tres pasos: darle mayor cabida a las intervenciones de los estudiantes, permitir que se cuestionen permanentemente los métodos y la teoría, y fomentar la profundización y lectura del texto más que la simple acumulación.

Se necesita el reposicionamiento del rol del docente, que debe deconstruir los propios recorridos educativos. El educador libertador está con sus alumnos, en vez de hacer cosas para ellos, y para ellos, la justicia social y curricular es más que necesaria.

**La transformación social como propósito tiene como desafío revisar el papel que está teniendo la educación en todos sus niveles y, de manera particular, la educación superior.**

El tema de la justicia y su vinculación con la educación está presente en todo el recorrido de la pedagogía de Paulo Freire, quien trabaja el concepto de oprimido/a y sigue siendo un referente que permite analizar las injusticias sociales. Lo que consideramos importante es poner el acento en las nuevas formas de opresión que parecen encontrarse, en este momento, en los procesos de expulsión de importantes sectores de la sociedad, de aquello que podemos denominar una vida digna y plena.

Podemos definir la justicia social como la inclusión de todas las personas en los beneficios de la sociedad, así como empoderar a las personas para poder participar en la vida económica, cultural, social y educativa de su comunidad. Por ello, creemos necesario sostener que una educación para la ciudadanía y la justicia social, es un acto ineludible. 

### Referencias

- BIRGIN, A. (2000) *La docencia como trabajo. La construcción de nuevas pautas de inclusión y exclusión*. En GENTILI, P. y FRIGOTTO, G. (Comp.) *La Ciudadanía Negada. Políticas de Exclusión en la Educación y el Trabajo*, CLACSO, Buenos Aires.
- FREIRE, P. (2002) *Pedagogía del oprimido*, Siglo Veintiuno Editores, Argentina.
- FREIRE, P. (1997) *Pedagogía de la autonomía*, Siglo Veintiuno Editores, Argentina.
- TORRES, C. (Comp.) (2007) Paulo Freire: *Una pedagogía desde América Latina*. *Ciencia, Docencia y Tecnología*, Vol. XVIII, núm. 34, mayo, 2007, Universidad Nacional de Entre Ríos, Concepción del Uruguay, Argentina.



## UN DESAFÍO, LA ESCUELA VA A TU ENCUENTRO

**Antonio Leiva**

Argentina | anotnioleiva909@gmail.com

**Olga María Biasioli**

Argentina | olgabiasioli@gmail.com

**Roberto Oscar Lorenzini**

Argentina | rolorenzini@santafe.gov.ar

Comenzaba el año 2020 y, con él, la pandemia que nos impedía la presencialidad plena. ¿Cómo mantener el vínculo de las familias con la escuela, de los estudiantes con sus docentes? En un marco de la cultura del cuidado pensábamos distintas posibilidades. Así, surgió la idea de hacer un programa de radio.

La Radio Amanecer (AM y FM) de la ciudad de Reconquista ofreció un espacio en su programación. Rápidamente, por la convocatoria del Delegado Regional, se elaboró un proyecto que contempló un programa de 40 minutos diarios de radio, de manera de llegar a los hogares de los educandos del nivel primario y secundario.

Se planteó un enfoque interdisciplinario a partir del eje de las interacciones humanas en la cultura del cuidado, articulado en tres módulos, priorizados para la selección de contenidos que resulten pertinentes y significativos en el contexto actual: 1-Identities, cultura y sociedad. 2-Salud y ambiente. 3-Mundos imaginarios, lúdicos y expresiones artísticas.

Entre los objetivos, fortalecer el vínculo pedagógico entre estudiantes, docentes y comunidad en general a través de programas radiales que acompañen, orienten y ayuden a los estudiantes a transitar este tiempo de aislamiento social obligatorio; facilitar a los estudiantes un conjunto de saberes que les permitan seguir aprendiendo para comprender lo que acontece, desarrollando una conciencia crítica y

transformadora capaz de cuidar de sí mismo y de otros en el presente y en los tiempos por venir. Por esto, organizamos una grilla semanal en el turno mañana para nivel inicial y nivel primario y, en el turno tarde, para nivel secundario. Transcurridos algunos programas, fueron convocados más docentes, los que con muy buena disposición se sumaron al proyecto. Hicieron su aporte docentes de educación física, de música, de dibujo y tecnología. Se convocaron autores, escritores, artistas, médicos, pobladores en general, titiriteros y músicos que con mucha pasión nos ayudaron a acompañar desde, la gran aula de la radio, a los estudiantes y a las familias de la región.

### Una nueva oportunidad en marcha

El área de cobertura abarca las distintas zonas rurales y urbanas de los departamentos General Obligado, Vera y norte del departamento San Javier que corresponde a la jurisdicción de la Región II de Educación. Junto a la réplica en otras radios, traspasó las fronteras provinciales llegando a la provincia de Corrientes, Chaco, Entre Ríos y Santiago del Estero.

En esta posibilidad de mantener e incrementar la comunicación, desarrollamos los contenidos de los cuadernillos elaborados por el Ministerio de Educación de la Provincia de Santa Fe y el Ministerio de Educación de la Nación. Más la convocatoria al uso de las redes sociales en aquellos lugares que la conectividad disponible lo permitiera. Aquellos alumnos

de las localidades más alejadas y de zonas rurales que no contaban con conexión a internet pudieron tener sus clases de forma ininterrumpida.

Esta suerte de combinación de medios: radio, cartilla y redes sociales generó un fuerte impacto. Hizo que hasta los padres, madres y oyentes en general, de toda la zona, se engancharan con el programa. Unos participaban con aportes desde su propia realidad y contexto. Otros, enviaban su palabra de agradecimiento y estímulo por el programa. El intercambio que se producía, la participación de los estudiantes, de los docentes y de los oyentes posibilitó unirnos, encontrarnos, compartir, acompañarnos en tan dura situación, desconocida para todos nosotros.

Este desafío que continúa en 2021, con tiempo reducido de emisión, obtuvo reconocimiento al ser declarado de interés educativo por parte del Ministerio de Educación, Cámara de Legisladores y Diputados de Santa Fe. Algunas Municipalidades y Concejo Municipal.

Reto que nos permite recrear un espacio de encuentro, de reunión, de conocimiento mutuo, de aprendizaje, de sumar voces de distintas partes de nuestra región para aprender juntos y llevar una palabra esperanzadora.



# Plataformização da Educação: como não ficar refém das empresas multinacionais?



Gilberto Mendes

Professor da PUC-Rio, mestre em Design, membro do LIDE - Laboratório Interdisciplinar de Design e Educação, orientador da Empresa Junior PUC-Rio e sócio da C-Brand Informação e Estratégia de Mercado, uma consultoria especializada em Design Estratégico.

| Brasil | [gm@cbrand.com.br](mailto:gm@cbrand.com.br)

*No Brasil existem iniciativas muito interessantes que oferecem opções às estruturas sofisticadas de grandes grupos multinacionais. Tomemos como referência o modelo de negócio do Educação Livre, um projeto de atuação nacional, sem fins lucrativos que oferece educação gratuita, para jovens que procuram oportunidades de trabalho e estudo. Outra experiência bem interessante direcionada à educação digital chama-se EducaMídia, uma iniciativa do Instituto Palavra Aberta. Esse programa foi criado para capacitar professores e organizações de ensino. Também existem iniciativas como a do Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, que possui uma preocupação com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e educacional.*

En Brasil hay iniciativas muy interesantes que ofrecen opciones a las sofisticadas estructuras de grandes grupos multinacionales. Tomemos como referencia el modelo de negocio de Educación Livre, un proyecto sin ánimo de lucro, activo a nivel nacional, que ofrece educación gratuita a jóvenes que buscan oportunidades de trabajo y estudio. Otra experiencia muy interesante dirigida a la educación digital se llama EducaMídia, una iniciativa del Instituto Palavra Abierta. Este programa fue creado para capacitar a profesores y organizaciones de enseñanza. También hay iniciativas como la del Canal Futura, de la Fundación Roberto Marinho, que se preocupa por adolescentes y jóvenes en situación de vulnerabilidad social y educativa.



**P**ara começarmos a falar sobre o tema da Plataformização da Educação é preciso trazer o conceito de Sociedade em Rede no qual o sociólogo espanhol Manuel Castells descreveu o impacto das novas tecnologias trazendo uma reestruturação social e econômica.

Segundo Castells, a evolução tecnológica marcou o início de uma era da informação, estabelecendo uma reconfiguração social que passa a se organizar de forma interconectada, alterando as dinâmicas de poder, transformando a economia, a sociedade e, conseqüentemente, a cultura de uma geração.

No livro *A Sociedade em Rede*<sup>1</sup>, o primeiro de uma trilogia publicado em 1996, Castells propõe o conceito do capitalismo informacional, construindo o raciocínio de que a geração de riqueza passou a depender da informação, do conhecimento e da capacidade tecnológica de processar essa informação e gerar este conhecimento. Seria um capitalismo global, mediado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC's), que funciona em rede, orientada por uma dinâmica evidenciando o que é percebido como valor para a sociedade e excluindo aquilo que o sistema entende como algo não relevante. Esse sistema em rede exclui intermediários, possibilitando a autonomia dos indivíduos da sociedade, trazendo uma drástica mudança nos modelos de negócios, dentre eles serviços de educação e formação de pessoas. Quando Castells escreveu a trilogia, a internet ainda não tinha a expressão e o poder que podemos identificar na atualidade.

**No livro *A Sociedade em Rede*<sup>1</sup>, o primeiro de uma trilogia publicado em 1996, Castells propõe o conceito do capitalismo informacional, construindo o raciocínio de que a geração de riqueza passou a depender da informação, do conhecimento e da capacidade tecnológica de processar essa informação e gerar este conhecimento. Seria um capitalismo global, mediado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC's), que funciona em rede, orientada por uma dinâmica evidenciando o que é percebido como valor para a sociedade e excluindo aquilo que o sistema entende como algo não relevante.**

Outro ponto importante diz respeito à política neoliberal, que no final dos anos oitenta foi apresentada como única alternativa aos países em desenvolvimento para que estes pudessem participar de um processo de modernização e crescimento global. Em novembro de 1989, governos conservadores, diretores executivos, representantes de instituições financeiras internacionais, ministros da Fazenda, presidentes de bancos centrais e representante dos governos das economias em desenvolvimentos se reuniram em Washington, formatando um documento conhecido por Consenso de Washington.

O diagnóstico para a América Latina, descrito nesse documento, defendia a necessidade de um conjunto de medidas, que na percepção de seus realizadores, estimularia o aumento da circulação da economia nos anos 90. Reformas de primeira geração foram implementadas que, em sua maioria, consistiram em diminuir a participação do Estado em diversos setores prestadores de serviços essenciais à população.

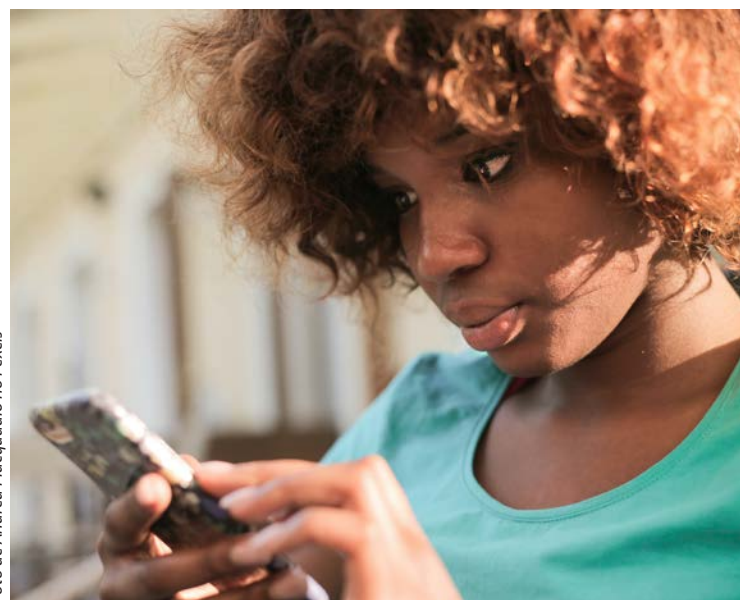


Foto de Andrea Piacquadio no Pexels

Defensores dessa estratégia perceberam que essa reforma de primeira geração na América Latina foi insuficiente ou incompleta, estabelecendo que seria necessária uma segunda geração de reformas, onde escolas, universidades e instituições do sistema de saúde passariam por transformações com maior participação da iniciativa privada e retração do papel social do Estado. No Brasil, a política dos governos entre 1990 até 2002, ajustou e implementou políticas sociais à luz do neoliberalismo e na cartilha do Consenso de Washington, alterando a constituição de 1998 e abrindo espaço para um estado cada vez mais dependente do capital de grandes grupos nacionais que se formavam, além do próprio capital estrangeiro.

## E a internet ganha poder

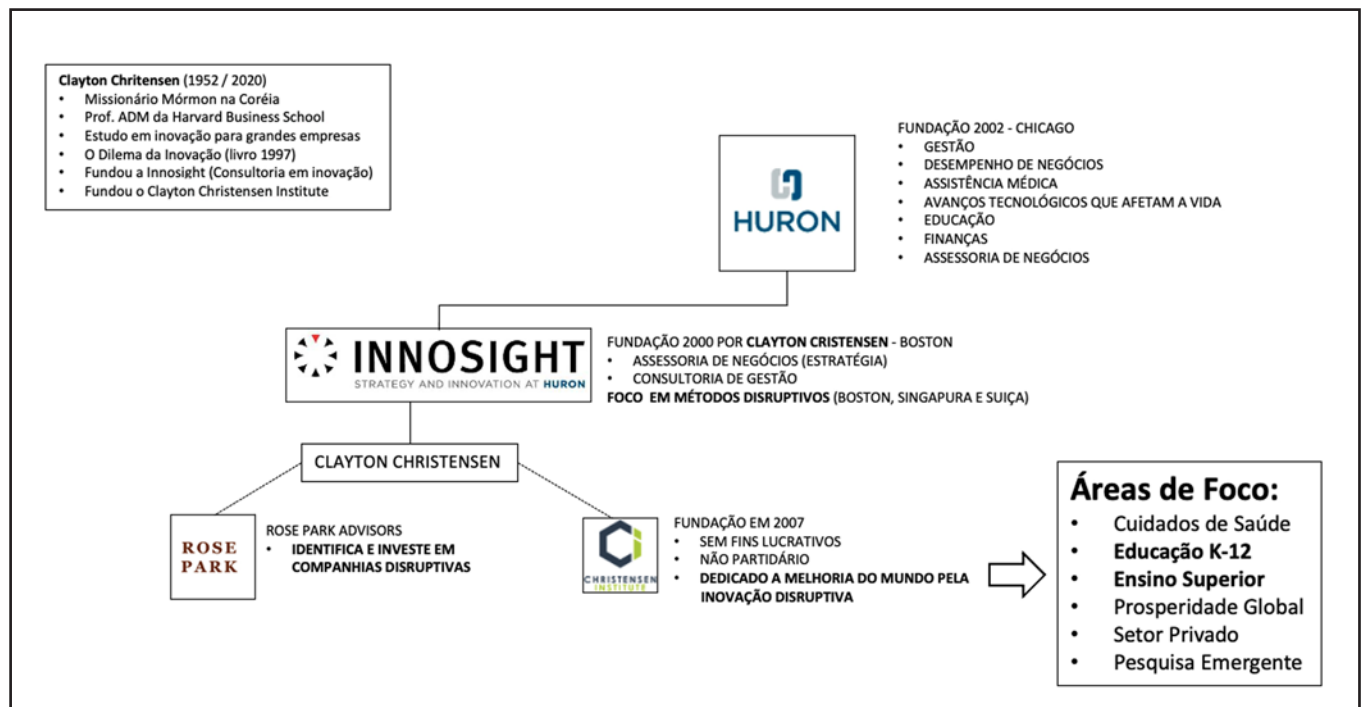
A reconfiguração social e a forte corrente neoliberal formaram o ecossistema que começou a se configurar na metade da década de 1990, tendo a internet como o principal canal de troca entre pessoas, instituições e governos. Diversos novos negócios começaram sutilmente a transformar os hábitos de nossa sociedade. Instituições de ensino passaram a disponibilizar seus materiais pela internet, e o modelo tradicional de educação buscou se adaptar às necessidades de um mercado 4.0<sup>2</sup>, criando plataformas digitais de aprendizagem, com a promessa de ser mais inclusiva. Nesse sentido, novas técnicas educacionais passaram a ser viáveis através de plataformas, alavancadas por grupos financeiros que estrategicamente buscaram se posicionar nas lacunas sociais que o Estado permitiu, e assim puderam criar propostas de valor em novos negócios pautados no capitalismo informacional.

Para localizar essa junção entre poder econômico, sociedade em rede e neoliberalismo, tomemos como exemplo o Clayton Christensen Institute, uma fundação com sede em Boston que se posiciona da seguinte forma: sem fins lucrativos, não partidária, dedicada a melhoria do mundo através da inovação disruptiva<sup>3</sup>. Esta instituição é uma das referências globais no ensino híbrido, uma modalidade de ensino que necessita de uma plataforma online para

suportá-la. Blended Learning, como é chamada esta modalidade de ensino internacionalmente, se posiciona como inovadora e disruptiva, tendo no Brasil grandes apoiadores, tais como, o Instituto Península e a Fundação Lemann.

Desvendando um pouco mais o que está por detrás da Clayton Christensen Institute, o seu fundador, Clayton Christensen falecido em 2020, foi um missionário Mórmon que atuou na Coreia por vários anos, foi professor de administração da Harvard Business School, pesquisou sobre inovação em diversas empresas e escreveu dois livros: *O Dilema da Inovação* em 1997 e *Disruptive Class, How Disruptive Innovation Will Change The Way The World Learns* em 2008, este último sem tradução para o português. No ano 2000, fundou a Innosight Strategy and Innovation, uma fundação direcionada a consultoria para negócios e gerenciamento, com sede em Boston, Sigapura e Suíça. Para alavancar negócios promissores no segmento da inovação, a estrutura criada por ele conta com a Rose Park Advisors, uma empresa de *capital venture* que investe em empresas disruptivas. Toda esta estrutura de negócios faz parte do portfólio da Huron Consulting Group, uma empresa global, com ações na NASDAQ, focada em ajudar organizações a acelerarem as transformações estratégica, operacional, digital e cultural e criar valor sustentável para seus clientes, pessoas e acionistas<sup>4</sup>. A Figura 1 ilustra a estrutura da qual me refiro.

**Figura 1- Estrutura de empresas interligadas ao Clayton Christensen Institute**





## O que acontece no Brasil

No Brasil existem iniciativas muito interessantes que oferecem opções às estruturas sofisticadas de grandes grupos multinacionais. Tomemos como referência o modelo de negócio do Educação Livre, um projeto de atuação nacional, sem fins lucrativos que oferece educação gratuita, divertida e aplicada ao mundo real para jovens que procuram oportunidades de trabalho e estudo<sup>5</sup>. A experiência com essa plataforma começa com a pergunta “O que você quer aprender hoje?”. Na sequência, é apresentado um menu com 17 opções, que vão da Arte e Cultura, Inteligência Emocional, Educação Financeira, dentre outras. Ao navegar pelas trilhas dessa plataforma, diversos vídeos apresentam de forma didática, uma quantidade expressiva, e atual, de conteúdos criados por profissionais apoiadores desta iniciativa. Essa estrutura já alcançou 71.617 jovens e atualmente possui 3.000 jovens em processo de formação em sua plataforma, segundo divulgados em seu site.

Outra experiência bem interessante direcionada à educação digital chama-se EducaMídia, uma iniciativa do Instituto Palavra Aberta. Esse programa foi criado para capacitar professores e organizações de ensino, além de engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens, desenvolvendo seus potenciais de comunicação nos diversos meios. Essa plataforma centraliza conteúdos para a formação de pesquisa, além de materiais e recursos para sala de aula alinhados com Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>6</sup>. A plataforma conta com a participação de diversas entidades, dentre elas a ANJ (Associação Nacional dos Jornais), ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educação) dentre outras.

Iniciativas desenvolvidas para as nossas necessidades são elaboradas por grupos nacionais de porte, dentre eles o

**Iniciativas desenvolvidas para as nossas necessidades são elaboradas por grupos nacionais de porte, dentre eles o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho. Esta fundação possui uma preocupação com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e educacional, ou seja, aqueles que estão ficando pra trás, seja pelas condições de permanência escolar, a dificuldade de estudar ou ainda por ausência de políticas públicas que impedem ou retardam seu aprendizado<sup>7</sup>.**

Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho. Esta fundação possui uma preocupação com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e educacional, ou seja, aqueles que estão ficando pra trás, seja pelas condições de permanência escolar, a dificuldade de estudar ou ainda por ausência de políticas públicas que impedem ou retardam seu aprendizado<sup>7</sup>. Movimentos liderados por essa fundação, como por exemplo, o #Nem1PraTrás, que congrega, deste 2019, mais de 92 instituições parceiras, promove debates e uma agenda suprapartidária para levar a educação ao alcance de todos. Esse movimento recebe apoio de grandes grupos nacionais, dentre eles a Fundação Bradesco e o Itaú Social.

Mas para que a plataformização da educação traga benefícios para todos, diminuindo as desigualdades sociais, não basta apenas termos internet para todos, é preciso entendermos os recortes de comportamento de nossa sociedade para que consigamos incluir o maior número possível de pessoas. Na pesquisa TIC Domicílios realizada em 2019, foi apurado o percentual de 82.7%<sup>8</sup> de domicílio que utilizavam a internet para alguma finalidade em seu cotidiano. Entretanto, a maioria destes domicílios se localiza nas áreas urbanas das grandes regiões do país. Nas residências em que não havia utilização de internet, três motivos são alegados: a falta de interesse, o alto custo do serviço e o fato de não saber usar a internet.

Outra fonte de pesquisa a ser considerada é a TIC Educação, promovida pelo CETIC.Br<sup>9</sup> realizada em 2019, que constatou que grande parte dos estudantes não tem computador em casa e que somente 18% dos alunos de escolas urbanas acessam a rede somente pelo celular. Isso mostra que políticas públicas são necessárias e emergenciais, considerando que não significa apenas termos internet 5G para que inclusão digital ocorra. As pesquisas apontam três pilares importantes para serem trabalhados através de políticas públicas: o custo para se ter acesso, acesso à conexão e equipamentos modernos, o interesse e a falta de habilidade para interagir no ambiente online. Nesse momento, pós pandêmico em que vivemos, o Estado necessita atuar de forma multidisciplinar, deixando de lado uma cartilha neoliberal, para assumir a responsabilidade do desafio complexo de retirar mais brasileiros do analfabetismo digital.

**Na pesquisa TIC Domicílios realizada em 2019, foi apurado o percentual de 82.7%<sup>8</sup> de domicílio que utilizavam a internet para alguma finalidade em seu cotidiano. Entretanto, a maioria destes domicílios se localiza nas áreas urbanas das grandes regiões do país. Nas residências em que não havia utilização de internet, três motivos são alegados: a falta de interesse, o alto custo do serviço e o fato de não saber usar a internet.**

### O que significa a volta à normalidade?

A volta à normalidade é um desejo da sociedade. Mas, qual referencial de normalidade se espera depois das experiências que estamos passando e que, até então, não sabemos por quanto tempo irá perdurar? A rotina que se configurou em muitos lares transformou os ambientes em espaços de trabalho e estudo, requerendo novos recursos de infraestrutura com tecnologia embarcada. Será que retornamos ao que ocorreu no início da década de 1850, quando objetos do ambiente industrial entraram nas casas e se transformaram em utensílios desejados para o consumo nos lares?

O autor Adrian Forty destaca em seu livro *Objetos de Desejo* o seguinte:

“[...] o lar, além de prover abrigo, é também um ícone. Sua aparência evidencia o que ele é e como as pessoas devem comportar-se, ou não. As ideias sobre o lar variam entre culturas e entre períodos, mas em qualquer tempo e em qualquer lugar haverá provavelmente um consenso como deve ser um lar, o que é certo e apropriado para ele e o que está fora de lugar.”

A passagem deste livro fala sobre a transformação que os lares sofreram, provocados pelas mudanças consequentes da revolução industrial. Antes da revolução industrial, a maior parte da produção e do comércio era realizada na residência dos artesãos, comerciantes ou profissionais envolvidos nesta atividade mercantil. Os lares incorporavam produção, estoque, mecânica, além de atividades como comer, dormir, morar e assim por diante. Passados mais de 200 anos, estamos às voltas com uma transformação nos lares, pois, com a pandemia, os domicílios passaram a ser um espaço de produção.



A revolução pela qual passamos é a da Inteligência Artificial, algorítmica, *on-line*, *on-time*, *full-time*, com nativos digitais que têm na internet a sua referência de formação para a construção do saber. Viver em sociedade passa por compartilhar *likes*, *hashtags*, *tweets*, @ e sinais gráficos que juntos expressam sentimentos, mudando o sentido de estar presente e participativo nesta sociedade *on-line*.

O autor Rui Canário destaca em seu livro *A Escola tem Futuro? A seguinte reflexão:*

“[...] Para recriar este novo sentido para o trabalho escolar, três orientações me parecem fundamentais: estimular o gosto pelo ato intelectual de aprender, aprender pelo trabalho e exercer o direito a palavra.

[...] Isto quer dizer que as aprendizagens deverão tornar-se importantes pelo seu valor de uso, enquanto forma de conhecer e intervir no mundo e não pelo valor de troca, ou seja pelos benefícios materiais e simbólicos prometidos para o futuro.”

No artigo *Educação e Comunicação: uma dinâmica do século XX* (Alegria, João - 2020), a menção à afirmação de Oscar Landi (1996) de que “num mundo hipermediado, como esse que vivemos, onde uma imagem apaga a outra e uma notícia desaparece rapidamente de cena pela superposição de outra nova, a educação poderia exercer um importante papel na formação de competências para classificar, ordenar, interpretar, hierarquizar e criticar esse fluido e caótico mundo de imagens e palavras no qual vivemos”.

No contexto tecnológico, social e econômico que vivemos no pós-COVID-19 será necessária atenção especial dos educadores, que poderão encontrar nas tecnologias educativas um forte aliado para reinventar a didática e superar o esquema tradicional da sala de aula.

As modalidades do Ensino Híbrido conversam com esse cenário, no qual a tecnologia será cada vez mais necessária, uma vez que estar acessível é estar conectado num ambiente *on-line* através da “quarta tela”<sup>10</sup>. E assim, a sociedade viverá cada vez mais conectada, aprendendo novas linguagens que os novos meios proporcionam, seja para trabalhar, se relacionar socialmente, se divertir ou estudar.

Portanto, novas habilidades são necessárias para a educação do século XXI, dentre elas, a análise crítica da mídia, a fluência digital e a cidadania digital, e que para isto, precisamos estar empenhados em buscar novos caminhos para as práticas híbridas, pois a experiência online é um caminho sem volta. Diante disto, a educação poderá se aproximar de outras áreas de conhecimento, como por exemplo, o Design que já vem trabalhando em projetos

para educação em diversas faixas etárias, agregando uma reflexão crítica sobre objetos, sistemas e linguagens utilizados em ambientes concretos ou mediados por tecnologias, possibilitando a construção de conhecimentos de diversas naturezas<sup>11</sup>. Um dos exemplos é o Laboratório Interdisciplinas de Design e Educação da PUC-Rio (LIDE) que, desde 1997, desenvolve projetos desta natureza.


Os desafios são grandes, a necessidade de encontrar parceiros para buscar soluções menos dependentes de estruturas corporativas é uma condição possível. Basta nos juntarmos e termos capacidade resolutive para implementarmos o quanto antes mais iniciativas nas quais ninguém fique pra trás. 



Foto Monoar Rahman Rony por Pixabay

### Notas

- 1 Este livro teve a sua conclusão em 1996 e levou 12 anos para ser escrito de acordo com o autor.
- 2 Refere-se a *Revolução 4.0* que engloba tecnologias para automação e troca de dados e utiliza conceito da internet das coisas e computação em nuvem, com foco em melhorar a produtividade dos processos.
- 3 Posicionamento estratégico extraído da publicação *Ensino Híbrido: uma inovação disruptiva* (Clayton Christensen Institute).
- 4 Posicionamento estratégico extraído do site da instituição [www.huronconsultinggroup.com](http://www.huronconsultinggroup.com) em 10/12/2021.
- 5 Posicionamento estratégico extraído do site da instituição [www.edulivre.org.br](http://www.edulivre.org.br) em 10/12/2021.
- 6 Posicionamento estratégico extraído do site da instituição [www.educamidia.org.br](http://www.educamidia.org.br) em 10/12/2021.
- 7 Posicionamento extraído do site da instituição [www.futura.org.br](http://www.futura.org.br) em 10/12/2021.
- 8 No Brasil, estima-se ter 72 milhões de domicílios de acordo com o IBGE, sendo deste total, 85,6% são casas.
- 9 CETIC.Br é segmento do Comitê Gestor da Internet no Brasil responsável por gerar os indicadores de uso da internet no Brasil.
- 10 Quarta tela é uma expressão usada pelo mundo digital, citada numa campanha publicitária da Nokia para se referir a tela dos celulares. A primeira tela foi a dos cinemas, a segunda foi a tela da televisão, a terceira a dos computadores.
- 11 Posicionamento extraído do site do LIDE [www.lide.dad.pu-rio.br](http://www.lide.dad.pu-rio.br) em 10/12/2021.



## LA GENERACIÓN DEL VACÍO

María Luz Mardesich

Universidad Católica Boliviana; Unidad de Desarrollo Curricular y Calidad Académica | Bolivia | mlmardesich@gmail.com

Intentar comprender e interpretar los acontecimientos que han llevado al mundo a grandes cambios científicos, tecnológicos, sociales, políticos, económicos, etc., y que se desencadenaron con mayor velocidad tras la pandemia, nos lleva a pensar muchas cosas y de pronto nos encontramos sumergidos en un mar de preocupaciones sinsentido, pues no hallamos respuestas. Es en uno de esos momentos que viene a mi mente la frase “paren el mundo que me quiero bajar...”, de autor desconocido. Esta frase denota múltiples sentimientos, como el agobio, la desilusión, la desesperanza, el no encontrar sentido a la vida y el buscar escape en donde sea menos en el lugar donde estamos.

Observo a niños y jóvenes tan absorbidos por los dispositivos digitales, que me pregunto cómo será el futuro de las nuevas generaciones, cuya interacción hoy está mediada por la tecnología y la ansiedad acumulada cuando no hay Internet. Es una constatación más de las dependencias que se van generando y, paralelamente, el manejo de las emociones demanda cada vez mayor atención.

En la pandemia, que aún no termina, se hace referencia a la generación del vacío. En este grupo etario se encuentran justamente niños y jóvenes entre los 6 y los 18 años. Visto el tema desde cualquier perspectiva, el proceso educativo no está evidenciando el logro de desempeños mínimos en cada nivel de formación, ya que muchos saberes esenciales están quedando relegados a la autoformación o al aprendizaje autónomo como si estos



se activaran de manera automática. Este fenómeno no se limita únicamente al desarrollo cognitivo, sino que también tiene que ver con el desarrollo emocional, social y moral que -en condiciones normales- se va configurando precisamente gracias a la socialización, y que en la actualidad, a pesar de que los estudiantes están conectados a la red, se desconectan de la realidad.

Este período de encierro ha generado un tipo de aislamiento mental cuyo efecto aun no es visible, pero que a la larga tendrá sus consecuencias en la misma sociedad, por los sentimientos de soledad, impotencia, abandono y frustración que surgen como barreras que dificultan una interrelación armoniosa de los sujetos consigo mismos, con sus iguales y con el medio. Si bien la educación es responsabilidad de las instituciones educativas, de la familia y de la sociedad, es el momento

en el que se debe pensar en alternativas que prevengan consecuencias negativas como efecto de esta realidad.

Es cierto que al margen de todo lo incomprensible de la nueva era, queda un cúmulo de aprendizajes -entre aciertos y errores- que nos llevan a inferir cuán importante es tener presente que, si la sociedad cambia, la educación debe adaptarse a esos cambios. Esto porque entre los retos emergentes en la formación, tales como ayudar a esta y a las nuevas generaciones a construir proyectos de vida con sentido, es necesario que se pongan en ejecución habilidades, capacidades, aptitudes, talentos y dones entremezclados de sentimientos y valores impercederos como la solidaridad, la empatía, la acogida, la alegría, el desapego. Y muchos otros que contribuyan a mirar el horizonte del futuro con optimismo, a vivir con ilusión el día a día, promoviendo el cuidado de la vida, del medio ambiente, del círculo inmediato en el que nos encontramos.

El escenario actual es propicio para alentar a niños y jóvenes a sentir que toda adversidad es una oportunidad para crecer en todas las dimensiones, para dar gracias por el don de la vida, para buscar nuevos caminos, emprender nuevos proyectos, proponer nuevas metas, transformar la realidad, viviendo con esperanza cada nuevo acontecimiento.



# Los nuevos escenarios en torno a la virtualidad y sus desafíos e impactos en la educación



Laura Feliz Rosario

Experta en formación eLearning. Investigadora Educativa por la Universidad Camilo José Cela. Doctoranda en Educación: Formación del Profesorado Virtual. Profesional en al área de Administración de Empresas por la Universidad Autónoma de Santo Domingo. Máster en Dirección Financiera por la Universidad de Cádiz. Máster en Educación y Nuevas Tecnologías por la Universidad a Distancia de Madrid. República Dominicana | lefelizr@gmail.com

*El SARS-CoV-2 ha tenido un gran impacto en el área educativa, en la que ha sido necesario el cambio de una formación presencial a una formación on-line. Aquello que hace unos años no era prioridad de estudio, hoy en día se ha convertido en un agregado importante y, posiblemente, permanente para el aprendizaje.*

O SARS-CoV-2 teve um grande impacto na área educativa, área em que foi necessário mudar de uma formação presencial para uma formação on-line. Aquilo que anos atrás não era prioridade de estudo, hoje se tornou um conteúdo adicional importante e, possivelmente, permanente para a aprendizagem.



Los cierres prolongados de los centros educativos generaron dificultad para alcanzar los objetivos de aprendizaje, por lo que hoy el área educativa enfrenta grandes retos de unificar la formación presencial y virtual, convirtiéndola en una educación híbrida. Ante esto, la figura del docente es importante para poder acompañar a los estudiantes en el proceso de formación. Estos son los encargados de romper muros con la tecnología y presentarla como su gran aliada. Los docentes han tenido que reinventarse y aplicar herramientas digitales para hacerlas aliadas de la formación híbrida. A pesar de la brecha digital que puede existir, muchas por conectividad, falta de recursos o por falta de adquisición de formación, el maestro es el dirigente del aprendizaje y debe fomentar el trabajo colaborativo y el acompañamiento continuo a sus estudiantes.

Los nuevos escenarios obligan a los centros educativos a continuar desarrollando sus labores de manera regular, a promover y realizar una formación constante de los docentes en herramientas tecnológicas que permitan potenciar el trabajo. Para esto, es necesario utilizar herramientas interactivas y plataformas tecnológicas, para de esta forma lograr el desarrollo correcto de la gestión actual, logrando así resultados con eficiencia y calidad en los diversos procesos educativos, formales, no formales e informales.

## Impacto de la virtualidad en Educación

Actualmente enfocamos la gestión educativa desde una visión del aprendizaje línea, aprendizaje móvil y aprendizaje mixto o híbrido. Por tanto, la educación se enfoca hacia una flexibilidad constante en el desarrollo de las diversas acciones formativas. Las actividades síncronas son una aliada de la formación E-learning, lo cual implica el uso de varias herramientas en la gestión de este tipo de formación. Sin embargo, es un reto para los diferentes centros educativos dotarse de herramientas correctas para poder sobrellevar el proceso de enseñanza-aprendizaje.



Foto Laura Félix Rosario

En la aplicación del aprendizaje móvil se utilizan los smartphones para aplicar técnicas de enseñanza, convirtiéndolos en aliados del proceso enseñanza-aprendizaje en los diversos niveles educativos, sobre todo en niveles de secundaria y universitarios.

El aprendizaje mixto o híbrido se espera que forme parte de la adaptación a los nuevos cambios tecnológicos, sobre todo afrontando los entornos VUCA (Volátiles, Inciertos, Complejos y Ambiguos), pues los centros educativos están realizando sus tareas de forma regular y no están ajenos a los imprevistos que se puedan presentar, por los fenómenos naturales o sanitarios que se puedan generar. La intención es que la gestión educativa esté preparada para poder hacer frente a las situaciones imprevistas que puedan surgir. Por lo tanto, deben realizar una combinación de sus actividades para que, en caso de que no se pueda hacer una formación presencial, sí sea posible continuar en línea.

La enseñanza híbrida permite ampliar fronteras desde cualquier lugar que nos encontremos. Aunque en algunos países no se tengan las condiciones tecnológicas necesarias, estos han adaptado sus actividades y hoy día la tecnología ha sido un gran aliado, permitiéndoles afrontar la situación actual.

La enseñanza híbrida se puede aplicar en los diversos niveles educativos: inicial, primario, secundario, post universitario, tomando en cuenta que la debemos segmentar según el nivel al cual se vaya a aplicar. Por tanto, en los niveles de inicial y primaria debemos fomentar una educación digital en la tecnología, para que en los siguientes niveles se realice una correcta aplicación de herramientas y técnicas tecnológicas.

La globalización, las tendencias tecnológicas, las tendencias organizativas y la comunicación híbrida son factores esenciales para el desarrollo de una gestión tecnológica educativa. Sobre todo realizando una combinación de la gestión virtual y presencial a través del aprendizaje híbrido, fusionando la gestión educativa desde herramientas tecnológicas. Esto porque la adquisición de habilidades de manera continua es un reto para las instituciones y aporta una modalidad híbrida en el ambiente educativo.

**La enseñanza híbrida se puede aplicar en los diversos niveles educativos: inicial, primario, secundario, post universitario, tomando en cuenta que la debemos segmentar según el nivel al cual se vaya a aplicar.**

**Por lo tanto, el proceso de enseñanza-aprendizaje de hoy en día debe de proporcionarse como un modelo híbrido, con una participación virtual y presencial en conjunto para aportar mejores resultados en la gestión académica del estudiante y del profesor.**

Como reto principal será vital la adquisición, por parte del centro educativo, de herramientas virtuales para realizar un trabajo correcto a distancia, en el que se pueda aplicar la gestión del tiempo, la interactividad, el seguimiento del estudiante, la presentación del trabajo y la difusión de las informaciones del centro educativo. La gestión organizativa, la interactiva y el seguimiento virtual ha sido uno de los desafíos que han tenido que manejar los docentes en tiempo de Covid-19. Por tal razón, hoy en día será necesario la aplicación de las habilidades blandas. Estas serán trascendentales para un aprendizaje significativo desde cualquier nivel de escolaridad.

En los nuevos escenarios se necesita fomentar el compromiso, la resiliencia, el trabajo en equipo, la creatividad, entre otras. Lo importante en este aspecto es educar para que seamos mejores seres humanos para la sociedad y entonces se podrá realizar una combinación de las habilidades duras, desarrollando contenidos de un área específica en la que se quiera instruir al alumno. Pues si este no es capaz de tener una armonía correcta con el equipo, no realizará una gestión correcta en su área de desarrollo, aunque tenga los conocimientos científicos del área.

Además, adherimos al Pacto Educativo Global propuesto por el Papa Francisco, quien plantea unir esfuerzos para realizar una transformación de la educación, con una mirada hacia una educación con esperanza, que se pueda centrar en la persona, que involucre a la familia, a la naturaleza y al aspecto social. De esta forma, se podrá aportar una educación de calidad, integral, permanente, con igualdad de condiciones e inclusiva.


Debemos educar desde las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) en los diversos niveles educativos, de manera segmentada. Solo entonces podremos obtener un impacto significativo de la tecnología. No podemos utilizar solamente la tecnología, tampoco únicamente la forma tradicional, sino que tenemos que realizar una fusión de lo tradicional y lo digital para lograr un equilibrio en el aprendizaje.

## Conclusión

En conclusión, la gestión educativa de hoy día debe abarcar la planificación, la organización, la dirección y el control de las actividades educativas, de las cuales las herramientas interactivas han venido a ser aliadas al aportar la continuidad del trabajo a través de la tecnología.

El enfoque educativo se debe trabajar de manera continua para realizar una gestión virtual con un acompañamiento pedagógico, para fomentar una gestión virtual efectiva, sobre todo segmentando las nuevas tecnologías en los diferentes niveles educativos a los cuales van destinados los diversos contenidos.

Por lo tanto, el proceso de enseñanza-aprendizaje de hoy en día debe de proporcionarse como un modelo híbrido, con una participación virtual y presencial en conjunto para aportar mejores resultados en la gestión académica del estudiante y del profesor. De esta manera se puede fomentar un aprendizaje significativo y enfocado a la práctica, a fin de que la gestión teórica se realice virtual y la parte práctica presencial.

Se debe fomentar el uso de herramientas sencillas y claras durante el desarrollo de las actividades diarias en una gestión educativa, pero a la vez se deben aportar herramientas específicas en cada área educativa para realizar las diversas tareas, brindando así una mejor estabilidad emocional en el proceso de enseñanza-aprendizaje. 



# Educação 5.0? Quais os sentidos? Quais os desafios para o contexto brasileiro?



*Daniel de Queiroz Lopes*

É psicólogo, professor adjunto da área de Aprendizagem em Ambientes Digitais da Faculdade de Educação, e professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Brasil | [daniel.lobes@ufrgs.br](mailto:daniel.lobes@ufrgs.br)

*Tratar a educação de modo análogo ao desenvolvimento de software é uma visão simplista e tecnicista, como se fosse possível instalar e desinstalar pedagogias e políticas educacionais ao clicar de um botão. Inovação tecnológica não se confunde com inovação pedagógica, uma vez que as motivações e objetivos de um e do outro campo não necessariamente convergem. Por esse motivo que o termo Educação 5.0 consta no título desse artigo como uma interrogação, uma vez que ele estabelece uma relação controversa entre o campo educacional, o tecnológico e o econômico.*

Tratar a la educación de modo análogo al desarrollo de software significa mirarla de modo simplista y tecnicista, como si fuera posible instalar y desinstalar pedagogías y políticas educacionales con solo apretar un botón. La innovación tecnológica no se confunde con la innovación pedagógica, ya que las motivaciones y los objetivos de ambos campos no necesariamente convergen. Es por ese motivo que el término Educación 5.0 consta en el título de este artículo como una interrogación, puesto que el mismo establece una relación controvertida entre el campo educacional, el tecnológico y el económico.



O tema do uso das tecnologias na educação, apesar de, recentemente, estar pautado pelo advento das tecnologias digitais, não é recente. Afinal, as técnicas e as tecnologias confundem-se e frequentemente demarcam as transformações sociais e culturais que a história, a antropologia e outras áreas do conhecimento humano têm nos demonstrado. No entanto, até a metade do século XIX, o desenvolvimento técnico, científico e industrial e suas tecnologias distinguiram-se das que tradicionalmente eram utilizadas nas escolas. Basicamente, as tecnologias presentes no cotidiano das escolas limitavam-se aos suportes para a leitura e a produção textual. No entanto, a fim de dar conta de arranjos didáticos que integrassem as metodologias ativas que ganharam notoriedade no contexto do movimento escolanovista, além

**Foi assim que diversas disciplinas, inspiradas no modelo de ciência experimental, procuraram e têm procurado envolver os estudantes no que se poderia chamar de “despertar para a ciência”.**

da obrigatoriedade do ensino de ciências a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) de 1961 e 1971, alguns instrumentos e materiais, que antes eram usados apenas em laboratórios de pesquisa, ganharam espaço em diversas escolas. Foi assim que diversas disciplinas, inspiradas no modelo de ciência experimental, procuraram e têm procurado envolver os estudantes no que se poderia chamar de “despertar para a ciência”. Ainda que essas iniciativas sejam concebidas a partir de um modelo positivista de experiência - orientado pela execução de roteiros prontos, pela demonstração e aplicação prática de teoremas, sem abertura para o erro, as incertezas e o aleatório - a ideia de despertar os jovens para a ciência orientava o sentido pedagógico do porquê ensinar ciência nas escolas. Nessa perspectiva, ainda em voga, trata-se, portanto, de integrar tecnologias e educação no sentido de aprendizagens orientadas por currículos que adotam um desenho disciplinar, com conhecimentos específicos definidos pelas políticas educacionais vigentes. Será que, no contexto das tecnologias digitais, o sentido pedagógico tem orientado essa discussão?

### **As tecnologias digitais da informação e comunicação ganham destaque**

A partir da década de 90, com o advento e a popularização das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) - microeletrônica, computadores pessoais, internet, tecnologias móveis e sem fio, internet das coisas, entre outras - temos presenciado a rapidez com a qual essas tecnologias têm produzido a convergência de diversas áreas do conhecimento e do trabalho, no sentido do uso em comum dessas tecnologias. As TDIC passaram a coexistir em diversos contextos da vida humana, e têm pautado as discussões que envolvem a emergência de uma cultura digital. A fim de distinguir esse avanço tecnológico, inicialmente criou-se o termo Web 2.0, em analogia a área de desenvolvimento de software, que identifica o *upgrade* das diferentes versões através de números sequenciados. No caso da Web, esse avanço diz respeito, sumariamente falando, a uma linha de desenvolvimento que vai de uma menor para uma maior possibilidade de interação e comunicação *hipermidiática* entre pessoas e seus artefatos, e pelo aumento progressivo da ação de agentes e objetos com inteligência agregada ou embarcada (inteligência artificial/IA, redes semânticas, internet das coisas/IOT etc.). Quase sempre essa linha sucessória de versões ocorre no sentido da superação da versão anterior, como uma mudança de paradigma que passa a orientar o desenvolvimento tecnológico a partir dela. No espaço de aproximadamente 40 anos, já se fala em Web 5.0.



Foto de Max Fischer no Pexels

Numa perspectiva que considera que a educação deva estar acompanhando esse desenvolvimento, têm sido veiculados os termos Educação 4.0 e, mais recentemente, 5.0. Tais termos surgem dentro desse cenário de convergência tecnológica, associados à perspectiva que considera que vivemos na era da Quarta Revolução Industrial, da Economia 4.0. Assim, a defesa do termo Educação 4.0 ou 5.0 sugere que compreendamos que a educação deva acompanhar esse movimento de transformação nas dinâmicas do mercado, das economias e, conseqüentemente, do mundo do trabalho.

### **Processo educacional e desenvolvimento tecnológico: uma relação em debate**

O tamanho dessa controversa visão educacional atrelada ao mundo do trabalho e à economia não caberia no espaço desse artigo. Vou me limitar a umas poucas linhas. Pessoalmente, entendo que essa analogia, que coloca o processo educacional a reboque do desenvolvimento tecnológico, dificulta ou até mesmo impede o diálogo com as perspectivas educacionais que entendem a educação a partir de uma noção mais ampla, cujo avanço não tem se dado na mesma linha da esteira do desenvolvimento tecnológico e industrial. Entendo que devemos observar e distinguir o contexto da educação básica e o da formação para o trabalho, ainda que esta formação esteja acontecendo nas escolas e institutos de educação tecnológica integradas dedicadas ao ensino médio. Entendo, ainda, que a lógica do *upgrade* de versões não se aplica à educação, uma vez que, por exemplo, o desenvolvimento humano e uma educação para a cidadania contêm elementos de ordem social muito mais complexos, que extrapolam o contexto das escolas, e que os arranjos que orientam o desenvolvimento de software e hardware não dão conta. Tratar a educação de modo análogo ao desenvolvimento de software é uma visão simplista e tecnicista, como se fosse possível instalar e desinstalar pedagogias e políticas educacionais ao clicar de um botão. Inovação tecnológica não se confunde com inovação pedagógica, uma vez que as motivações e objetivos de um e do outro campo não necessariamente convergem. Por esse motivo que o termo Educação 5.0 consta no título desse artigo como uma interrogação, uma vez que ele estabelece uma relação controversa entre o campo educacional, o tecnológico e o econômico. Ao invés desse termo, sigo preferindo estabelecer um diálogo interdisciplinar proposto pelos campos de estudo emergentes da cultura digital, da cibercultura, da docência on-line, entre outros.

Dito isto, no sentido de propor alguns elementos para a discussão, entendo que um dos caminhos possíveis para se tentar superar essa controversa relação entre educação e tecnologias, passa por abdicar da ideia disciplinar de carregar ainda mais os currículos escolares com conteúdos voltados para a área tecnológica. Explico.



Foto Tekelua por Pixabay

**Numa perspectiva que considera que a educação deva estar acompanhando esse desenvolvimento, tem sido veiculados os termos Educação 4.0 e, mais recentemente, 5.0. Tais termos surgem dentro desse cenário de convergência tecnológica, associados à perspectiva que considera que vivemos na era da Quarta Revolução Industrial, da Economia 4.0.**

Uma primeira compreensão que proponho para situarmos a discussão é demarcar duas perspectivas ou abordagens do tema. A cultura digital e suas tecnologias podem ser concebidas a partir de uma perspectiva disciplinar, como uma área de pesquisa e de produção de conhecimento que dialoga com diversas outras áreas - incluindo a Pedagogia e o campo mais amplo da educação para o trabalho - e que está diretamente relacionada com as apropriações tecnológicas em curso nos diversos âmbitos da cultura - desde o uso de artefatos do dia a dia, como um caixa eletrônico, até o uso de computadores, softwares e smartphones.

**Diversos autores têm tratado o tema das transformações sociais a partir da perspectiva tecnológica. A antropologia e a sociologia têm constantemente abordado o tema da técnica ou do avanço tecnológico e as transformações pelas quais passa a nossa cultura. Assim, novas formas de ser, de habitar, de aprender, de viver, de comunicar, de se alimentar etc., constantemente estão em transformação e relacionadas com as tecnologias da sua época.**



Foto de Alime Viana Prado no Pexels

Por outro lado, também pode ser compreendida enquanto fenômeno sociocultural, como um movimento que está em constante transformação, diretamente relacionado com a dimensão simbólica dos efeitos que vem produzindo na cultura.

Diversos autores têm tratado o tema das transformações sociais a partir da perspectiva tecnológica. A antropologia e a sociologia têm constantemente abordado o tema da técnica ou do avanço tecnológico e as transformações pelas quais passa a nossa cultura. Assim, novas formas de ser, de habitar, de aprender, de viver, de comunicar, de se alimentar etc., constantemente estão em transformação e relacionadas com as tecnologias da sua época. Algumas tecnologias têm provocado, ao longo da história, rupturas paradigmáticas que alteraram conceitos, noções de verdade e valores. A invenção do microscópio proporcionou a descoberta de um ecossistema que não conhecíamos, tanto quanto a invenção dos telescópios nos possibilitou avançar nos conhecimentos cosmológicos. A ciência tem demonstrado que a imaginação surge a partir dos processos de adaptação dos sujeitos e coletividades em relação ao meio em que vivem. Trata-se de um movimento constante e que está situado historicamente. Assim, a imaginação e a adaptação podem ser entendidas como dimensões da existência humana, sendo ao mesmo tempo resultado e produtoras do desenvolvimento tecnológico ao longo da história. Portanto, no sentido antropológico, não é possível pensar as tecnologias ou a técnica de forma dissociada da cultura. *Tecnogênese* e *antropogênese* estão intimamente ligadas, como um processo, como uma relação em que operam pessoas, sociedades e artefatos. É assim que novas tecnologias ou as transformações provocadas por essas tecnologias produzem nas gerações seguintes apropriações que estão diretamente relacionadas com os modos de produção, de trabalho, de trocas simbólicas que essas tecnologias proporcionam. O arado, a escrita ou a máquina a vapor são tecnologias que exemplificam muito bem essa relação indissociável entre as transformações socioculturais e as tecnologias. Assim, técnica e tecnologia podem ser entendidas como produto e produtoras de atividade simbólica, tanto quanto, por exemplo, a música ou a matemática. Cabe destacar, ainda, que dentre os aspectos simbólicos dessas transformações, a política é uma dimensão de análise de extrema importância, e se insere na discussão sobre tecnociência<sup>1</sup>.


Compreender que técnica e tecnologia, portanto, se constituem como fruto de atividade simbólica, seria um primeiro passo para se pensar e inventar abordagens interdisciplinares do campo de conhecimento das STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática). Assim como o “despertar para a ciência” inicialmente motivou novos arranjos didáticos disciplinares ou compartimentados, com a criação de laboratórios e adoção de instrumentos próprios de experimentação e pesquisa no espaço das escolas, en-

tendo que a efervescência e a convergência das novidades tecnológicas podem avançar no sentido de inspirar uma educação orientada por uma intencionalidade pedagógica interdisciplinar. Tecnologias como robótica, IA, IOT, realidade aumentada, jogos digitais, QR Codes, impressão em 3D entre outros possuem natureza interdisciplinar, pois, no atual momento, são o ápice da convergência de diversas outras tecnologias e saberes associados, e possuem um vasto campo de aplicação. Nesse sentido, compartimentá-los numa abordagem disciplinar e conteudista é limitar sua potência simbólica. O grande inspirador do que hoje se entende por “cultura *maker*”, Seymour Papert<sup>2</sup>, ao propor o *construcionismo*, foi inspirador ao nos contar como foi importante na sua infância brincar com engrenagens para desenvolver habilidades e sua paixão pela matemática. Em minha tese de doutorado<sup>3</sup>, constatei como a criatividade pode ser desenvolvida quando crianças brincam de construir robôs juntas, inventando problemas e soluções a partir do desenho de protótipos e a sua automação. O filme “O menino que descobriu o vento”, de Chiwetel Ejiofor, é inspirador ao nos contar como o caminho das descobertas de uma criança é capaz de fazer dialogar os saberes da ciência com os das culturas locais.

## Para concluir

O tema da cultura digital, a meu ver, enseja diálogos ampliados com o campo da educação, e ao mesmo tempo desafiadores, pois exige o “pensar fora da caixa” da disciplinaridade, sem renunciar a necessidade de se pensar nas possíveis abordagens aos conhecimentos estabelecidos pelos currículos escolares. Não se trata, assim, de listar e enclausurar listas de habilidades e competências tecnológicas a serem enfadonhamente ensinadas e avaliadas. Trata-se, isso sim, de inventar e propor novos arranjos didáticos interdisciplinares que favoreçam a potência autoral e criadora de professores e estudantes ao colocarem as tecnologias à serviço da imaginação e da descoberta, fazendo dialogar as práticas curriculares com os entornos educativos e os desafios geracionais desse tempo.

Essa abordagem mais ampla pode ser um dos caminhos no sentido da superação dessa controversa relação entre tecnologias e educação, pois insere o sentido pedagógico que orienta o porquê ensinar e aprender com tecnologias.

Por fim, no cenário brasileiro, as abordagens, que pretendem a integração das tecnologias com a educação, não são compatíveis com o contexto de precarização do trabalho docente e da infraestrutura das escolas públicas. No que se refere aos atuais investimentos em educação, com congelamento da dotação orçamentária, sem valorizar a profissão docente, a manutenção e o melhoramento da infraestrutura das escolas, falar em educação 5.0 soa como uma miragem, e talvez até uma afronta. 

**Trata-se, isso sim, de inventar e propor novos arranjos didáticos interdisciplinares que favoreçam a potência autoral e criadora de professores e estudantes ao colocarem as tecnologias à serviço da imaginação e da descoberta, fazendo dialogar as práticas curriculares com os entornos educativos e os desafios geracionais desse tempo.**

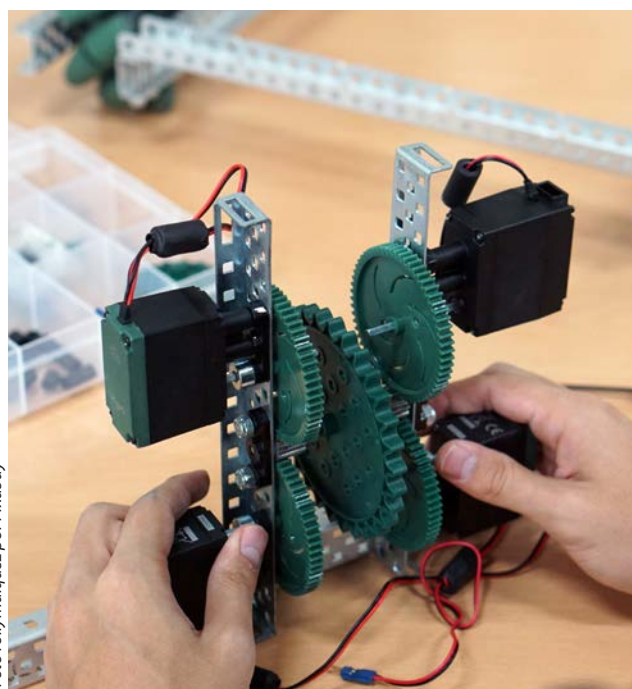


Foto rolyrmaquez por Pixabay

## Notas

- 1 *Tecnociência é um tema complexo que não cabe no espaço restrito do presente capítulo. Para leitura e aprofundamento do tema sugiro a leitura dos livros de Boaventura de Sousa Santos “Um discurso sobre as ciências”, e de Renato Dagnino “Neutralidade da Ciência e Determinismo Tecnológico – um debate sobre a tecnociência”.*
- 2 *Papert, Seymour M. LOGO: Computadores e Educação. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. Foi originalmente publicado em 1980, com o título “Mindstorms: Children, Computers, and Powerful Ideas”, pela editora Basic Books, de Nova Iorque. Possui uma edição revisada lançada em 2020 pela mesma editora.*
- 3 *Lopes, Daniel de Queiroz. Brincando com robôs: desenhando problemas e inventando porquês. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. 115 p.*

# Mosaico



## LIVROS | LIBROS

### VERDE URBANO

O sonho de três jovens biólogos e pesquisadores brasileiros, “de melhorar a paisagem e a qualidade de vida das cidades brasileiras”, conforme relatado por eles, embala uma volumosa coletânea de e-books intitulada “Eu, o meio ambiente e você”, inaugurada com esse “Verde Urbano”. O livro que está nas suas mãos é uma brilhante contribuição, didática e direta, para a compreensão da importância das árvores nos ambientes urbanos, com boas dicas para quem quer mudar nosso cenário desolador.

*Autores: Maurício Lamano Ferreira, Alessandro Zabotto, Fernando Periotto (Organizadores) • ISBN 9786589185536 • São Paulo, Editora Universitária Adventista, 2021, 217 p. E-book disponível em: [https://www.portalsaudenoar.com.br/wp-content/uploads/2021/09/VERDE\\_URBANO\\_FINAL\\_210925\\_115023.pdf](https://www.portalsaudenoar.com.br/wp-content/uploads/2021/09/VERDE_URBANO_FINAL_210925_115023.pdf)*

### LUCES PARA EL CAMINO. PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Ante la convocatoria del Papa Francisco para construir entre todos un pacto educativo global, la Oficina Internacional de la Educación Católica (OIEC), junto con otros organismos y entidades, se ha movilizado para recoger las opiniones de diferentes personas del mundo, de los superiores generales de instituciones religiosas dedicadas a la educación y de expertos internacionales, sobre qué hacer para superar las dificultades y resistencias ante el mismo; qué cambiar en la educación para construir un mundo más humano, fraterno, solidario y sostenible; cómo centrarnos en las personas y educarlas integralmente desde dentro; así como otras luces para el camino hacia dicha alianza. Igualmente, atendiendo el llamado del Papa para crear la «aldea de la educación», el libro recoge proyectos y programas que nos muestran el camino y evidencian que es posible mejorar el derecho a la educación, construir la cultura de paz o tejer la solidaridad o el cuidado de la casa común.

*Autores: Juan Antonio Ojeda Ortiz, Manuel Jesús Ceballos García y Beatriz Ramírez Ramos (Coords.) • ISBN: 8435240596198 • Madrid, SM Editora y PPC, 2020, 376 p. • Disponible en: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/08/LIBRO-PACTO-EDUCATIVO-GLOGAL-OIEC-1.pdf>*

### EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

“Que o mundo já estava em rápida transformação, todos sabíamos. Novas tecnologias como smartphones mudaram a forma como realizamos atividades corriqueiras. O que a pandemia trouxe de diferente foi uma aceleração ainda mais brutal de tendências que imaginávamos em um horizonte de 5 ou 10 anos. No segmento de educação não foi diferente. A Aprendizagem 4.0 já era uma realidade, ainda incipiente, mas que ganhou novos contornos pós-pandemia. Nessa obra, Danilo Olegário nos brinda com uma bela sistematização desta jornada, explorando os impactos nos modelos de aprendizado e sua necessidade de adequação. O autor transita entre novos conteúdos e metodologias de ensino, sempre de forma prática e aplicada, calcado na sua longa experiência profissional na área de educação corporativa. Em um texto fluido e leve, recheado de exemplos e casos reais, Danilo nos mostra que a pandemia é um elemento de contexto transitório, mas as transformações nos modelos de aprendizagem vieram para ficar”. (Gustavo Palmisano).

*Autor: Danilo Olegario • ISBN: 9786586618396 • São Paulo, Editora Almedina, 2021, 338 p.*

### EDUCANDO PARA A VIDA NO PÓS PANDEMIA

É evidente que a pandemia atingiu profundamente nossas relações familiares e profissionais, bem como nossa maneira de ver o mundo. Com o isolamento social – as aulas suspensas e novos desafios diários –, todos tiveram de se reinventar e foram obrigados a conviver com o medo da contaminação pela Covid-19 e com a ansiedade. Este livro, fruto de sólida experiência com a prática pedagógica e de profundos estudos na área de psicologia, lança luz aos diversos desafios enfrentados pelos educadores e pais neste momento: a adaptação às ferramentas tecnológicas para inserir os alunos no espaço educacional de modo interativo, o apoio às famílias no ambiente virtual, a vulnerabilidade das crianças e dos adolescentes fora da escola. Esta obra se destina aos diversos núcleos sociais, compreendendo seus universos particulares. A escola, neste contexto desafiador do pós-pandemia, tem o papel de não somente ser uma ponte entre o saber e o aluno, mas também o fio condutor da empatia, do amparo, da resiliência, da complacência e do amor. Este é um novo mundo, desafiador, mas que também pode ser admirável, se soubermos acolhê-lo com sabedoria.

*Autor: Sueli Conte • ISBN-13 9786555610475 • ISBN-10 6555610476 • São Paulo, Editora Novo Século, 2020, 224 p.*

### **A SALA DE AULA DIGITAL: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA FOMENTAR O APRENDIZADO ATIVO, ON-LINE E HÍBRIDO**

O amplo acesso dos estudantes a informações por meio da internet coloca para os professores o desafio de desenvolver novas competências e habilidades, pois apenas ensinar conteúdos já não faz sentido. Habilidades como pensamento crítico e criatividade são cada vez mais essenciais, sendo fundamental uma prática pedagógica pautada na educação ativa e cada vez mais on-line e híbrida. No livro *A sala de aula digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido*, também disponível no formato e-book, os professores Fausto Camargo e Thuinie Daros abordam aspectos relevantes da educação na atualidade e apresentam mais de 42 estratégias pautadas em metodologias ativas e voltadas para salas de aula digitais e on-line.

*Autores: Fausto Camargo e Thuinie Daros • ISBN-10: 6559760014 • ISBN-13: 9786559760015 • Porto Alegre, Editora Penso, 2021, 208 p.*

### **APRENDIZAGEM DIGITAL: CURADORIA, METODOLOGIAS E FERRAMENTAS PARA O NOVO CONTEXTO EDUCACIONAL**

Curadoria de conteúdo, trilhas de aprendizagem, competências digitais, o papel das equipes multidisciplinares, ferramentas para impulsionar a aprendizagem e práticas inovadoras são alguns dos tópicos abordados no livro *Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*, organizado por Daiana Garibaldi da Rocha, Marcos Andrei Ota e Gustavo Hoffmann. Escrita por profissionais com larga experiência no mercado de educação nacional e internacional, esta obra, também disponível no formato e-book, apresenta discussões e exemplos reais que poderão auxiliar as instituições de ensino superior (IES) no desenvolvimento e na operacionalização de cursos a distância (EAD) e na implementação de salas de aula inovadoras.

*Autores: Daiana Garibaldi da Rocha, Marcos Andrei Ota e Gustavo Hoffmann • ISBN-10: 6581334146 • ISBN-13: 978-6581334147 • Porto Alegre, Editora Penso, 2021, 160 p.*

### **APP-EDUCATION: FUNDAMENTOS, CONTEXTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS LUSO-BRASILEIRAS NA CIBERCULTURA**

App Education ou “educação baseada em aplicativos” seria uma nova roupagem para o software educacional que se popularizou na década de 1990? Nesta obra, dividida em duas partes - “Sobre fundamentos e contextos” e “Práticas educativas em mobilidade”, essa e outras dúvidas e preconceitos são desconstruídos. Na primeira parte do livro, fica evidente que não se trata de uma nova roupagem. Os aplicativos são estruturantes da cultura contemporânea e, como tal, instauram e potencializam redes educativas que nos formam a partir de práticas culturais e processo de subjetivação. Já na segunda parte, a obra exemplifica como docentes e pesquisadoras(es) têm praticado a App Education em diversas áreas e níveis educacionais.

*Autoras: Edméa Santos e Cristiane Porto (Orgs.) • ISBN: 978-85-232-1941-3 • Bahia, EDUFBA, 2019, 423 p.*

### **WHATSAPP E EDUCAÇÃO: ENTRE MENSAGENS, IMAGENS E SONS**

Na Ciberultura uma boa parte dos indivíduos usam as tecnologias digitais e os aplicativos para encontrar a informação ou para explorar os seus centros de interesses que vão além do que eles têm acesso na escola ou o que eles encontram em sua comunidade local. O aplicativo WhatsApp, assim, ganhou popularidade incontestável, principalmente entre os mais jovens. Esse livro tem no aplicativo seu objeto de estudo como espaço de formação, ensino e aprendizagem. Os capítulos que o compõem apresentam experiências de pesquisadores, propostas de ensino e aprendizagem, e outras formas de ensinar e aprender que tem o WhatsApp como mediador do processo.

*Autores: Cristiane Porto, Kaio Eduardo Oliveira e Alexandre Chagas • Ilheus, Bahia, UESC/EDUFBA, 2017, v. 1, 285 p.*

### **ENSINO HÍBRIDO: METODOLOGIAS E PERSONALIZAÇÃO**

A personalização da aprendizagem é importante, no entanto ela não acontece somente com o uso das tecnologias, pode ocorrer em vários momentos híbridos onde o professor e o aluno se dispõem a interagirem de forma mais próxima, com o intuito de ampliar o conhecimento.

*Autora: Viviani Darolt • ISBN: 9786555783582 • Curitiba, Editora CRV, 2020, 156 p.*

### **ESCOLAS E REDES SOCIAIS: CONEXÕES, CONFLITOS E SOCIABILIDADES**

O livro analisa o relacionamento entre professores e alunos de uma escola pública de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte, no contexto atual em que as novas tecnologias de informação e comunicação afetam o mundo do trabalho e também instrumentalizam o trabalho docente e as relações sociais. Nesta investigação, as conexões presenciais e também virtuais, mediadas pelo uso das redes sociais, indicaram ser predominante o respeito entre esses sujeitos, ressaltando-se haver um cenário propício ao diálogo entre todos que fazem parte da instituição. Conclui-se que, nessa instituição, as interações gestadas nas salas de aula e expandidas para as redes sociais estão interligadas e influenciadas por fatores diversos, como a estrutura de trabalho, o clima organizacional e a gestão escolar, componentes importantes no sentido da convergência, do respeito e das negociações.

*Autora: Rosália Monteiro Mota • ISBN: 9786586034257 • Curitiba, Editora Appris, 2020, 141 p.*

### **LA NUEVA EDUCACIÓN HÍBRIDA**

En este libro, Claudio Rama argumenta a favor de lo que él llama la educación híbrida. Expresión que, a pesar de requerir aún de muchas definiciones y precisiones, ilustra que la pandemia, el encierro forzoso y la distancia social, permitieron poner en práctica una combinación virtuosa de la educación presencial y la educación virtual. Se trata de un tema polémico y es necesario ampliar el debate y la discusión en torno a estas nuevas alternativas que la pandemia puso al descubierto, ciertamente. No es nuevo, pero requiere de mayores especificidades y Rama abona en ese sentido.

*Autor: Claudio Rama • ISBN: 9786078066643 • México, UDUAL, 2021, 139 p. • Disponible en: • [https://www.udual.org/principal/wp-content/uploads/2021/03/educacion\\_hibrida\\_isbn\\_interactivo.pdf](https://www.udual.org/principal/wp-content/uploads/2021/03/educacion_hibrida_isbn_interactivo.pdf)*

## AULAS HÍBRIDAS Y BIMODALIDAD: ENTORNOS INTEGRADOS DE APRENDIZAJES

Múltiples escenarios emergieron en el campo de la educación como consecuencia de la situación sanitaria que condicionó a todos los sistemas formales. Su impacto exigió un replanteo de las estrategias de enseñanza, aprendizaje y evaluación que proseguirá a través de las nuevas herramientas. En esta obra se despliegan recomendaciones sobre significaciones novedosas -educación remota, bimodal, híbrida, de alternancia, en burbujas- y se proporcionan herramientas y recursos para estos formatos que permiten que los docentes revisiten y se desempeñen en los diversos territorios. Además, el libro avanza hacia propuestas que aportan a un trabajo cooperativo-colaborativo con prácticas situadas. También ofrece aplicaciones desde el ámbito de los medios digitales con una perspectiva pedagógico-didáctica, ya que no se trata solo de incorporarlos de manera técnico-instrumental, sino de analizar las nuevas maneras de pensar y entender al mundo y a la enseñanza.

*Autoras: María Alicia Tenutto Soldevilla y María Belén Barrionuevo Vidal (Coords.) • ISBN 9789875388369 • Buenos Aires, Noveduc, 2021, 152 p.*

## FILOSOFÍA, EDUCACIÓN Y VIRTUALIDAD

Determinar el tipo de ser humano al cual aspiramos formar en la educación resulta básico para descubrir los medios de conseguirlo. Habría finalidades diversas si habláramos de la "educación para el mercado" o "para el comunitarismo indígena". Aquella quizá desemboque en una individualidad acoplada a la estructura competitiva; y esta, en sujetos inclinados a la ayuda mutua. Lo relevante sería la pregunta: ¿las tecnologías actuales de la información y la comunicación estarían al servicio de cualquier formulación educativa? ¿Son medio, lo mismo para la dominación que para la liberación?

*Autores Varios • ISBN: 9786078702244 • México, Editorial Torres Asociados, 2021, 175 p. • Disponible en: [https://www.academia.edu/44924227/Libro\\_Filosof%C3%ADa\\_educaci%C3%B3n\\_y\\_virtualidad\\_178\\_p\\_Cap%C3%ADtulo\\_Reflexiones\\_en\\_pandemia\\_El\\_territorio\\_acad%C3%A9mico\\_y\\_la\\_digitalizaci%C3%B3n\\_sin\\_diatriba\\_App\\_51\\_69\\_](https://www.academia.edu/44924227/Libro_Filosof%C3%ADa_educaci%C3%B3n_y_virtualidad_178_p_Cap%C3%ADtulo_Reflexiones_en_pandemia_El_territorio_acad%C3%A9mico_y_la_digitalizaci%C3%B3n_sin_diatriba_App_51_69_)*

## CLAVES Y CAMINOS PARA ENSEÑAR EN ENTORNOS VIRTUALES

Las educadoras y educadores podrán encontrar reflexiones y sugerencias para armar clases virtuales, tanto en la plataforma Juana Manso como en otros entornos: cómo planificar, cómo diseñar un aula, publicar materiales, comunicarse con las y los estudiantes, entre otras acciones. Se trata de una herramienta para que las y los docentes puedan llevar adelante la enseñanza en el mundo digital. Cada capítulo del libro cierra con una intervención de un/a experto/a.

*Publicación elaborada por los equipos de Educ.ar S.E. • ISBN 9789871909209 • Argentina, Educ.ar S.E., 2021, 243 p. • Disponible en: <https://juanamanso.edu.ar/publicaciones>*

## ESCENARIOS COMBINADOS PARA ENSEÑAR Y APRENDER

Contiene herramientas, ejemplos y conceptos clave para planificar clases que combinan la presencialidad y los entornos virtuales, con el objeto de diseñar propuestas integradas y sobre todo inclusivas articulando las prácticas a los diversos y dinámicos contextos.

*Publicación elaborada por los equipos de Educ.ar S.E. • ISBN 978-987-1909-19-3 • Argentina, Educ.ar S.E., 2021, 336 p. • Disponible en: <https://juanamanso.edu.ar/publicaciones>*

## EDUCACIÓN Y PANDEMIA. UNA VISIÓN ACADÉMICA

En esta obra se integran 34 trabajos que abordan la muy amplia temática de la educación y la universidad. Se trata de reflexiones que abordan los siguientes ejes temáticos: Educación, escuela y continuidad pedagógica; Educación superior; Educación, tecnología y conectividad; Educación, desigualdad y género; Educación y cultura Dimensión histórica; La educación hacia el futuro.

*Autores Varios • ISBN: 978-607-30-3220-9*

*México, UNAM, 2020, 314 p. • Disponible en: [https://www.iisue.unam.mx/investigacion/textos/educacion\\_pandemia.pdf](https://www.iisue.unam.mx/investigacion/textos/educacion_pandemia.pdf)*

## PROPUESTAS TECNOPEAGÓGICAS PARA EL WEBCENTE UNIVERSITARIO

Un webcente es un docente tecnopedagógico que reconoce los retos de aplicar TIC en los procesos formativos como una oportunidad de aprendizaje. Al integrar la Tecnología, la Pedagogía y la Didáctica, se genera en el libro una serie de propuestas que por su recursividad, flexibilidad y adaptabilidad invitan al lector a la disrupción y a la proactividad en la enseñanza y el aprendizaje. De una manera sencilla y práctica se presentan metodologías e ideas relativas a la formación para la era digital, procesos, gestión y dispositivos tecnopedagógicos, ambientes virtuales, objetos digitales, cursos masivos abiertos en línea, estrategias tecnodidácticas y evaluación digital. Se desea que este libro proporcione a los lectores una visión reflexiva de las TIC orientada hacia la participación y el empoderamiento desde sus experiencias y contextos.

*Autora: Elvia Garduño Teliz • ISBN: 9786079888718*

*ASIN: B08CR4YF4B • México, Newton Edición y Tecnología Educativa, 2020, 345 p.*

# Mosaico



## SITES | SITIOS

### **CAPÍTULO INTERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO HÍBRIDA, DE MARCO SILVA**

<https://ieducacao.ceie-br.org/interatividade>

Do livro: **Informática na educação: interatividade, metodologias e redes.** (Série Informática na Educação, v.3).

### **REVISTA DOCÊNCIA E CIBERCULTURA**

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/index>

Trata-se de um periódico de orientação pluralista, voltado à discussão de produções originais elaboradas pela comunidade científica nacional e internacional, da área de Educação e do Ensino e suas interfaces com a cibercultura, identidade, diferença. Aceita artigos, relatos de experiência, pontos de vista, resenhas, ensaios, entrevistas, conversas, bibliografias comentadas, produções artísticas e culturais, vídeo-pesquisa e resumos de dissertações e de teses.

### **REVISTA BRASILEIRA DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO**

<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie>

Criada em 1997, é uma publicação mantida pela Comissão Especial de Informática na Educação (CEIE) da Sociedade Brasileira de Computação em parceria com pesquisadores e universidades do país e do exterior. A revista busca reunir e publicar trabalhos multidisciplinares de excelência realizados por profissionais e pesquisadores na área de Informática na Educação. Procura-se disseminar as ferramentas, métodos e práticas que auxiliam no uso efetivo da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem. Publica trabalhos originais em português, espanhol e inglês.

### **REVISTA ELETRÔNICA EM GESTÃO, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA AMBIENTAL**

<https://periodicos.ufsm.br/reget>

A Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental tem como objetivo divulgar trabalhos científicos em nível de graduação e pós-graduação (Latu e Stricto Sensu) inseridos nas linhas temáticas de Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental. Além disso, disponibilizar eletronicamente artigos científicos vinculados ao ensino, pesquisa e extensão que se enquadrem nas três linhas temáticas propostas. É uma publicação com periodicidade quadrimestral, compreendendo um volume por ano com três números. A Revista publica artigos originais, revisões, atualizações, estudos de casos e/ou relatos de experiências, resenhas, e resumos de teses e dissertações em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental com especial ênfase em originalidade e relevância científica.

### **REVISTA EDUTICINNOVA - PERÚ**

<https://www.aulavirtualusmp.pe/ojs/index.php/eduticinnova>

La revista EduTicInnova es una iniciativa de la Universidad de San Martín de Porres (USMP Virtual) que hoy se hace realidad gracias al trabajo conjunto con expertos de diversas facultades de la universidad. Esta revista nace con la finalidad de brindar un espacio a la investigación científica en las Nuevas Tecnologías aplicadas a la Educación. El objetivo es publicar artículos científicos de investigaciones descriptivas, explicativas y exploratorias que incluyan la perspectiva del análisis en torno a la educación virtual, con la finalidad de promover y difundir producciones académicas en este campo.

# Mosaico



## FILMES | PELÍCULAS

### VÍDEO OFICIAL DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL NO BRASIL

Para o ano de 2020, o Papa Francisco propôs a celebração de um pacto envolvendo toda a sociedade, a fim de que se renove a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva em prol das futuras gerações. "Para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira". Com esse provérbio africano, o Papa Francisco reconhece a necessidade de unir esforços para formar pessoas maduras, com responsabilidade na construção do bem comum. Para tanto, evoca uma ampla aliança pela educação envolvendo toda sociedade: O Pacto Global Educativo.

<https://www.youtube.com/watch?v=9-L19AT2f14> • 4 min. 34 seg.

### MENSAJE DEL PAPA ACERCA DEL PACTO EDUCATIVO GLOBAL

En la Pontificia Universidad Lateranense de Roma, sobre el Pacto Educativo Global, se presentó un video mensaje del Papa Francisco. "Es hora de mirar hacia adelante con valentía y esperanza. Que nos sostenga la convicción de que en la educación se encuentra la semilla de la esperanza: una esperanza de paz y de justicia. Una esperanza de belleza, de bondad; una esperanza de armonía social", afirmó el Papa en su video mensaje.

<https://www.youtube.com/watch?v=Cei7bhyw4nM> • 19 min. 28 seg.

### WEBINAR SOBRE O PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Convocado pelo Papa Francisco, o pacto desafia escolas e universidades a pensar em formas de renovar o comum compromisso com uma educação humana e de qualidade. Participam do bate-papo Lúcia Helena Bastos – Superintendente Regional de Educação SEE- MG, Dr. Deivid Carvalho Lorenzo - Pró-Reitor de Graduação, Extensão e Ação Comunitária da UCSal, Anderson Mendes Batista - Assessor Pedagógico da SME de Colatina (ES), Ir. Cláudia Chesini - Coordenadora Relacionamento Institucional ANEC e Pe. Julio Resende, Assessor Setor Educação da CNBB.

<https://www.youtube.com/watch?v=yTvtUUh8JE> • 1 h 19 min. 44 seg.

### OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO HÍBRIDA NO BRASIL

A Faculdade UNINA desenvolveu uma Semana Pedagógica Especial para abordar as metodologias inovadoras do ensino híbrido, que passaram a ser essências para o ensino nos dias de hoje. No primeiro encontro, o convidado foi o professor José Manuel Morán, que possui graduação em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira, mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

<https://www.youtube.com/watch?v=DOGkAGXSJMU> • 1 h 51 min. 03 seg.

### WEBINAR SOBRE LA ENSEÑANZA HÍBRIDA: PLANIFICACIÓN, APLICACIÓN Y EVALUACIÓN

La Facultad de Educación de la Universidad Iberoamericana y la Confederación Nacional de Escuelas Particulares invitó a la profesora Elvia Garduño Teliz, de la UNAM (México), para hablar sobre el tema.

<https://www.youtube.com/watch?v=B3nUoPRqxTE> • 1 h 21 min. 46 seg.

### SEMINARIO: LA ENSEÑANZA HÍBRIDA PARA UNA NUEVA REALIDAD

Seminario organizado por el Gobierno del Estado de México a través de la Subdirección de Formación Continua en colaboración con INNOVA Educa. Conferencistas invitados: Dr. Fernando Ontiveros y Dr. Jorge Joel Reyes Méndez.

<https://www.youtube.com/watch?v=-j-o0AMYWY4> • 2 h 12 min. 12 seg.

### KAAPORA - O CHAMADO DAS MATAS

Uma narrativa da ligação dos povos Indígenas com a Terra e sua Espiritualidade. Tendo a cosmovisão indígena como lente, a Kaapora e outros personagens espirituais são a linha central da narrativa e o argumento do filme.

*Direção: Olinda Muniz Wanderley – Yawar • Gênero: Documentário*  
*País: Brasil • Ano: 2020 • Duração: 100 min.*

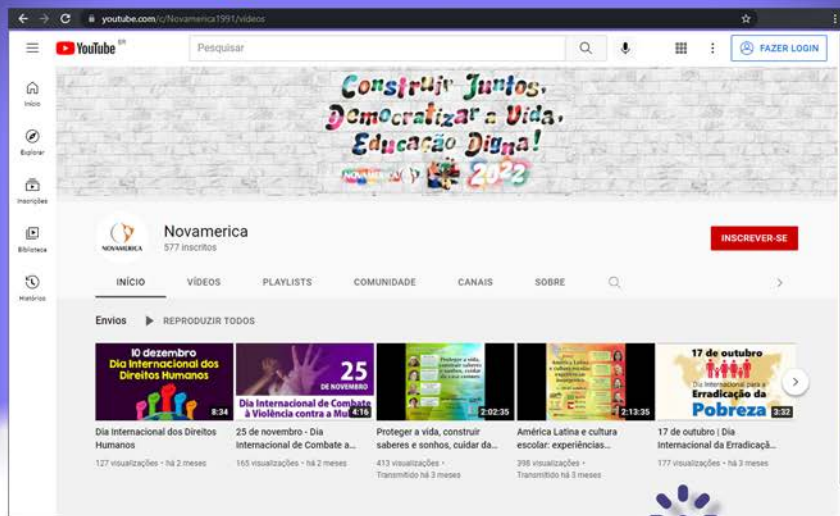
### É TUDO CULPA MINHA

A rotina diária de assistir em HD o mundo entrando em colapso por todo tipo de mídia possível e a impotência de não poder fazer nada para impedir. O filme se inspira em questões abordadas por Freud em "Mal-estar na civilização", analisadas sob o contexto pandêmico de 2021.

*Direção: Mila Milanese • Gênero: Animação*  
*País: Brasil • Ano: 2021 • Duração: 61 min.*

# Construir Juntos, Democratizar a Vida, Educação Digna!

Este é o lema que a  
ONG Novamerica  
definiu para orientar  
suas atividades  
ao longo de 2022.



**Acesse**

**[Youtube.com./c/Novamerica1991/vídeos](https://www.youtube.com/c/Novamerica1991/vídeos)  
e confira nossas Rodas de Conversas.**



## Diretora

Susana Beatriz Sacavino

## Conselho Editorial

*Argentina* María Antonia Leguizamón

*Bolivia* María Luz Mardesch

*Brasil* Vera Maria F. Candau

*Chile* Cecilia Arancibia

*México* Luz María Barajas

*Peru* Consuelo Denegri Seer

*República*

*Dominicana* Isabel Guillermo

*Uruguai* Mary Larrosa

## Comitê Técnico

Susana Beatriz Sacavino

Vera Maria F. Candau

Maria da Consolação Lucinda

## Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica

Adélia Maria Nehme Simão e Koff

## Revisão e Pesquisa

Adélia Maria Nehme Simão e Koff

Cecilia Botana

## Mosaico e Resumos

Cecilia Botana

## Secretaria e Tradução

Cecilia Botana

## Administração

Novamerica

## Projeto Gráfico

Rodolpho Oliva

## Diagramação e Capa

Neila Maria da Matta Martinho

## Logomarca da Capa

Néstor Sacavino

## NOVAMERICA

Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo

Rio de Janeiro, Brasil CEP: 22280-030

Tel./Fax: (021) 2542-6244/2295-8033

novamerica@novamerica.org.br

www.novamerica.org.br

ISSN 0325-6960

*A direção da revista não se responsabiliza*

*pelas opiniões disseminadas nos artigos.*

*Publicação indexada em CLASE*



**NOVAMERICA**

Apoio



**iresie**

Banco de datos  
sobre educación

Indización en IRESIE, base de  
datos especializada en educación  
iberoamericana.

<http://www.iisue.unam.mx/iresie>

<http://iresie.unam.mx>